



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de inauguração de escolas técnicas federais**

Brasília - DF, 1º de fevereiro de 2010

Eu não ia falar. Mas se eu não falo, eu fiquei com medo, Fernando, que amanhã dissessem: “O presidente Lula se sentiu mal e não falou”. Eu confesso a vocês que eu não sou de comentar pesquisa não, mas não há pressão que consiga subir com a pesquisa de hoje, mostrando que as pessoas estão compreendendo o que está acontecendo no Brasil.

Eu quero cumprimentar o meu querido companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,

A querida companheira Dilma Rousseff; o Sergio Rezende; o Altemir Gregolin, da Pesca,

A senadora Fátima Cleide, Ideli Salvatti, o senador João Pedro, o senador Renato Casagrande e o senador Valdir Raupp,

Os deputados federais Aelton Freitas, Alex Canziani, Ariosto Holanda, José Cirilo, Henrique Fontana, Maria do Rosário, Nilmar Ruiz, Odair Cunha, Paes Landim, Pedro Wilson e Virgílio Guimarães,

Quero cumprimentar nossa querida Consuelo Aparecida, reitora do Instituto Federal de Santa Catarina e, cumprimentando ela, cumprimento todos os outros reitores aqui presentes,

Quero cumprimentar o prefeito de Itapetininga, Roberto Ramalho, que falou em nome de todos os prefeitos. Então, em cumprimento todos os prefeitos na pessoa dele,

E cumprimentar a querida Bianca Silva Santana, que tem mais informação sobre o Ministério da Educação do que o Ministro, do que o Presidente, do que o Paim,

E quero cumprimentar os companheiros reitores, professores, diretores e



adjacências,

E vou ser muito breve aqui, Fernando, para dizer uma coisa para vocês: em 2004, se não me falha a memória, o companheiro Luiz Gushiken, da Secretaria de Assuntos Estratégicos, pede uma audiência para mim e vai me apresentar um estudo que eles fizeram sobre a percepção de um segmento da sociedade – foi uma pesquisa feita por telefone sobre a educação. E o que me chamou a atenção nessa pesquisa é que era unanimidade entre as pessoas que responderam as perguntas que as pessoas queriam uma educação de qualidade, professor melhor formado, escolas mais preparadas, ou seja, todo mundo queria aquilo que todo mundo sempre quer. E aí, o que me deixou mais indignado é que todas as pessoas tinham noção de que a educação era a coisa mais importante, era necessária, aquele negócio todo. Mas uma outra pergunta: mais de 50% ou 60% não acreditavam que a gente fosse capaz de fazer. Ou seja, as pessoas queriam, mas, ao mesmo tempo, elas diziam que o País não tinha condições de dar a elas a escola do sonho delas. E eu vi aquilo como um desafio de que era possível a gente estabelecer uma nova dinâmica na área da educação e a gente, então, começar a preparar para que a próxima geração tenha uma educação de qualidade, eu diria, que não possa ser questionada por nenhuma pessoa de lugar nenhum. Ou seja, nós não queremos apenas ser o melhor, nós queremos disputar para sermos o melhor, ou pelo menos estar entre os melhores.

Mas essa coisa vai ganhando importância na medida em que a gente percebe que tinha um desejo, Fernando, represado. Você tinha um desejo da sociedade brasileira, de querer mudança na educação e querer as coisas na educação, que estava represado. E quando a gente começou a abrir as comportas, a gente começou a ter milhares de pessoas pelo Brasil inteiro que passaram a forçar, a questionar, a cobrar. Veja, por exemplo, o fato de você sair de um orçamento de R\$ 20 bilhões para um orçamento de R\$ 60 bilhões.



Ora, não é uma coisa simples de fazer isso, porque cada ministro, cada ministro tem na sua área a coisa mais importante.

Mas não foi apenas na educação, via Ministério da Educação. O PAC de Ciência e Tecnologia colocou R\$ 41 bilhões entre 2007 e 2010 para que a gente pudesse investir em ciência e tecnologia. E o Sergio Rezende sabe que eu sou o grande cobrador dele. Ou seja, eu quero saber se a gente vai conseguir colocar todo o dinheiro que nós aprovamos. Porque um problema sério no Brasil não é apenas a falta de dinheiro, é a falta de focar o que é prioritário e a falta de projetos, a falta de projetos. E aqui, os prefeitos precisam compreender o seguinte: não tem nada pior do que a “política de engana” que se fazia neste país, com as prefeituras, na liberação de recursos. Ou seja, você tem mais instrumentos proibindo alguém de pegar dinheiro do governo federal - embora o governo federal possa ter o dinheiro, ou o governo estadual possa ter o dinheiro -, você tem mais mecanismos impeditivos do que mecanismos que facilitem a vida do prefeito.

Eu vou dar um exemplo para vocês: eu estava discutindo hoje, em uma reunião com a Dilma, com o ministro e outros ministros lá, discutindo a questão do *Territórios da Cidadania*, porque o *Territórios da Cidadania* é, na minha concepção, nesses 40 anos de vida política, eu não conheço nada mais bem pensado do que o *Territórios da Cidadania*, que é você colocar um conjunto de políticas públicas do governo em um conjunto de cidades, com a coordenação, com participação de prefeitos e de governadores. E aí, esses municípios que entraram no *Territórios*, normalmente, são os municípios mais pobres, Fernando, são os municípios de IDH mais, eu diria, mais fraco. O que nós descobrimos hoje, em uma reunião? É que a maioria dos prefeitos está no Cauc [Cadastro Único de Convênio] e, portanto, não pode pegar dinheiro público. Ou seja, é um que deve para a Prefeitura, é outro que deve não sei... É um que deve para o INSS, é outro que deve não sei para onde, é outro que deve... Ou seja, se a gente não sentar e criar um instrumento especial... porque



esse diabo desse Cauc, as pessoas entram e saem, entram e saem, entram e saem, entram e saem. Acontece que na maioria das cidades pequenas os prefeitos não têm sequer condições de contratar um técnico para fazer um projeto, para fazer um pedido.

Então, eu queria dizer para os prefeitos que esse negócio, para funcionar, precisa ter projeto. E por que funcionou na educação? Por que funcionou? Primeiro, porque você tinha um presidente da República que queria. Segundo, porque você tinha todo o pessoal do Ministério, coordenado pelo Ministro, com uma vontade de fazer aquilo que era o desejo de todo mundo. Terceiro, porque descobriu-se também uma sede, por escolas técnicas e por educação, dos prefeitos. É impressionante, tem prefeito que deu a sede da Prefeitura para botar escola, tal era a vontade que ele tinha de que tivesse uma escola na sua cidade.

Uma coisa extraordinária hoje é que quando eu viajo o Brasil a gente encontra as pessoas com faixa, não é mais de protesto, não – de protesto está cada vez menor, cada vez menor – porque as pessoas estão percebendo que as políticas que estamos adotando são aprovadas por elas em conferências nacionais, não sou eu quem decide a política.

Mas o que a gente está percebendo? Não tem uma cidade hoje, em que a gente vá, que não queira uma escola técnica, que não queira uma extensão universitária. Ora, então, o que aconteceu, gente? Nós... Fernando, veja o milagre que nós fizemos, até muitas vezes sem saber, e você à frente desse processo: nós conseguimos transformar a questão da educação, que era quase um problema social, por conta da falta de investimento na educação, em um problema político. E qual é o problema político? É o de fazer com que prefeitos e municípios, que as pessoas passem a reivindicar educação. Antigamente, quem é que pedia uma escola, Ideli? Era um ou outro deputado, um ou outro senador... Mas a gente não ia... Na cidade, a gente não via ninguém pedindo escola. Hoje, é a coisa que a gente mais vê. Então, nós colocamos a educação



na pauta, não porque o governo quer ser bonzinho, ou quer fazer uma escola a mais, é porque o povo descobriu que uma escola na sua cidade é um fator extraordinário de diferenciação daquele município, por menor que seja a escola.

Então, eu acho que essa é a grande revolução que está acontecendo neste momento no Brasil, as pessoas acordaram. E queria reiterar: “Prefeitos, tragam projetos”. Muitas vezes... Facilita muito para nós aprovar uma escola, se em uma cidade tiver algo... um prédio abandonado, um prédio que possa ser reformado, alguma coisa que a gente possa utilizar, porque aí você não tem que fazer todo o trabalho de comprar terreno. Mas se alguém tiver, não faltará dinheiro para investir em educação neste país. Eu duvido... independentemente de quem seja o governo, porque na hora em que se transformou a educação em uma pauta política da sociedade, as pessoas estão descobrindo que não tem como voltar atrás. Não pode deixar alguns senadores e deputados mais espertos que outros, como a Ideli, que levou tudo para Santa Catarina, ou outros estados que levaram muito. Mas essa combinação...

Eu fui ao Ceará com o Fernando Haddad, quando inauguramos uma escola, ele anunciou mais um convênio com o governador para mais 20 escolas técnicas estaduais, em uma parceria do governo com o governo federal. Eu digo todos os dias para os governadores: não existe possibilidade de um governador, de um prefeito pedir alguma coisa para este governo e a gente negar. Não existe possibilidade, sobretudo em se tratando de educação, porque eu estou convencido, pela minha lição de vida, de que não existe nada mais sagrado para um país do que formar os seus jovens, do que dar a eles oportunidade.

Obviamente que não é todo mundo que tem essa sensibilidade. Muitas vezes, as pessoas que já estudaram esqueceram que estudaram em escola pública, esqueceram que tinham que pagar uma contrapartida para o restante da sociedade estudar. As pessoas esquecem que todo mundo tem que ter



chance. E o Brasil estava conformado, já existia quase um conformismo institucional, ou seja, “escola é para classe média mesmo, é para classe média alta, pós-graduação é para rico, que pode fazer lá fora. No Brasil, olha, pobre tira diploma primário e vai trabalhar, que já está bom demais.” No meu caso foi verdadeiro; agora, eu digo para todo mundo: não tenho orgulho nenhum. Você não sabe como eu gostaria de ser economista. Chique, Fernando Haddad, ser economista! É verdade, eu tinha vontade, Virgílio, de ser economista, porque eu vejo vocês falarem com tanta facilidade um monte de números, um monte de coisa. Eu fico pensando: se eu fosse sabido como eles, o que eu não faria para esse país aqui, com essa sabedoria!

Então, eu acho que nós encontramos o caminho, nós encontramos o caminho. E aqui, sem nenhuma falsa modéstia. Deus queira que daqui para a frente eu seja um paradigma para quem vier depois de mim. Quem vier governar este país depois de mim não tem o direito de fazer menos do que eu, não tem, não tem o direito, porque nós mudamos o paradigma, que era muito nivelado por baixo. Vocês estão lembrados: o salário mínimo, você não podia dar aumento para o salário mínimo porque o salário mínimo ia causar inflação e quebrava a Previdência. Nós estamos, há sete anos, dando aumento consecutivo, e nem quebrou a Previdência e nem voltou a inflação, não é? “Ah, o Bolsa Família você não pode dar porque você vai transformar... uma parcela da sociedade que não quer trabalhar, vai viver de Bolsa Família.” Quem fala isso é tão ignorante que não sabe do orgulho próprio de 99,9% dos pobres que recebem o Bolsa Família, porque todo mundo gostaria de estar ganhando muito mais do que o Bolsa Família e trabalhando, todo mundo gostaria.

Vocês estão lembrados que, cinco anos atrás, a gente ligava um programa de rádio aqui, em qualquer horário aqui no Brasil, eram os radialistas falando: “Porque a fila do INSS demora três meses, porque o médico especialista demora quatro anos, porque marcar uma consulta...”. E era televisão, rádio e jornal, todos os dias na fila do INPS, na fila do INSS, em



qualquer lugar do Brasil. Vocês, faz quanto tempo que vocês não veem ninguém falar das filas do INSS? Ninguém. Qual foi o milagre que aconteceu? Sabem o que aconteceu? Primeiro, nós contratamos os legistas que tinham sido mandados embora, ou seja, os peritos que tinham sido mandados embora por conta de uma greve, um tempo atrás, em outros governos. Nós, em vez de ficarmos com os peritos terceirizados, nós contratamos mais de cinco mil peritos. E hoje, quem quiser marcar alguma coisa de consulta médica... Não precisa acreditar em mim: quando terminar este ato, pegue o celular, ligue 135 e você vai marcar uma consulta em qualquer lugar do território nacional, em qualquer lugar do território nacional.

Vocês lembram... Vocês pensam que é só a educação que mudou? Eu trabalhei na Previdência Social, no Sindicato. Foi assim que eu conheci a Marisa. Vocês conhecem a história, está mais do que manjada. Eu cuidava... dava atestado de... naquele tempo tinha uma coisa chamada “Atestado de Vida”. A pessoa que recebia pensão ia lá provar que tinha direito de receber pensão. Eis que chegou a viuvinha lá, nova, eu também viuvinho, bateu uma química assim, um...

Bem, mas eu estava pensando... Naquele tempo, eu dava entrada num processo de aposentadoria de um trabalhador, demorava três anos para sair, demorava três anos. Entre você fazer os cálculos, levar no INSS, protocolar, demorava três anos. Vocês sabem em quanto tempo um trabalhador brasileiro se aposenta hoje? Meia hora, sem ter que mostrar nenhum documento. Não é o trabalhador que mostra documento. É o governo que tem que mostrar que ele tem direito de se aposentar e que conquistou o direito.

Essas coisas, Fernando, estão acompanhando um pouco o passo das mudanças que vêm acontecendo na Educação. No Ministério da Ciência e Tecnologia, nós fizemos o PAC da Ciência e Tecnologia. Foi a única coisa que eu acho que na história dos cientistas brasileiros, dos grandes intelectuais brasileiros, da direção da SBPC, da direção não sei das quantas, foi a primeira



vez na vida que houve um projeto aprovado por unanimidade. Vocês acreditam? Pense em colocar cem cientistas em uma sala e achar que uma coisa vai ter unanimidade, pense. Pois o PAC da Ciência e Tecnologia teve unanimidade porque, pela primeira vez também, eles sentiram que foram eles que fizeram a proposta, não foi o governo. Não é a proposta do ministro Fernando Haddad, do ministro Sergio Rezende, da ministra Dilma. É uma proposta do Estado, que tem como base a participação da sociedade para construí-la. E assim vai para outras coisas.

Mas, voltando à educação, para terminar, eu acho que tudo o que a gente puder fazer pela educação ainda é pouco diante da quantidade de anos que nós não fizemos nada. Nós temos que correr, correr para fazer mais. Eu estava comentando com a Dilma, vendo o Fernando Haddad falar, eu falei: Dilma, olha aí, a máquina... nós aprendemos nesses oito anos. Todas as dificuldades foram superadas. Eu acho que daqui para a frente a tendência é a gente fazer com mais facilidade e fazer muito mais, não é?

O Fernando não falou das creches aqui, mas logo, logo nós vamos começar a visitar creches neste país, porque também ninguém assume responsabilidade. Nós queremos para uma criança pobre... porque a criança pobre, ela perde, muitas vezes, com relação a outras crianças. Veja, vamos pegar aqui a Ideli. Vamos supor que ela tivesse um menininho de cinco anos no ensino fundamental, e tivesse, do outro lado, uma outra mulher igual a ela com um filho do mesmo jeito, que a mãe não fosse sabida como ela é. Porque tem esse problema, ou seja, a mãe, às vezes, não sabe ensinar a criança a fazer absolutamente nada. Então, a criança só aprende na escola. Por isso que foi bom esse negócio dos nove anos, reduzir para seis anos, e melhor agora, colocar as crianças na creche, para que todos possam ter a mesma oportunidade.

Eu queria agradecer aos reitores. Se eu disser para vocês, vocês não vão acreditar: nunca, na história deste país – para não falar “a primeira vez” –,



nunca, na história deste país, um presidente da República tinha se reunido com mais de um reitor, e nem ministro da Educação. Não havia o hábito. Eles tinham medo de reitor, porque achavam que reitor vinha reivindicar muito aqui. Nós estamos terminando o mandato, todos os anos eu tenho me reunido com reitores, tanto os reitores das universidades quanto os do Cefet, do Ifet, todo mundo. E este dedo aqui não foi nenhum reitor, não. Isto aqui foi uma prensa, quando eu tinha 17 anos, na Villares. Eu... falta... eu tenho dois compromissos com vocês ainda. Não, um compromisso que eu tenho, que é o último que eu quero cumprir, que é a autonomia universitária. Isso, nós assumimos o compromisso de preparar. Na próxima reunião nossa, nós queremos tirar esse peso das minhas costas e passar para as costas de vocês. E aí vocês vão perceber como é fácil a gente falar e difícil fazer.

Quando nós aprovamos o piso de professor, que é muito pouco, R\$ 950 – R\$ 1.024 agora –, teve um monte de governador que entrou com uma Adin no Supremo Tribunal Federal, pedindo para cassar, porque não pode pagar isso. Quantos governos são? Cinco governos entraram dizendo que não podem pagar salário de R\$ 1.024. Eu acho, sinceramente, acho pouco, porque todo mundo sabe que uma professora hoje, na sala de aula, não ensina apenas a criança a estudar. Ensina noções de higiene, às vezes tem que fazer o papel de pai, às vezes tem que fazer o papel de mãe, às vezes tem que cuidar muito mais do psicológico da criança do que apenas ensinar a ela a aulinha de Português ou de Matemática.

Então, eu quero agradecer a vocês. Eu acho que o Fernando Haddad e a turma dele, Paim, com esse jeitozinho... O Paim é todo jeitozinho para falar, não é? Ele está sempre... Parece que ele está sempre conversando com a gente, com dor no dente, que é para... a turma, o Eliezer, esse pessoal, junto com vocês, fizeram um trabalho extraordinário. Eu quero confessar que eu via, na cara de cada um de vocês, nas minhas viagens pelo Brasil, a vontade que vocês estavam, a alegria que vocês estavam, a coisa que vocês queriam



estava acontecendo. Então, eu acho que vocês são parte responsável, tanto quanto nós, pelo que está acontecendo hoje.

E obviamente que eu fico feliz. Vocês vejam, um cara que só tirou o diploma primário na escola, que fez um curso de torneiro mecânico e que já é o presidente que mais fez universidades no Brasil e que mais fez escolas técnicas, obviamente que é motivo de orgulho, motivo de orgulho. Agora, obviamente que eu não faria se não fossem vocês, se não fosse o Fernando Haddad e a turma dele.

Nós, nós vamos entregar as 314 [240] universidades... escolas técnicas até dezembro. Deus queira que o Congresso Nacional aprove a universidade afro-brasileira, para a gente começar a fazer, na cidade de Redenção, no Ceará, fazer... que é uma forma de a gente pagar a nossa dívida com a África. A dívida com a África, você não paga ela em dinheiro. Você paga em gestos, em solidariedade e companheirismo. Eu estou pedindo ao Fernando Haddad, que ele poderia me dar esse presente antes de deixar o governo, que é... nós poderíamos fazer universidade aberta em Moçambique e em Angola, dois países de língua portuguesa, que a gente poderia fazer uma experiência. Prometo a você que eu vou com você a Moçambique e a Angola antes de terminar o meu mandato, para a gente poder mostrar para esse pessoal que tem jeito para fazer as coisas. E eu acho que nós poderíamos ter um gesto... Porque depois que fizer em Moçambique e Angola, depois vem Cabo Verde, depois vem São Tomé e Príncipe, depois vem Guiné-Bissau. Todos, de língua portuguesa, vão pedir e a gente, como país maior, nós temos obrigação de fazer. Essa é a verdade.

O Brasil saiu do rol dos países pequeninhos, tomadores, e passou para o [rol] dos países grandes, doadores. Então, o Brasil precisa, agora, fazer muito mais gestos do que receber gestos. Nós já estamos na condição de ajudar os outros, afinal de contas, se a gente pôde emprestar US\$ 14 bilhões para o FMI, por que a gente não pode fazer uma escolinha de longa distância



com Moçambique? Não é nem a distância, isso é longa distância porque você tem que... com Moçambique, você atravessa o oceano e atravessa o território africano.

Então, Fernando, eu acho que ainda dá para a gente fazer alguma coisa e essa seria uma experiência rica, porque se isso der certo, Fernando, uma das coisas que a gente poderia contribuir era que cada país que colonizou os países africanos e que o povo fala a sua língua, teria a obrigação de montar uma universidade a distância para ensinar o povo mais pobre a ter acesso à formação. E aí era importante o exemplo nosso, o exemplo nosso. Deu certo com o Brasil, tem que dar certo com os outros.

E, Fernando, te dar os parabéns. Este ato aqui era para ter sido em dezembro, mas a agenda não permitiu. Somente agora, com uns dias de atraso, mas nós estamos cumprindo a primeira fase e agora, terminar o restante, está muito fácil para terminar. Eu quero dizer, Fernando, que a história do Brasil vai registrar o trabalho que você fez na área da educação, que o Sergio Rezende fez na área da ciência, mas sobretudo o pessoal que trabalha com a gente que, muitas vezes, vive no anonimato, mas eles dão duro, trabalham, perseguem e as coisas acontecem.

Então, quero dizer para vocês que é um dia gratificante para mim. Eu, se todo jovem pudesse ter o que eu tive quando eu tinha 15 anos de idade, de aprender uma profissão, certamente as cadeias iriam ficar de portas abertas porque as pessoas iam preferir ganhar o dinheiro honestamente, do que ficar roubando outro mais pobre do que ele, como acontece em muitos lugares do Brasil.

Quero agradecer aos senadores, aos deputados, aos reitores. Obviamente, companheira Dilma, se você não está na coordenação, as coisas demorariam um pouco mais. Então, hoje vocês me deram um presente. Eu espero que a gente possa continuar, na área da educação, fazendo mais do que a gente fez, Fernando. O povo precisa mais, o Brasil quer mais, e eu acho



que nós não temos que medir nenhum esforço, e colocar na educação aquilo que a gente poderia ter colocado na década de 30, na década de 40, na década de 50. Perderam-se todos esses anos. Nós, agora, temos que andar mais rápido.

Parabéns a todos os prefeitos, parabéns aos diretores que receberam a placa aqui. E continuem, pelo amor de Deus, continuem reivindicando escolas, porque é a reivindicação mais justa e é a que vai resolver o problema, em definitivo, da nossa sociedade.

Parabéns a vocês e obrigado.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
solenidade de abertura do Ano Judiciário**

Supremo Tribunal Federal – Brasília-DF, 1º de fevereiro de 2010

Meu caro companheiro e amigo José Alencar, vice-presidente da República,

Ministro Gilmar Mendes, presidente do Supremo Tribunal Federal, e senhora Guiomar Mendes,

Senador José Sarney, presidente do Senado Federal,

Deputado Michel Temer, presidente da Câmara dos Deputados,

Senhor Roberto Gurgel, procurador-geral da República,

Senhora Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,

Tarso Genro, ministro da Justiça,

Nelson Jobim, ministro da Defesa,

Luís Inácio Lucena Adams, advogado-geral da União,

Jorge Hage, do Controle e Transparência,

Alexandre Padilha, ministro de Relações Institucionais,

E Samuel Pinheiro Guimarães, de Assuntos Estratégicos,

Ministro Carlos Ayres Britto, presidente do Tribunal Superior Eleitoral,

Senhores ministros do Supremo Tribunal Federal,

Ministro Cesar Asfor Rocha, presidente do Superior Tribunal de Justiça,

Ministro Milton de Moura França, presidente do Tribunal Superior do Trabalho,

Ministro Carlos Alberto Marques Soares, presidente do Superior Tribunal Militar,

Senhores presidentes e membros de demais tribunais superiores,

Senhores magistrados, integrantes do Ministério Público,

Senhores representantes dos advogados,



Senhores da imprensa,
Meus amigos e minhas amigas,

Sinto-me honrado em participar mais uma vez desta solenidade na qual, juntos, voltamos a reafirmar a independência e a harmonia sobre as quais se assentam as relações entre os Poderes da República.

Como se sabe, esta é a última vez, nos meus dois mandatos consecutivos, que venho a esta Casa na primeira semana de fevereiro para celebrar a abertura do Ano Judiciário.

Quero desde já, portanto, expressar a minha alegria por ter contado com a oportunidade de conviver com os senhores e as senhoras durante o exercício de nossas funções constitucionais nos últimos sete anos.

Em todos os momentos, mantivemos as relações entre o Judiciário e o Executivo do modo prescrito pela nossa Constituição: nos mantivemos próximos, mas sem perder, em qualquer momento, a nossa independência.

Ao longo dos últimos anos, pudemos contribuir – e estamos contribuindo – para o aprofundamento da democracia em nosso país.

Acredito, aliás, que uma das mais nobres missões que couberam à nossa geração de governantes e de magistrados é justamente essa: deixar, para os que estão por vir, um ambiente democrático ainda mais sólido do que aquele que encontramos quando ingressamos no governo ou na magistratura.

Não podemos nos esquecer, afinal, de que a redemocratização do País ocorreu há apenas 25 anos, e que a Carta Magna irá completar, em 2010, seus 22 anos de existência.

Em termos históricos, isso é muito pouco tempo. É apenas um quarto de século na vida de uma nação que começou a ser formada há 500 anos.

Mas, se olharmos hoje para a solidez de nossas instituições e para a normalidade que pauta os processos judiciais, as eleições e a atividade legislativa, veremos que nossa democracia é forte e saudável, e que carrega



consigo o dinamismo da juventude.

A verdade é que ano após ano, governo após governo, vai ficando ainda mais claro que o conjunto da sociedade brasileira acertou ao escolher a democracia como o caminho a ser trilhado. E ao decidir que é por meio dessa trajetória que se constrói uma nação cada vez mais soberana, próspera, justa e igualitária.

Minhas senhoras e meus senhores,

Dois grandes exemplos do momento virtuoso vivido pelas nossas instituições foram os pactos assinados em 2004 e 2009 pelos três Poderes, com o objetivo de empreender reformas em nosso sistema de Justiça.

O último desses documentos – o Segundo Pacto Republicano de Estado por um Sistema de Justiça mais Acessível, Ágil e Efetivo –, assinado em abril passado, já resultou em mudanças na prática judiciária brasileira, seguindo a mesma trajetória de rápida implementação do pacto anterior.

Hoje, menos de um ano após a assinatura do segundo documento, já foram aprovados no Congresso Nacional 13 importantes Projetos de Lei e uma Emenda à Constituição.

Isso só ocorreu – e é preciso ressaltar este ponto – porque o Parlamento fez questão de priorizar a tramitação das propostas do Pacto. Da mesma forma, deu importantes contribuições para sua elaboração e aprimoramento, reafirmando seu compromisso em cooperar para a superação dos gargalos da prestação da Justiça.

Não cabe aqui entrar em detalhe sobre todos os avanços decorrentes das leis aprovadas. Gostaria, contudo, de citar três exemplos:

A criação de 230 Varas da Justiça Federal, que levam para o interior do Brasil a estrutura do Estado e ampliam o acesso à Justiça a grandes setores de nossa população;

A criação dos Juizados Especiais da Fazenda Pública em estados e municípios. Por meio deles, a população poderá protestar, por exemplo, contra



lançamentos fiscais e multas de trânsito indevidamente aplicadas. Isso dará muito mais agilidade e eficiência à resolução dos conflitos que hoje costumam lotar os tribunais;

A lei que fortalece a Defensoria Pública e a transforma em instituição permanente, comprometida com a defesa dos direitos humanos. A partir de agora, a distribuição geográfica das Defensorias irá priorizar as regiões com maior exclusão social e densidade populacional.

Minhas senhoras e meus senhores,

Ao iniciarmos a Reforma do Judiciário sabíamos que o trabalho seria árduo, mas também sabíamos que contávamos, todos, com a dedicação e a vontade necessárias para essa mudança.

Com a criação da Secretaria de Reforma do Judiciário no Ministério da Justiça, conseguimos qualificar a contribuição do Poder Executivo e trabalhar de forma cooperativa com o Poder Judiciário. Hoje, quase oito anos após o início da Reforma, podemos ver como as transformações ocorridas no Judiciário foram profundas e virtuosas.

Os Conselhos Nacionais de Justiça e do Ministério Público estão plenamente implantados e atuam de forma constante na formulação de diretrizes para suas áreas de atuação.

Os institutos da súmula vinculante, repercussão geral e dos recursos repetitivos – criados para dar celeridade aos processos – estão sendo cada vez mais usados em nossa Justiça.

Vinte e cinco meses depois da entrada em vigência da Lei que cria o processo eletrônico, a Justiça Brasileira já contabiliza, em seus tribunais, 2 milhões e 800 mil processos sem papel. E, apenas no Superior Tribunal de Justiça, já existem mais de 100 mil recursos especiais e agravos de instrumento digitalizados.

O Tribunal Superior do Trabalho bateu recorde de produtividade em 2009, julgando mais de 265 mil processos ao longo do ano e reduzindo seu



passivo de processos pendentes para 178 mil. Espero que algum meu tenha sido julgado. Faz tanto tempo...

E o Poder Judiciário, em especial o Supremo Tribunal Federal, tem dado importantes contribuições ao nosso marco jurídico ao julgar matérias de grande repercussão no cotidiano da sociedade brasileira.

Estou falando de casos que vão desde a demarcação da Terra Indígena Raposa Serra do Sol à constitucionalidade da Lei de Recuperação Judicial e Falência. Do reconhecimento do direito de recorrer em liberdade à afirmação da constitucionalidade da legislação que proíbe as importações de pneus usados.

Os exemplos da atuação do Supremo são muitos. Mas eles guardam, em comum, o compromisso da Corte em construir um ambiente juridicamente seguro e estável, componente indispensável para a manutenção de um longo ciclo de desenvolvimento social e econômico do nosso país.

Esses fatos que narrei comprovam que, em todas as suas instâncias, o Judiciário Brasileiro mostra-se sólido e atuante nas missões constitucionais. Mais do que isso: está engajado no prosseguimento das reformas que tornarão o Sistema de Justiça ainda mais rápido e, sobretudo, acessível à população.

Quero, portanto, agradecer e dar os meus parabéns a todos aqueles que vem dedicando o seu esforço e o seu saber a esta tarefa tão nobre.

E que os senhores e as senhoras – e todos os demais magistrados, membros do Ministério Público e servidores que integram o Poder Judiciário brasileiro – tenham um bom ano em 2010 e muito trabalho pela frente.

Obrigado.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração do Gasduc III**

Duque de Caxias - RJ, 03 de fevereiro de 2010

Eu quero cumprimentar duas pessoas aqui, e cumprimentando as duas pessoas eu estarei cumprimentando todos os demais convidados que estão aqui. Eu queria cumprimentar o nosso querido Pezão, o vice-governador, e convidar [cumprimentar] o companheiro Simão, presidente do Sindicato dos Petroleiros, e assim eu ganho tempo para falar um pouco mais aqui, sem precisar citar todos os nomes, porque todo mundo já citou e daqui a pouco as pessoas começam a querer ser candidato, a se filiar em partido político, porque começam a ficar conhecidas, então vamos evitar um pouco isso aqui.

Possivelmente, a maioria de vocês não tenha dimensão de que eu acho que eu estou sentindo uma...uma sensação de dever cumprido. Quando eu fui candidato a governador em 1982, em São Paulo, eu disputava as eleições, e um dia perguntaram para mim por que é que eu queria ser candidato a governador do estado. Eu não tinha nenhuma experiência política, o meu Partido tinha apenas dois anos de existência. A única experiência que eu tinha era de ter feito as greves em [19]78, [19]79 e [19]80 no ABC. E aí eu fui guindado a... o José Sergio Gabrielli foi candidato em [19]86, na Bahia. Não tivemos quase votos, essa é a verdade.

Mas, então, perguntaram para mim por que é que eu queria ser candidato ao governo de São Paulo, e eu dizia: eu quero ser candidato e quero ser governador para provar a mim mesmo se eu tenho competência de fazer tudo aquilo que eu acho que os outros têm que fazer. Porque é mais fácil você cobrar dos outros; é mais fácil dar uma enchente e você culpar o prefeito; é mais fácil ter um terremoto e você culpar o presidente; é mais fácil você culpar o cara que perdeu um pênalti, sem estar no lugar dele para bater o pênalti.



Quem já bateu, sabe que o goleiro cresce para “desgrama” na frente da gente. A gente fala “Não, mas são 11 metros de distância”. Vai lá para você ver como 11 metros é curtinho, lá. Onze metros é distante se a gente tiver que pagar uma dívida, aí 11 metros fica bastante distante, você vai devagarinho. Se for para encontrar uma namorada, onze metros é um centímetro; você dá um pulinho, já está com a namorada.

Então, eu acho que foi a primeira sensação que eu tive, de responsabilidade, foi de dizer que eu gostaria de ser o governador para fazer aquilo que eu achava que os outros deveriam fazer. E eu sei que, durante muito tempo – e eu perdi três eleições –, porque uma parte das pessoas que eu acreditava que deveriam votar em mim, que era uma grande parte dos meus companheiros trabalhadores deste país afora, não votavam. E não votavam porque as pessoas diziam: “Espera aí. Esse cara é igual a mim; se eu não me sinto em condições de ser um presidente, por que esse cara quer ser?”

Eu lembro que uma vez, Dilma, não sei se você sabe essa história, nessa campanha de candidato a governador era proibido aparecer gente de rua... Não sei se os mais velhos lembram da lei Falcão. Aparecia apenas a cara da gente e dizia “Fulano de Tal”. Então, eu achei que a minha propaganda era genial, porque a minha propaganda dizia o seguinte: “Luiz Inácio Lula da Silva. Ex-tintureiro, ex-alfaiate” – Alfaiate nada, eu entregava roupa. “Ex-tintureiro, ex-alfaiate, ex-met...” não, “ex-engraxate, ex-tintureiro, ex-metalúrgico, ex-sindicalista, ex-presos político, um brasileiro igualzinho a você”. Eu achava aquilo o máximo! E depois eu comecei a descobrir que as pessoas gostariam de ser um brasileiro um pouquinho mais do que isso que eu fui, com menos sofrimento e com um pouco mais... Mas o tempo ensina, e a gente, então, vai aprendendo as coisas.

Quando eu cheguei à Presidência da República, eu cheguei com um acúmulo de três derrotas. E tem gente que sofre com a derrota, e tem gente que aprende com a derrota. Eu acho que, hoje, eu poderia dizer que foi Deus



que não permitiu que eu ganhasse as eleições em 1989. Foi a campanha mais maravilhosa, a mais bonita, a mais emocionante... Talvez seja difícil a gente repetir, porque aquelas coisas acontecem uma vez na vida, outra na morte. Mas, de qualquer forma, eu acho que, se nós tivéssemos chegado ao governo naquele momento, possivelmente a nossa vontade de fazer era tanta, que a gente ia tropeçar, e a gente talvez não conseguisse fazer. Porque não tinha acúmulo de experiência, porque não tinha acúmulo de gente preparada para governar... uma série de coisas que acontecem quando a gente chega a um cargo de responsabilidade importante.

Então, quando nós chegamos ao governo, nós chegamos com duas coisas... Eu tinha muito a questão do Walesa na minha cabeça. Porque, não sei se vocês sabem, o Walesa, que foi um grande dirigente sindical da Polônia, com uma diferença de mim, porque ele era anticomunista e eu, embora não fosse comunista, era simpatizante da causa nobre daqueles que lutaram para construir um estado socialista. Mas eu tinha muito em mente o fracasso do Walesa na Polônia. Ele foi eleito presidente da República da Polônia e, depois que terminou o mandato, ele foi se candidatar, ele só teve 0,6% dos votos, ou seja, menos que 1% dos votos. Significa que foi uma decepção para o eleitorado, sobretudo para os metalúrgicos de Gdansk, que era um grande estaleiro que tinha na Polônia, em Varsóvia, e que ficaram decepcionados.

Então, eu tinha muito em mente que a gente não podia errar, a gente não podia falhar. E o que me preocupava era o seguinte: se nós falharmos vai demorar 200 anos para um trabalhador pleitear ser presidente da República outra vez. Porque, no meio da elite, que governa o Brasil há tantos anos, isso não tem problema. Eles acumularam tantos fracassos que o cara fracassa, perde as eleições, vai embora, passa dois anos nas “Europa”, volta depois, com a maior cara de pau, quatro anos depois é candidato a alguma coisa, tenta esquecer aquilo lá, e assim vai, é a vida inteira. A vida inteira foi assim.

E eu dizia: Nós não podemos errar. Primeiro, porque eu não posso ir



para as “Europa”, eu tenho que ficar aqui dentro. Segundo, o meu apartamento fica a 600 metros da sede do Sindicato dos Metalúrgicos, e a peãozada vai me cobrar. Então, eu não tenho o direito de errar.

E, aí, você começa a acertar na montagem da equipe. Isso é uma coisa sagrada: é você governar montando a equipe. E parte dessa equipe... Eu vou contar dois casos para vocês: eu não conhecia a Dilma. A Dilma trabalhava no Rio Grande do Sul, era secretária de Minas e Energia, mas eu tinha uma grande equipe que discutia energia comigo, coordenada pelo companheiro Pinguelli Rosa, que vocês conhecem aqui, do Rio de Janeiro, da Coppe, companheiro da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E durante muito tempo o Pinguelli foi meu assessor, a gente constituía grupo de trabalho e ele me ajudava. E aí já perto da campanha de 2002, perto da campanha de 2002, eu fiz uma reunião para discutir a questão de energia no Brasil, eis que entra essa senhora com um *notebook* na mão e começamos a reunião, começamos a reunião, terminou a reunião, eu falei: eu acho que eu já encontrei minha ministra de Minas e Energia. Nesse meio tempo, Lobão, o José Dirceu já tinha negociado com o PMDB o Ministério de Minas e Energia, e eu, então, liguei e disse o seguinte: olha, não tem negociação no Ministério de Minas e Energia, porque eu acabo de encontrar a minha ministra aqui, e vai ser a companheira Dilma Rousseff.

Pois bem, o que é que a Dilma fez no Ministério de Minas e Energia? Ela simplesmente fez uma nova matriz, um novo marco regulatório do sistema energético brasileiro. E é o que está dando certo hoje, porque nós partimos do pressuposto de que não adianta você ter muita água, não adianta você ter muito gás se você não tiver uma matriz energética integrada, em que você possa transitar com a energia do Norte para o Sul, do Sul para o Sudeste, do Sudeste para o Centro-Oeste, já que nós somos um país só.

Então, no apagão de 2001, nós tínhamos energia de sobra em São Paulo, não, no Rio Grande do Sul, e nós não tínhamos linha de transmissão



para trazer do Rio Grande do Sul para São Paulo, e faltou energia em São Paulo e [no] Rio de Janeiro. Então, isso foi resolvido. Aquilo que o Lobão disse é verdade: nós fizemos até agora, em sete anos, 30% de tudo o que tinha sido feito em 123 anos, de linha de transmissão. O que é importante nisso? É que nós estamos mudando o parâmetro.

Mas, então, a Dilma foi ministra de Minas e Energia, aprovamos o novo marco regulatório, o Congresso votou rapidamente, e um belo dia esta senhora entra na minha sala para me comunicar a seguinte questão... porque ela e a Graça, elas trabalhavam até às 4h da manhã, às 5h da manhã. Acho que elas brigavam com os namorados ou com os maridos e trabalhavam até às 4h da manhã, às 5h da manhã, às 6h. Às vezes, eram 9h, ligava para a Dilma, falavam: “Olha, a Dilma saiu daqui às 7h, saiu daqui às 6h”.

Bem, aí um belo dia a Dilma entra na minha sala e fala assim: “Presidente, nós vamos ter um prejuízo muito sério, porque a dona Maria Graça vai sair do governo. Ela foi contatada por uma empresa multinacional que quer contratá-la. O salário dela vai ser muito chique, vai ser assim, tipo Ronaldinho, Kaká, e ela está ganhando aqui igual ao salário do presidente da República, um pouquinho mais. Então, ela quer ir embora”.

Aí, mandei chamar a Graça na minha sala, ficou eu, a Graça e a Dilma conversando, aí a Graça expôs que a empresa ofereceu isso – não vou dizer tudo que a empresa ofereceu – a empresa ofereceu isso, ofereceu aquilo, ofereceu apartamento, ofereceu passagem, ofereceu não sei das quantas, para ela ir não sei para onde, para voltar não sei para quando e tal. Era um negócio assim que a Petrobras, obviamente, que não pode dar. Que a Petrobras está tão mão de vaca, que eu vou denunciar vocês ao Tribunal de Contas da União! Porque...

Não. Eu estava com sede, eu queria beber água e, antes de eu pedir o meu copo d’água eu perguntei: Zé Sergio, está tendo água para esse povo aí? Está tendo água? Aí, ele falou: “Está tendo”. Eu falei: Mas eu não estou vendo



distribuir. Aí, logo apareceram os companheiros aqui distribuindo. Mas disseram: “Mas tem mais de 20 pessoas distribuindo”. Eu falei: Pode ter 20 responsáveis, mas, distribuindo, eu não vi nenhum distribuir ainda. Pois bem. Então, isso é contenção de despesas da Petrobras. E outra coisa que eu senti aqui é um ventilador, gente. Vocês não sabem... Os meus amigos da imprensa e quem monta isso aqui têm a mania de colocar uma maldita luz na cara da gente que está ali. Vocês não estão sentindo o que é o calor desses faroletes apontando para a cara da gente. Vocês vejam, eu aqui, ó: em vez de estar parecendo um Presidente, estou parecendo um pintinho que caiu em uma poça d’água. Por culpa de quem? Por culpa da Petrobras e sua contenção de despesa, que...

Bom, certamente essa contenção de despesa da Petrobras no ventilador e na água deve resultar, em algum momento, em aumento de salário para os trabalhadores da Petrobras. Certamente.

Bem, mas, aí, eu falei: Companheira Graça, olha, você é muito importante. É muito importante para a Petrobras, você é muito importante para trabalhar com a Dilma. Nós estamos concluindo um trabalho no Brasil, nós estamos fazendo um governo, e vamos precisar de você. Eu acho que é muito importante que você faça um sacrifício, e você fique conosco. Eu sei que houve um começo de choradeira, todo mundo muito emocionado... O dado concreto é que a nossa querida Graça Foster resistiu à quantidade de dinheiro que ia ganhar lá fora para dedicar um pouco da sua competência a resolver problemas crônicos deste país na questão de combustível. Então, é uma companheira de valor extraordinário.

E o outro é o companheiro José Sergio Gabrielli. O José Sergio Gabrielli, só para vocês terem ideia, quando eu fui colocar o José Sergio Gabrielli de diretor financeiro da Petrobras – eu conhecia o José Sergio da Bahia, eu conhecia o José Sergio do PT, conhecia o José Sergio da universidade federal, grande economista, grande mesmo, bom economista – e eu falei: bom, vai ser



o meu diretor financeiro da Petrobras, já que o José Eduardo Dutra, que era mais ligado ao setor, ia ser o presidente da Petrobras. Vocês não imaginam as aberrações que falaram: “Como é que o Lula vai colocar um cara” – não era “o cara”, era “um cara” – “que nem conhece a Petrobras, de diretor financeiro? Não vai dar certo. Era melhor deixar o que estava lá, ó”. Olha a malandragem! “É melhor deixar o que está lá. O que está lá já tem experiência. Deixa.” Bom, o dado concreto é que nós colocamos o José Sergio Gabrielli, e um ano depois ele foi eleito o diretor financeiro... o melhor diretor financeiro de todas as petroleiras do mundo, acho que foi em 2006, 2005, tá?

Mas aí teve uma coisa engraçada, que é a razão pela qual eu estou enrolando vocês aqui. Esse Gasene, famoso, que a Graça me disse que ficou emocionada quando ela viu a junção dos dois gasodutos, um sulista falando “tu és, tu pensas, tu queres” ou falando que nem carioca com o “s” na frente assim, tal, e outro nordestino. Os (incompreensível) encontraram: um falava ô xente e o outro falava um pouco assim, se encontraram. Ela falou que ficou emocionadíssima e um monte de coisas. E eu me lembrei da primeira discussão que nós fizemos deste gasoduto. Foi a primeira coisa que nós decidimos em votação no governo, porque no regime presidencialista não tem votação. O pessoal discute, discute, discute, coloca na mesa do presidente, se deu consenso, ótimo. Se não deu consenso, o presidente toma a decisão e eles não podem nem reclamar porque a gente pode mandar eles embora.

Mas nós tivemos uma discussão ideológica, porque tinha uma disputa Japão e China para ver quem fazia o Gasene. E aí nós tínhamos uma turma... porque governo bom é esse: é que tem uma turma mais conservadora e uma turma mais progressista. E tinha uma turma que queria o Japão – não vou dar nome aqui, viu, José Sergio? –, de quem queria o Japão. Tinha gente que queria o Japão porque era mais fácil, já tinha financiamento previsto, já tinha banco japonês garantindo o dinheiro. Então, tinha gente que queria fazer com o Japão. E tinha outra gente que queria fazer uma parceria estratégica com a



China e que, portanto, o Gasene era a primeira chance que a gente tinha, de fazer um pacote para trabalhar junto com a China. E, aí, eu coloquei em votação. Por um voto ganhou fazer com a China.

Só que a gente não sabia que os nossos amigos chineses eram duros na negociação. Porque depois que a gente decidiu que era a China, até começar a dar o primeiro ponto de solda, tome trabalho que os chineses deram na [para a] gente. Tome. Três anos de discussão.

Bom, não é diferente da Petrobras, porque a Graça, para pagar 100 milhões para a Bolívia, foi 27 vezes lá. Não é diferente. O dado concreto é que demorou pacas. Mas, graças a Deus, agora em abril, não é, Graça? Em março, nós vamos inaugurar, finalmente, a integração dos gasodutos brasileiros, e os gases vão poder transitar de país para país, de Estado para Estado. Mil quilômetros. Essa é uma coisa fantástica, porque era um sonho, de você fazer esse processo de integração. Então, você imagina que, agora, a gente vai pegar o gás na Bolívia, ele vai passar por aqui, por debaixo de vocês, vai por ali e tal – espero que não tenha vazamento no cano nunca, e ele vai chegar a Pernambuco, vai chegar ao Ceará, uma coisa extraordinária isso. Vai chegar ao Maranhão, vai chegar em todo o Nordeste.

E, obviamente, que, daqui para a frente, a gente vai fazer muito mais. Eu quero contar esse exemplo da China, porque foi uma conversa muito séria e, também, uma decisão política muito séria. Porque, quando o prato está pronto... Na política, eu sempre cito um exemplo, para a gente compreender as coisas: às vezes uma mãe... Acontece com vocês. Porque filho é uma desgraça. Filho, mesmo casado, ele começa preferindo a comida da mãe, não é? E eu sempre digo que, às vezes, quando a coisa está pronta, a gente não quer saber quem fez, quanto custou fazer, o sacrifício que foi feito.

E eu digo sempre: o filho senta à mesa, a mãe coloca o prato, está lá o feijãozinho, o arroz, o bife com cebola – se for que nem eu, gosta de um ovinho frito – e, aí, o malandrão senta à mesa e fala: “Pô, só isso? Não tem mais?”.



Ele nem pergunta como é que a mãe sofreu, se tinha dinheiro para comprar, se não tinha, ele já quer saber por que não tem mais. Em política também é assim.

Então, eu acho... As pessoas estão sempre cobrando de nós um pouco mais. E essa é a força da democracia. Nenhum governo se iluda: quanto mais ele atender, mais reivindicações vai ter. Porque é o prazer de conquistar. Quando o povo reivindica e a Petrobras manda embora, ou naquele tempo que fechava sindicato, tal, era mais difícil reivindicar. Mas, quando o pessoal sente o prazer de conquistar alguma coisinha, pode ficar certo que todo ano tem mais reivindicação. Não pense em fazer reunião, Cesário, não pense em fazer reunião em que você vai ter os agradecimentos. “Aqui, os dirigentes sindicais, quero agradecer ao Presidente por tudo isso e tal...” Não. Ele pode agradecer dois minutos, mas, depois, uma cobrança de mais uma coisa que ele quer. E eu acho interessante, porque é isso que vai consolidando o processo democrático neste país. E é por isso que a Petrobras chegou ao nível que chegou.

Não pense que a gente está comemorando o gás aqui, e tudo isso é barato não. Há quanto tempo atrás teve a crise do gás? Três anos atrás. Quando nós reunimos o Conselho Nacional de Política Energética e decidimos criar o Plangás. E decidimos que este país iria trabalhar para que a gente ficasse sem precisar depender de outro país. E, aos poucos, nós fomos descobrindo. Aos poucos, fomos futucando, furando, futucando, furando, futucando, furando... Hoje, que beleza! Nós precisamos do gás da Bolívia, mas não somos dependentes apenas do gás da Bolívia. E eu tenho fé em Deus que, com o pré-sal, a gente vai ter muito mais gás. E a gente vai poder ser muito autossuficiente.

Sem perder de vista para que nós queremos gás. Prioridade um: energia elétrica. Essa é a prioridade. Quem tiver... E todo mundo, é importante saber disso, quem tiver fábrica a gás, quem tiver piscina a gás, ou quem tiver carro a



gás tem que saber que se tiver uma crise energética, a primeira coisa que nós vamos utilizar o gás é para levar energia para as casas das pessoas. Porque nós temos álcool, porque nós temos gasolina... Nós somos um país que tem uma diversidade de combustível, que nós também não podemos ficar dependendo de um só. E depois os carros, depois as fábricas, depois, se estiver sobrando muito, até algumas piscinas, não é, Graça? Porque não é... Só se não estiver utilizando, mas, se tiver que utilizar em coisa mais nobre... Ora, toma banho na água gelada, pô! Como é que você vai esquentar essa praia aqui da região de Cabo Frio, tudo gelada? Toma banho gelado.

Então, é importante a gente ter clareza que nós queremos ser autossuficientes em gás, mas sempre estaremos de olho em garantir energia nas casas das pessoas. Não tem sentido o motorista de táxi andando com carro a gás e a mulher em casa no escuro. É melhor proteger a mulher dele, levar a luzinha para lá, para ela ficar tranquila. Então nós vamos continuar investindo. E, aí, o meu orgulho da Petrobras. Meu orgulho dessa diretoria da Petrobras, que entendeu as necessidades não do governo, mas do Estado brasileiro de que nós não podíamos ficar naquela situação de briga com a Bolívia e de dependência. Então, vamos tentar encontrar. E, graças a Deus, estamos avançando, avançando, avançando... Eu acho que, dentro de algum tempo mais, a gente vai poder bater no peito e dizer: “Nós temos gás suficiente.” E vamos continuar comprando da Bolívia, porque nós temos que ajudar a Bolívia, que é um país pobre, e nós temos que ajudar. Não é porque a gente vai ter que a gente vai deixar de comprar não. O papel de uma nação do tamanho do Brasil é ajudar os países menores do lado dele, vizinho dele. Essa é a política de solidariedade nossa.

Então, hoje, vir aqui inaugurar esse gasoduto, José Sergio, para mim é como se fosse um filho que acabou de nascer. Porque foi difícil fazer. Tem um gasoduto que a gente fez de Campinas até o Rio de Janeiro que um advogado, porque o gasoduto passava acho que 500 metros dentro do terreno dele, ele



segurou três anos o gasoduto por causa de 500 metros. Três anos. E assim é. Quando a Petrobras tenta fazer as coisas, as pessoas acham que, porque ela é rica, então querem cobrar os olhos da cara. Aí vai para a justiça brigar, brigar, brigar, e às vezes demora.

Mas a Petrobras assumiu compromissos históricos com o País. A indústria naval estava quebrada. A indústria naval não produzia nem rebocador. A indústria naval está hoje recuperada, vai produzir muito navio, vai produzir muita sonda, vai produzir muita plataforma. Só trabalhadores, que em 2002, tinha apenas 1.800, já está com quase 50 mil trabalhadores na indústria naval outra vez. E a gente está montando estaleiro agora, já tem estaleiro em Pernambuco – o primeiro navio vai ser inaugurado agora em março. Aqui, no Rio de Janeiro, vai ser inaugurado, Cesário, o primeiro navio aqui nós vamos colocar o nome de João Cândido, que é uma homenagem ao nosso companheiro João Cândido, é uma reivindicação do movimento negro deste país. A Petrobras vai construir as plataformas, a Petrobras vai construir as sondas, e nós vamos nos transformar em um país mais poderoso.

E a Dilma tem razão: tudo isso só tem sentido se o povo vier junto. A cada milímetro que o país crescer, o povo tem que crescer um milímetro. É por isso que nós estamos investindo muito em educação, muito em educação. Eu fui ontem... A Dilma foi comigo essa semana, nós fomos entregar 100 escolas técnicas. Já completamos 174 escolas técnicas que nós entregamos. Faltam, acho, 50 para a gente completar as 314 escolas técnicas que o Brasil vai ter. E quem vier depois, vai ter que fazer muito mais.

Então, este país conseguiu mudar porque nós combinamos duas coisas. Primeiro, o crescimento econômico com a distribuição de renda. Ou seja, as pessoas mais pobres adquiriram o direito de comer neste País. As pesquisas agora mostram que nas regiões mais pobres do País, as classes D e E estão consumindo mais do que a classe A da região Sul do País. E o que eles estão consumindo? Comida e material de limpeza, coisa a que antes o pobre não



tinha acesso. A cada vez que a gente aumenta o salário mínimo em 1%, a gente coloca bilhões no mercado. Só este ano foram 20 bilhões a mais no mercado. Como o cidadão que ganha pouco não vai comprar dólar, nem vai depositar em um banco lá fora, o que ele faz? Ele vai para um supermercado, ele vai para uma loja, ele vai comprar uma meia, vai comprar uma bermuda para o filho, vai comprar um sapato, ele vai comprar uma comida, vai comprar... E é isso que fez o País, não houve nenhum milagre, José Sergio. Você, que é economista, apenas nós fizemos com que o dinheiro fosse distribuído de forma mais justa. Imagine, por exemplo, esse cara sozinho... dois, que ganharam na Mega-Sena R\$ 190 milhões. Então, dois caras, cada um com R\$ 95 milhões. Imagine se tivessem ganho 190 pessoas, cada uma um milhão? Você tinha 190 pessoas ricas. E você só tem dois!

Então, o que nós estamos fazendo é isso, é tentar estender o desenvolvimento do País para todas as camadas sociais. Por isso é que nós fizemos o programa Minha Casa, Minha Vida. Vocês vão ter uma surpresa aqui no Rio de Janeiro, com o que vai acontecer na Favela da Rocinha, no Pavão-Pavãozinho, no Complexo do Alemão, lá em Manguinhos, porque nós estamos fazendo uma revolução. Eu não tenho medo de dizer para vocês: nós últimos 30 anos, se juntar tudo o que os presidentes da República investiram em saneamento básico, não chega à metade do que nós estamos investindo hoje, porque no Brasil, no Brasil, Prefeito, no Brasil tinha uma doença grave: político não gostava de investir dinheiro em saneamento básico. Tudo aquilo que é enterrado na terra não tinha valor para a política, porque não aparecia na época da eleição. E nós invertemos isso, porque a cada vez que a gente recolhe água suja da rua, que a gente canaliza e faz tratamento no esgoto, nós estamos investindo em quê? Em melhoria de qualidade de vida e investindo na saúde das pessoas. É por isso que nós estamos a maior política, e no PAC II, pode se preparar, Pezão, porque nós vamos investir muito nessa questão de resolver os grandes problemas dos grandes centros urbanos deste País, como



enchentes, como enchentes, que estão dando em qualquer lugar, nós vamos ter que pensar nisso.

E isso eu falo de coração, José Sergio, o que nós estamos fazendo agora é um processo de reparação – falo sem medo de errar – nós estamos, hoje, fazendo um processo de reparação da irresponsabilidade daqueles que governaram 20, 30 anos atrás, que permitiram que o povo ocupasse lugares inadequados em encostas de morros, em beira de córregos, sabendo que ali poderia ter uma desgraça, e foram deixados. E deixaram, por interesse político. E não é partido de direita, não. É partido de direita, é partido de centro, é partido de esquerda. Envolve todos os partidos políticos. É vereador defendendo que o cara more na beira do esgoto mesmo.

Nós precisamos parar com essa hipocrisia de tratar o povo dessa forma. O cidadão, se tiver indo ocupar uma área inadequada, o prefeito tem que ter coragem de ir lá e não deixar, e dizer: “Olha, nós vamos preparar um outro lugar para você, mas aqui não pode.” Porque depois, quando morre alguém, de quem é a culpa? Quem mandou as pessoas ocuparem não aparece.

Então, nós estamos vendo o que está acontecendo em São Paulo, o que aconteceu em Angra, o que acontece em Belo Horizonte. Isso é o acúmulo de desmando dos últimos 50 anos. O País não crescia, não gerava empregos, as pessoas iam só ocupando as capitais, as capitais, as capitais, e o que deu? Então, nós estamos fazendo isso conscientemente, fazendo um processo de reparação para ver se a gente pode permitir que daqui a 20 anos este povo tenha orgulho de morar em uma grande cidade, como São Paulo, Rio, Belo Horizonte, Salvador, Recife, e tantas outras, e não morar apinhado, em três metros quadrados, dividindo com a família cozinha, cama, banheiro, em três metros quadrados.

Nós, se Deus quiser, começamos a acabar com isso, começamos. O programa Minha Casa, Minha Vida é apenas o começo de que nunca mais este País vai fazer programa habitacional de 200 mil casas, 50 mil casas.



Aprendemos a fazer de um milhão. Daqui para a frente é mais do que isso, porque nós aprendemos.

Então, Gabrielli, meu querido, companheiros diretores da Petrobras, trabalhadores, vocês sabem que esses dias eu tive um problema de pressão, esse negócio de ser corintiano é uma desgraça, porque eu vi comprar... é porque eu vi comprar tanto jogador, tanto jogador... Eu já vi três jogos do Corinthians e eu não vi o Corinthians deslanchar ainda, assim, sabem? E é 1 x 0 aqui, você viu no domingo? No domingo, o Corinthians marcou um gol aos seis minutos, e o Palmeiras passou os outros 84 minutos jogando a bola dentro do escanteio da área do Corinthians. Rapaz! Eu vi a hora o coração sair pelo pé!

Então, eu estava com uma agenda um pouco carregada, fui para Recife, tive um problema de pressão alta. Mas vou dizer para vocês um negócio: se tem uma coisa de que eu me orgulho, é a minha pressão, porque eu meço a pressão todo santo dia, e a minha pressão, regularmente, é de 11 x 7 todos os dias. Quando ela está mal, ela está em 12 x 7. Então, foi um problema que aconteceu. Certamente, que tem gente que fala: "Ah, agora o Lula não vai viajar mais, vai ficar lá em Brasília sentadinho, bem feito!" Quem esperar que eu vá ficar sentado em Brasília, pode tirar o cavalo da chuva, porque nós vamos inaugurar obras este ano, José Sergio, que tem gente que vai ficar doida de raiva, mas nós vamos.

É uma pena que a Dilma não vai poder ir comigo inaugurar obras, mas nós vamos inaugurar obras. E se Deus quiser, só da Petrobras, neste mês tem mais três para inaugurar. E nós vamos inaugurar porque este País não pode parar mais, este País não pode parar. Este País encontrou o caminho, e eu acho que daqui para a frente... Estão dizendo que a gente vai ser a quinta potência econômica. Deus queira que a gente seja a quarta, seja a terceira, pode demorar mais dez anos, mais 15 anos. O problema é o seguinte: é que nós aprendemos a gostar deste País.



Você viu a pesquisa, esta semana? A pesquisa... 58% a mais têm orgulho de ser brasileiros. Nós tínhamos vergonha de ser brasileiros. Hoje não, hoje nós estamos tendo orgulho de ser brasileiros, e não tem nada... A coisa que eu mais admiro nos Estados Unidos é que em qualquer filme merreca que passa, eles dão um jeito de colocar a bandeira americana lá, não é isso? E aqui nós não cultuamos essas coisas, que é o que dá força a uma nação. Então, eu tenho fé em Deus que a Petrobras, José Sergio Gabrielli, é uma das razões pelas quais este povo está sentindo cada vez mais orgulho de ser brasileiro.

E a Petrobras, que era uma empresa igual a tantas outras, em pouco tempo virou a maior quarta [a quarta maior] empresa do mundo. Ou seja, não é pouca coisa, gente, não é pouca coisa!

Então, parabéns à Petrobras por este gasoduto. Parabéns, Gabrielli. Parabéns, companheira Graça. E vocês, eu espero encontrá-los brevemente aqui no Rio de Janeiro mesmo, que tem mais coisas para inaugurar.

Um grande abraço, gente. Que Deus abençoe todos vocês.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração da Estação de Tratamento de Esgotos do Bairro Feitoria e de 600 unidades habitacionais para cinco bairros, com assinatura de contrato do programa Minha Casa, Minha Vida

São Leopoldo - RS, 05 de fevereiro de 2010

Bem, já são uma e meia. Me parece que, aqui, o nosso prefeito, não vai oferecer almoço para nós. Nós vamos ter que comer no avião, na volta para Brasília.

Eu quero, primeiro, cumprimentar o nosso querido prefeito Ary Vanazzi,
Quero cumprimentar os nossos queridos deputados federais, nossas deputadas,

Cumprimentar os nossos vereadores, secretários municipais,
Cumprimentar a Caixa Econômica Federal, através do seu vice-presidente, aqui, o Jorge Hereda,

O companheiro Olívio Dutra teve que ir embora antes, porque ele vai esperar a gente no Ceitec,

Cumprimentar a companheira Dilma Rousseff, ministro Tarso Genro, Franklin e o companheiro Marcio.

Eu vou ser muito rápido por duas razões: primeiro, porque eu estou com fome. É verdade, eu estou com fome. Vocês viram esses dias que eu passei mal em Pernambuco, a gente não tinha almoçado e era meia noite e a gente não tinha jantado ainda. Então nós precisamos nos cuidar. O Prefeito não pensou em oferecer um almoço para nós. O Prefeito é muito bom de discurso. Veio aqui, falou, falou, falou, falou, falou e eu esperando ele dizer qual é a hora que a gente ia almoçar e ele não falou. Então eu vou ser muito breve, apenas para dizer para vocês o seguinte: essa obra que nós viemos aqui inaugurar



ainda muita gente não dá valor, muita gente não dá valor. Tem muita gente que ainda pensa: “Por que gastar dinheiro fazendo tratamento de esgoto, dos dejetos que nós mesmos colocamos para fora?”. E, durante décadas e décadas, o Brasil não se preocupou com isso. E aí a gente percebia que a nossa água não tinha boa qualidade, as nossas crianças ficavam mais doentes porque muitas vezes o esgoto e os dejetos estavam na rua para as crianças pisarem, e somente agora é que nós estamos tendo a responsabilidade, no Brasil inteiro, de fazer a coleta, fazer o tratamento e jogar a água outra vez no rio, totalmente purificada, para que ela não possa causar mal a ninguém mais. E isso custa dinheiro, isso custa muito dinheiro. E se alguém perguntar para qualquer pessoa de São Leopoldo se ela gostaria que fizesse uma estação de tratamento de esgoto ou uma avenida, as pessoas iriam preferir a avenida, porque é mais natural que seja assim. Mas quando um prefeito tem responsabilidade e quando as pessoas que estão governando têm responsabilidade, muitas vezes, é melhor fazer uma obra dessas escondida, que a imprensa nunca vai ver, que não vai dar para colocar o nome da mãe do prefeito aí: “Estação de Tratamento de Esgoto Mãe do Prefeito”, ele não vai querer colocar o nome da mãe dele, o nome da avó, muito menos vai querer colocar o nome da minha mãe aí, então não vai ter nome de ninguém. Porque é uma obra que é tratamento de esgoto, mas é uma obra essencial para o povo de São Leopoldo se orgulhar de que mora em uma cidade do Rio Grande do Sul, que é a cidade que tem a maior quantidade de tratamento de esgoto de todo o estado do Rio Grande do Sul. E ainda é pouco, ainda é pouco.

A segunda coisa importante é que... Hoje eu vim sobrevoando de helicóptero, porque nós íamos ver muitas obras que nós já demos dinheiro, já demos ordem de serviço, e entre a gente colocar dinheiro e dar a ordem de serviço, muitas vezes as obras não acontecem com a rapidez que a gente deseja. Vamos pegar, por exemplo, aquela grande favela que nós temos que tirar ali do aeroporto, a Vila Dique. Ora, nós já estamos desde 2007, desde



2007, com o dinheiro disponibilizado para remover todos aqueles companheiros de lá e para ir para outra casa que nós já compramos o terreno e, portanto, é só fazer as casas. Mas sempre aparece um problema, ora na justiça, ora problema do terreno, ora problema com a empreiteira que está fazendo a obra, que quer reajustar o contrato com a prefeitura antes de começar a fazer a obra. E uma coisa que já era para a gente ter inaugurado no ano passado, a gente não vai inaugurar nem neste ano ainda, porque não vai ficar pronta. Porque no Brasil é assim: para fazer tem um, para não deixar fazer tem mil, e para destruir tem 10 mil. No Brasil é assim.

Bem, acontece, meu caro senador Paim, que nós aprendemos a fazer. E aprendemos a fazer graças a três pessoas substanciais no nosso governo, três mulheres: a ministra Dilma Rousseff, a Míriam Belchior e a Iranice [Erenice], que é a secretária-executiva lá da Dilma. Ou seja, três mulheres que trabalham até duas, três horas da manhã, que brigam todo santo dia com os outros ministros, que brigam com os outros secretários, que cobram o cumprimento das metas, que vão ao Tribunal de Contas brigar com o Tribunal de Contas, que vão ao Poder Judiciário brigar com o Poder Judiciário, que vão no Congresso Nacional, falar com a Câmara e com o Senado quando tem algum problema de atraso de obra. E essas obras começaram a sair graças à perseverança dessas mulheres.

Veja que engraçado: Eu vim aqui – e é importante a imprensa registrar – eu vim aqui, faz algum tempo, dar ordem de serviço na estrada do PAC. Ora, quando a gente vem dar ordem de serviço, a gente entende que deu a ordem de serviço, acabou o ato público, o Presidente fez o discurso, a máquina tem que começar a trabalhar. Não é isso? Porque, senão... Eu lembro, Dilma, que o Fernando Henrique Cardoso, em 2002, ele veio dar ordem de serviço na BR-101, lá em Osório. E depois – dois anos depois – eu fui lá, me devolveram a ordem de serviço que ele entregou para o trabalhador, e eu dei outra ordem de serviço para a obra começar.



Aqui, o que está acontecendo? Quando a obra era para começar, nós começamos a ter problema nas desapropriações. E vai criando problema. E cada problema demora três meses, quatro meses. Agora mesmo, o companheiro da Caixa me contou uma história... Está aí o... não, não é o Hereda não, é o companheiro daqui do Rio Grande do Sul. Ele me contou uma história que, na Vila Dique, a empresa que vai fazer as casas agora resolveu pedir um aumento. Antes de fazer as casas, resolveu pedir um aumento. Um aumento de 6 milhões, não sei a quantia. E essa brincadeira, de pedir um aumento antes de chegar a hora de pedir um aumento, está atrasando as casas em seis meses. Então, atrasa seis meses em um ano, mais seis meses no outro ano, e uma coisa que era para a gente inaugurar no ano passado, a gente não está inaugurando. Não falta dinheiro, não falta projeto, não falta gente querendo fazer e gente querendo trabalhar, mas sempre aparece um empecilho para as coisas não acontecerem.

É por isso que a turma, muitas vezes, se queixa: “Mas o Lula viaja demais!”, “a Dilma viaja demais!”. Obra de governo, é que nem a gente aprendeu de criança: quem engorda o porco é o olho do dono. Se a gente não estiver ali, atrás da obra, sabendo o que aconteceu, quem é que está atrapalhando, quem é que não quer, uma obra que era para fazer em um ano, demora dez anos. Por isso que este país ganhou o nome de “país das obras não concluídas”. Porque, durante muito tempo, as obras não eram concluídas. Graças à coordenação da companheira Dilma, a gente está conseguindo reverter esse quadro, e transformando o Brasil em um país de obras concluídas.

Por último, eu queria dizer a vocês aqui, de São Leopoldo... Eu não sei se aqui tem escola técnica, Prefeito, mas é com muito orgulho que eu estou percebendo, Tarso, que aqui, no estado do Rio Grande do Sul, nós temos, só do ProUni, que foi um programa criado quando o Tarso era ministro da Educação. Foi a primeira vez que um governo tomou uma atitude de colocar o



pobre na universidade. Só aqui, em Porto Alegre, são 43 mil jovens beneficiados, de 2005 a 2009, só no Rio Grande do Sul. No Brasil inteiro, são 596 mil jovens. Mas, só aqui, são quase 50 mil jovens na universidade - gente que fez escola pública, gente que estudou na periferia, gente que não tinha possibilidade de pagar uma escola particular - vão receber o seu diploma de doutor e vão poder ser tratados com mais dignidade, neste país.

Mas não é apenas isso. Também quando o Tarso era ministro da Educação, eu vim aqui, fui lá, acho que em Bagé, anunciar a Unipampa, a Universidade Federal do Pampa. Pois bem, essa universidade, ela tem, junto com ela, 16 novos campi, ou seja, portanto são, além da universidade, vai ter 16 extensões universitárias em outras cidades para permitir que as pessoas do interior possam estudar na sua cidade, sem precisar vir para Porto Alegre brigar por uma vaga na universidade federal. É isso que vai ajudar a mudar a cara deste país.

Agora, veja, Tarso, a contradição do Brasil, e eu digo isso, Paim, porque você, como peão metalúrgico, precisa se orgulhar disso: eu sou o único presidente da República do Brasil que não tive diploma universitário. E vou ser, até agora, o presidente da República que mais fez universidades, que mais fez escolas técnicas e que mais fez creches neste país.

O que é importante nisso? É que, quem vier depois, tem um novo paradigma, já não é mais aquele paradigma que o governo anterior não fez nenhuma universidade. Nós fizemos, no Brasil... nós já temos 13 em construção e agora falta só o Congresso aprovar a Universidade Brasil-África, que é uma universidade que a gente vai fazer na cidade de Redenção, no Ceará, metade dos alunos será de países africanos de língua portuguesa e metade será brasileiros. E essa universidade afro-brasileira é parte do pagamento da dívida histórica que este país tem com o povo negro que ajudou a construir a nossa gente, a nossa cor e a nossa alegria.

Por isso, meus companheiros e companheiras, a gente tem que viajar o



Brasil, e viajar muito. A companheira Dilma, agora, quando chegar em abril, ela tem que se afastar do governo porque ela vai fazer outras tarefas, e eu vou continuar viajando o Brasil. E por que eu vou continuar viajando o Brasil? A Dilma falou: “Até o final deste ano, nós temos R\$ 28 bilhões de investimento no PAC do Rio Grande do Sul. Só em estradas, são R\$ 4 bilhões”. Se a gente não vem visitar, vocês pensam que quem governa a cidade ou o estado coloca que é obra do governo federal? Não. Eles passam como se fosse deles.

Então, veja, nós queremos que o povo saiba. Se o prefeito colocou R\$ 10,00, o povo tem que saber que ele colocou R\$ 10,00; se o prefeito colocou R\$ 100,00, o povo tem que saber que ele colocou R\$ 100,00; se o governo do estado colocou R\$ 10,00, o povo tem que saber; mas se o governo federal colocou R\$ 10,00, o povo também tem que saber. Porque eu chego em muitas cidades, vou em obra financiada totalmente pelo governo federal, não tem uma placa do governo federal.

Então, esse negócio do dono do porco engordar o porco, a gente tem que estar acompanhando. E nós vamos acompanhar, porque tem muita coisa aqui, no Rio Grande do Sul, tem muita coisa. Os deputados precisam saber para fazer o debate na Câmara, os senadores precisam saber para fazer o debate. Porque eu não tenho dúvida nenhuma, gente, eu não tenho dúvida nenhuma: se pegar os últimos 30 anos, pode pegar os últimos 30 anos, Dilma, que eu duvido que tenha um governo federal que tenha colocado a quantidade de dinheiro que o nosso governo está colocando no estado do Rio Grande do Sul. Eu duvido.

Eu, de vez em quando, fico olhando para a cara do Olívio Dutra, e eu sei o quanto este homem é bom e eu sei o quanto este homem sofreu para governar este estado, sem dinheiro, e não tinha um centavo do governo federal, um centavo ele não tinha para fazer nada aqui. Eu fico imaginando se o Olívio Dutra estivesse governando comigo na Presidência, para ver o que não tinha acontecido neste estado, com o companheiro Olívio Dutra.



E nós vamos continuar assim. Nós não deixaremos de dar um centavo para o Rio Grande do Sul ou para qualquer cidade porque o prefeito não é nosso ou o governador é de outro partido político. Nós não deixaremos de dar um centavo, pode ser do DEM, pode ser do PSB, pode ser do PMDB, do PT, do PTB, o que nós queremos é que esse povo melhore de vida, e para ele melhorar de vida não pode ter mesquinha entre os governantes do nosso país.

Por isso, companheiros, companheiras e meu querido prefeito, eu quero te dar os parabéns porque a gente percebe que a cidade já era bonita, está ficando mais bonita. E vou dizer para os prefeitos que estão aqui, eu digo publicamente: a gente nunca tem dinheiro sobrando, a gente nunca tem dinheiro sobrando, mas se um prefeito aparecer em Brasília com um bom projeto, eu duvido que falte dinheiro para o bom projeto do prefeito, eu duvido. Agora, muitas vezes, as pessoas fazem um discurso de uma obra por conta das eleições, mas não têm nenhum projeto. E, aí, nem a Caixa Econômica, nem o governo federal podem dar dinheiro, se não tiver projeto.

Então, os prefeitos que estão aqui, quem tiver projeto pode tratar de começar a procurar a Casa Civil, o Ministério das Cidades, porque nós vamos anunciar o PAC 2, vamos anunciar o PAC 2 até o dia 26 de março. Então, quem tiver projeto para a sua cidade, comece a apresentar, porque no Brasil não vai faltar mais dinheiro para investir na melhoria da qualidade de vida desse povo e na melhoria da geração de emprego neste país.

Portanto, companheiros e companheiras, um grande abraço. Eu estou sentindo um cheiro de... tem algum lugar aí, alguém está assando um churrasco aí. E eu estou sentindo que está queimando a gordurinha da picanha. Vocês não estão sentindo aí, não? É alguém que ouviu eu falar que estou com fome... Bem, de qualquer forma, se nós não vamos comer a gordurinha, pelo menos o cheiro já mata a metade da nossa fome.

Um grande abraço, gente. Parabéns a quem recebeu as casas. E até



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

outro dia. Parabéns, Prefeito.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração do Centro Nacional em Tecnologia Eletrônica Avançada (Ceitec)

Porto Alegre-RS, 05 de fevereiro de 2010

Bem, primeiro, queria pedir desculpas aos companheiros deputados e senadores, e aos companheiros daqui, para diminuir a minha nominata e não precisar falar o nome de ninguém, porque já foram falados quatro vezes o nome de todo mundo.

Segundo, dizer para a imprensa uma coisa. É importante que amanhã os companheiros da imprensa escrevam apenas o seguinte, além do que querem escrever: a fábrica teve o investimento de 400 milhões, só do Ministério da Ciência e Tecnologia. É a primeira fábrica de produção de chips da América Latina. É uma empresa estatal, com fins lucrativos, vinculada ao Ministério da Ciência e Tecnologia, criada por meio de um decreto presidencial. Tem como objetivo desenvolver a indústria de semicondutores no Brasil e, conseqüentemente, a indústria eletrônica. Atua no segmento de identificação por radiofrequência, comunicação sem fio e mídias digitais. É especializada no desenvolvimento e produção de circuitos integrados de aplicação específica. Por exemplo, um chip projetado somente para rodar em um telefone celular, conta com a unidade de *Design House* – na verdade, é uma fábrica de projetos, a mania que a gente tem, de escrever tudo em inglês, tudo... Ou seja, já empregou cem engenheiros, até dezembro de 2009. Toda essa menina que vocês estão vendo aí, com cara de “bicho grilo”, é engenheiro, toda (incompreensível). Desenvolveu chips para recepção do sistema brasileiro de TV digital, e o chamado “chip do boi”, que a Dilma já falou, que é a primeira grande bandeira do Ceitec. Até maio de 2010, portanto, daqui a poucos meses, a previsão é que a nossa empresa terá mais de 250 funcionários na área de



engenharia, técnicos e especialistas. Em 2010, nós pretendemos executar projeto com colaboração internacional, em nanotecnologia.

Bem, uma coisa vergonhosa que aconteceu no Brasil e que nós vamos ter que correr atrás do bonde, como disse o nosso ministro da Ciência e Tecnologia, é que o Brasil passou um período em diminuiu muito o apetite dos nossos jovens de estudar Engenharia. Muitas vezes, os poucos que estudavam Engenharia, quando se formavam, iam dar palpite no Sistema Financeiro, não é? Você via na televisão, analista de uma série de coisas, era tudo gente dando palpite... Era tudo engenheiro, recém-formado, que tinha enveredado pelo caminho do ministério, ou melhor, do sistema financeiro, em vez de ficar no setor produtivo, no setor de criação de novos produtos.

Um dado, Tigre, grave no Brasil, é que em 1989, portanto, eu estou falando de 20 anos atrás, 1989, o Brasil tinha por volta de 52 mil escritórios de consultoria de engenharia. Em 2000, o Brasil só tinha oito mil escritórios, ou seja, desapareceram mais de 40 mil. Graças a Deus, agora, está voltando a bater nos 50 mil outra vez, escritórios de consultoria de engenharia. E graças a Deus, as universidades voltaram a fazer, sabe, a formar muitos engenheiros e nas universidades que nós estamos colocando, e eu poderia citar como exemplo a Universidade Federal do ABC, em que a gente trabalha com a ideia de que dentro de alguns anos ela será a universidade tecnológica mais importante ou uma das 100 mais importantes do mundo.

Então, o país que não se preocupou em formar engenheiro, não poderia ser competitivo em uma área tão extraordinária como essa área de semicondutores. Quando nós fizemos a discussão para trazer a tevê digital para o Brasil, eu determinei uma viagem da ministra Dilma, do ministro Hélio Costa, se não me falha a memória, do ministro Sérgio Rezende, ou o Mdic, parece que o Celso Amorim... ao Japão. Porque a gente só iria adotar o sistema digital japonês, que depois ficou o sistema digital brasileiro... nipo-brasileiro, porque as universidades brasileiras tiveram um trabalho excepcional.



E aí, ficou provado também que a gente costuma falar mal das nossas universidades, mas nunca pedimos para elas nada, e quando nós pedimos o trabalho sobre a tevê digital, a universidade brasileira estava preparada para discutir com qualquer universidade do mundo.

Pois bem, esses companheiros foram ao Japão e o Japão se comprometeu conosco que iria montar uma fábrica de semicondutores no Brasil. Até hoje, não montou, até hoje, não montou. O Japão tem um problema, está trocando muito de primeiro-ministro. Você faz um acordo com um primeiro-ministro, ele cai, nove meses depois, você tem que... Mas eles sabem do esforço que nós fizemos para introduzir o sistema de TV digital nipo-brasileiro em todos os países da América do Sul – o Chile, a Argentina, a Venezuela, o Peru, falta definir... O Uruguai já definiu pela Europa, não sei se vai mudar de posição, tem a Colômbia, tinha definido, acho, com os Estados Unidos ou com os europeus, de qualquer forma, nós temos uma supremacia de países da América do Sul que adotaram o sistema nipo-brasileiro e, portanto, agora, eles estão mais obrigados a vir trabalhar em uma fábrica de semicondutores no Brasil. É importante que a gente possa, Sérgio Rezende, já que nós temos agora – o Taro Aso caiu e nós temos agora o Hatoyama, que é o primeiro-ministro –, a gente falar com o primeiro-ministro para retomar a conversa sobre a fábrica de semicondutores no nosso país.

Mas o mais importante de tudo, companheiros, é trazer de volta engenheiros brasileiros que estavam no exterior. Pessoas que estavam já desacreditadas de oportunidades no Brasil, pessoas que estavam lá há alguns anos trabalhando no exterior e que de repente viram na nossa empresa a possibilidade de retornarem ao Brasil e poder aqui fazer igual ou mais do que eles faziam lá fora.

Pois bem, eu estava conversando com o Sérgio e estava conversando com os companheiros da direção da nossa empresa que nós vamos ter, logo depois do carnaval, logo depois do carnaval, Sérgio, [que] fazer uma reunião



com algumas instituições do nosso país. Por exemplo, Ministro da Fazenda. Por que o Ministro da Fazenda? Por causa da Casa da Moeda. E a Casa da Moeda faz passaporte e, portanto, o chip pode ser feito aqui por nós, na Ceitec, não tem que ser importado de lugar nenhum, nós poderemos produzi-lo aqui. Banco do Brasil, a quantidade de coisas que podem ser encomendadas pelo Banco do Brasil. Caixa Econômica Federal, a Previdência Social. Ou seja, então, nós precisamos agora, precisamos agora, na verdade, é praticamente enquadrar todo o governo brasileiro e todas as instituições brasileiras, que precisam comprar coisas que nós podemos produzir aqui, para que a gente comece a ver essa empresa crescer, e crescer muito. Na hora em que a gente tiver mais encomenda do que capacidade de produção, aí, sim, a gente vai terceirizar, para alguém produzir para nós, enquanto nós precisamos começar a fazer a segunda fábrica.

Ou seja, o Brasil precisa, agora, sair da mania de pequenez que ele tinha para um pouco da mania de grandeza sem soberba. Porque o Brasil era tão humilde que tudo... Eu lembro, Tigre, estou falando de você aqui por causa que é a representação empresarial aqui do estado do Rio Grande do Sul.

Mas eu lembro do desmonte das coisas que nós já tivemos no Brasil, aqui. A elite é muito esperta, sobretudo quando ela é “emprenhada” pelos ouvidos, pelos doutrinadores estrangeiros que têm interesse aqui dentro. Mas, você está lembrado que nos anos 80 nós tivemos uma geração inteira que foi obrigada a acreditar, ou quis acreditar, que tudo tinha que ser feito lá fora, quando nós tínhamos uma indústria eletrônica, no caso da Embratel, até competitiva. E a gente foi desmontando em nome de uma doutrina. Em nome da doutrina de que a empresa pública não valia nada, de que o Estado não prestava, de que tinha que ser tudo da iniciativa privada, se criou uma guerra desnecessária.

E veja que não foi nenhum cidadão de esquerda, nenhum comunista que descobriu o papel do Estado. Foi o fracasso do sistema financeiro



internacional, há um ano e meio, que fez ressurgir o Estado como único capaz de salvar a economia naquele momento. Ora, nós não queremos estatizar por estatizar. Nós, agora, estamos discutindo banda larga. Estamos discutindo banda larga. Já em 2004, a gente tentou tomar de volta para o governo brasileiro a Eletronet. Ela tinha sido privatizada junto com todo o sistema elétrico para a AES. Depois a AES quebrou, não é? Na verdade, essa empresa deveria ter voltado para o governo, não voltou, e ela detém uma rede de fibra ótica respeitável, e nós queríamos trazer de volta.

Eu imaginei que era fácil, era do Estado. Nós contratamos um advogado e mandamos o advogado ir atrás. Sabe quando tempo levou? Cinco anos. Somente agora que nós conseguimos pegar de volta a Eletronet. E aí começa uma... Um discurso barato, atrasado, de dizer: “Ah, o governo quer estatizar, o governo quer...” O governo não quer estatizar.

Mas a verdade é que as empresas privadas que tinham a obrigação de fazer isso, não fizeram até agora, não fizeram. Nem para montar aqueles telecentrozinhos meia-boca que eram um computador para atender quatro ou cinco pessoas em um lugar (incompreensível), não montaram. Precisou a gente começar a discutir, o governo montar, para eles fazerem um acordo com o governo e resolverem levar a banda larga a todas as escolas públicas brasileiras.

E agora outra vez. Outra vez começaram a dizer que o governo quer estatizar. O governo quer não sei das quantas... Não queremos. Agora, o dado é o seguinte: O governo tem que mostrar que tem bala na agulha para fazer eles fazerem parceria com o governo ou fazerem preços competitivos. Porque se o governo ficar fingindo que não tem, ninguém está a fim de levar nada para pobre neste país. Ninguém está a fim de fazer a última... É a última milha, Dilma? A última milha... Ninguém está a fim disso... Se não for altamente lucrativo.

E somente o Estado é que tem a responsabilidade de garantir que todos



tenham acesso à banda larga, independentemente da origem social. Porque o quê significa banda larga hoje? Significa a gente dar oportunidade ao moleque pobre da periferia de Porto Alegre de competir profissionalmente com o maior grã-fino do melhor escritório da cidade de Porto Alegre. É isso que é garantir oportunidade para as pessoas. E é isso que o Estado... O Estado tem que criar as condições. Ora, se aí, a partir da nossa proposta, as empresas quiserem discutir – e amanhã está tendo reunião com... amanhã, não. Nós já temos a proposta nossa quase que acabada. Mas, como eu sou republicano e democrata, pedi para que o César Alvarez fizesse essa semana, fizemos essa semana, uma reunião com aquilo que eu chamo de “bicho grilo”: todas essas entidades da sociedade civil, que viaja na banda larga, que conhece de tudo. Vamos ouvir o que pensa a sociedade civil, fizemos uma reunião. Agora, vamos fazer uma reunião com todos os empresários. E, segunda-feira, ou terça, eu vou fazer uma reunião, com quem? Com as lan houses. Ou seja, existe 108 mil lan houses no Brasil, nós vamos chamar as representações e vamos fazer. Ou seja, ninguém vai ficar sem ser ouvido, neste país, ninguém.

Agora, todos têm que ter consciência: o governo vai assumir a responsabilidade de levar banda larga a todos os rincões deste país. Queremos fazer em parceria, queremos trabalhar junto com todas as empresas, queremos trabalhar com as grandes empresas, queremos trabalhar com as pequenas empresas, queremos trabalhar com a microempresa. O governo não quer ser o dono da verdade. Agora, se eles não quiserem, podem ter certeza que o governo vai fazer.

E isso aqui é o exemplo de que uma empresa pública... Nós não queremos, acabou o tempo, aquele negócio de o cara ter uma empresa pública e achar que ela tem que ser deficitária. Isso aí é bobagem de quem quer ser deficitário, eu quero é lucro. Então, se tiver uma empresa pública, ela... a não ser na área da saúde, que você não pode lucrar com a doença do povo, mas na oferta de serviço, para que a empresa possa oferecer serviço de qualidade,



pagar bons salários aos funcionários e crescer, ela tem que ganhar pelo que faz. Isso, os comunistas modernos, do século XXI, estão pensando. Os do passado, achavam que tinha que ser tudo deficitário. Não, agora tem que ser tudo superavitário, porque senão o Estado quebra, como quebraram. Nós queremos o Estado...

Não, eu acho o seguinte: o Brasil, uma coisa fantástica é que o Brasil voltou a gostar do Brasil, o Brasil voltou a acreditar no Brasil. Nós começamos a descobrir que não são os americanos que podem, como diz o Obama, somos nós que podemos, porque nós fomos pequenos muito tempo, nós fomos pequenos por dentro, a gente não acreditava na gente, a gente não apostava na gente, a gente estava sempre achando que tinha alguém melhor do que nós. E eu acho que nós somos iguais. O que nós precisamos agora é ter um pouco de ousadia, como teve o Olívio Dutra, quando pensou em criar o Ceitec. Sem dinheiro, com a fé na emenda do Beto. Porque, dinheiro que era bom, não tinha.

Ou seja, e agora está aprovado o quê? Nós aprovamos um PAC de 41 bilhões de ciência e tecnologia. Estava cobrando do Sérgio: Já gastamos o dinheiro? Ele disse: “Vamos gastar mais”. Pois agora, no PAC 2, ele trate de fazer um PAC de Ciência e Tecnologia mais arrojado. Por que, viu, Tigre, uma coisa importante, que nós temos que trabalhar juntos é convencer os empresários brasileiros a acreditarem na inovação. Porque você sabe que é muito fácil fazer o discurso, mas ainda muitos empresários não acreditam, nem pegam o dinheiro que tem lá no Ministério. E nós temos o dinheiro disponibilizado para isso.

Então, é preciso fazer uma campanha conjunta, todo mundo provocar, para que a gente possa acreditar na inovação. E eu acho que nós poderemos fazer isso com muita tranquilidade, discutindo um novo projeto, um novo PAC de Ciência e Tecnologia, colocando mais dinheiro, porque é isso que vai permitir que o Brasil se transforme na quinta economia, na quarta ou na sexta,



que o Banco Mundial e o FMI já estão projetando para 2016.

Portanto, meus companheiros do Ceitec, meus companheiros gaúchos, parabéns. Eu fico feliz que a primeira fábrica de chips da América Latina seja feita no Brasil, seja feita em Porto Alegre. E eu espero que daqui a gente possa ter a possibilidade de uma demanda de encomendas, que a gente possa ter outra fábrica, mais outra, mais outra e, em breve, sermos competitivos com o chamado “mundo desenvolvido”.

Parabéns, um abraço e bom trabalho para todos nós.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na inauguração de obras do PAC e de Polo de Ensino a Distância, assinatura de contratos do Programa Minha Casa, Minha Vida e inclusão de famílias no Bolsa Família

Governador Valadares-MG, 09 de fevereiro de 2010

Vocês sabem que eu estou vendo a fisionomia de algumas mulheres e de alguns homens, aqui no meio, e eu fico num misto de pena, porque vocês já estão aqui desde as 9h30, 10h, em pé. Todo mundo, certamente, está com fome. Vocês viram que, esses dias, eu passei mal, lá em Recife, porque a gente fez duas agendas, em que a gente não almoçou, em que a gente chegou em casa para dormir às 2 horas da manhã. E, aí, o relógio começa a dar sinais de que é preciso dar corda de vez em quando. Eu vou ser muito breve porque o último orador, também, tem menos o que falar.

Eu queria dizer, companheira Elisa – e, cumprimentando você, eu estou cumprimentando todo mundo que está aqui, os nossos vereadores, os nossos prefeitos, os nossos empresários, os nossos reitores – eu queria dizer três coisas que eu acho importantes para Governador Valadares.

Primeiro, esta cidade é uma cidade que teve ciclos de desenvolvimento importantes. Esta cidade já teve nas pedras preciosas uma das razões da sua riqueza, esta cidade já teve a pecuária como uma das fontes da sua riqueza, e esta cidade teve mais recentemente a exportação de mineiros de Governador Valadares para os Estados Unidos. E a remessa de dinheiro que esses companheiros faziam para os familiares, durante duas décadas, praticamente, foi a grande fonte de receita da cidade de Governador Valadares.

Então, nós tivemos o fim do ciclo das pedras preciosas; nós tivemos o fim do ciclo da pecuária, que pode ter importância, mas não é mais aquilo que era décadas atrás. E a crise econômica mundial transformou os nossos



mineiros e as nossas mineiras, que foram para os Estados Unidos tentar a sorte, em pessoas desesperançadas porque tiveram que voltar para cá sem construir o sonho que as levou para os Estados Unidos.

Então, eu penso... E esse tripé de problema, Elisa, é uma extraordinária provocação para a gente começar a discutir o que a gente deseja para o futuro de uma cidade de quase 400 mil habitantes, chamada Governador Valadares. Eu penso, que têm algumas coisas Elisa, você está no seu primeiro ano de mandato, você tem um ano e um mês de mandato, portanto, você tem, praticamente, três anos para realizar o projeto que fez você chegar a Prefeita desta cidade.

Veja, esta cidade... Não adianta também a gente ficar com a ilusão, porque de vez em quando aparece alguém vendendo a facilidade de um milagre. A última que soltaram aqui é que tinha uma grande empresa de papel e celulose que vinha para cá. A Aracruz, a Aracruz, ela vinha para cá. Ora, acontece que a nossa querida Aracruz também sofreu os efeitos da crise econômica. Ela se meteu em uma enrascada. E ela tentou entrar em um jogo chamado derivativos, ou seja, ganhar dinheiro fácil, e quando veio a crise, pegou a Aracruz também.

Então, os investimentos foram, praticamente, paralisados. Foram paralisados. Agora, a gente não pode, Elisa, construir todos os nossos sonhos em cima de apenas uma coisa. É preciso diversificar as oportunidades que a gente pode construir juntos aqui em Governador Valadares.

Se o povo de Governador Valadares, coordenado pela Prefeita, junto com os empresários aqui, junto com os deputados estaduais, federais, junto com os vereadores, junto com os nossos estudantes das universidades, com os nossos reitores, se a gente se juntar e começar a discutir quais as coisas que nós queremos construir, novas, em Governador Valadares, pode ser que a gente encontre, não uma, mas várias oportunidades para criarmos um novo ciclo de crescimento em Governador Valadares.



E aí, é preciso pesquisar se é a política de [re]florestamento para empresas de celulose... se isso vai gerar os empregos necessários; ou quem sabe, seja necessário a gente redirecionar a questão da agricultura familiar aqui; ou quem sabe, seja necessário a gente pensar em alguma coisa que possa gerar oportunidade de empregos para as pessoas. Por que... o que vai acontecer aqui em Governador Valadares? Prestem atenção: eu estou falando de três, quatro anos, não estou falando para amanhã.

Mas em junho eu vou voltar aqui. Em junho, nós vamos inaugurar o Ifet. O Ifet é uma escola que vai permitir que através do Instituto Federal os nossos meninos possam fazer cursos e ter acesso a um diploma universitário. Então, será por volta de 1,2 mil alunos na Escola Técnica Federal.

Pois bem, a nossa Universidade Aberta já tem 750 alunos. Eu queria até dizer para os nossos coordenadores da Universidade Aberta que, quem sabe, este seja um grande debate para ser feito na Universidade Aberta sobre a questão de um novo modelo de desenvolvimento para Governador Valadares – envolver a sociedade. Porque se tem uma coisa que não vale a pena é a gente ficar chorando a desgraça. Deus não ajuda. Deus não ajuda quem fica chorando o leite derramado. A gente tem que levantar a cabeça.

Os nossos queridos companheiros que foram para os “States” e voltaram porque a crise econômica os obrigou a voltar não têm que ficar lamentando. Nós temos é que batalhar aqui para encontrar aquilo que vocês tentaram buscar lá. Porque este país tem que ser o país das oportunidades. Por que Governador Valadares, que já foi uma cidade rica, está empobrecida como várias outras cidades brasileiras? Houve um tempo no Brasil em que Ouro Preto era a cidade que mais produzia as riquezas do mundo. Entretanto, quem eram ricos era Lisboa e Londres, que ficavam com o nosso ouro, não era Ouro Preto, porque o ouro ia para lá. Muitas vezes, a riqueza produzida em uma cidade, não fica aqui, porque o cidadão quer comprar apartamento no Rio de Janeiro, o cidadão quer ir para Belo Horizonte, o cidadão quer ir para São



Paulo, quer ir não sei para quantas, e a cidade vai ficando pobre.

Então, quando a gente inaugurar o Ifet, quando a gente... A Elisa der o terreno para fazer a universidade... Porque ao dar o terreno para a universidade, o que vai acontecer? O ministro não pode construir a universidade amanhã. Veja, os nossos reitores, eu acho que é da Universidade Federal de Juiz de Fora, ele vai ter que fazer o projeto, depois do projeto vai ter que fazer a licitação, depois da licitação, a empresa que ganhar é que vai começar a obra, e tudo isso leva tempo.

Mas o que pode acontecer aqui, em Governador Valadares? Se a nossa prefeita arrumar um lugar, a gente pode, antes da universidade ficar pronta, fazer vestibular ainda este ano, para as crianças já estudarem no ano que vem. Não precisa a universidade estar pronta. A gente pode fazer o vestibular e começar a aula em uma casa alugada, em um lugar qualquer.

Ora, e o que vem depois de uma universidade aberta, depois de um Ifet e depois da universidade federal? O que vem? Primeiro, vêm professores, depois vêm funcionários da universidade, depois vêm alunos de outros lugares do estado de Minas Gerais. Atrás de tudo isso, os empresários começam a perceber que a cidade está sendo dotada de uma base tecnológica competente. Aí, os empresários, quando quiserem um lugar que tenha mão de obra qualificada, vão dizer: “Espera aí, Governador Valadares tem o Ifet, tem uma universidade e tem uma universidade aberta. Lá já tem homens e mulheres qualificados para trabalhar o produto que nós queremos fabricar”. E aí a cidade começa a crescer, aí a cidade começa a se desenvolver.

É por isso, companheira Elisa, que você precisa provocar a inteligência desta cidade. Provocar. Ou seja, nós temos que desafiar a inteligência de cada homem e de cada mulher desta cidade. Pegar essa juventude... Eu sei que aqui, em Governador Valadares, tem um alto índice de violência entre a juventude, eu sei, parece que é o segundo maior do Brasil. Ora, meu Deus do céu, se você tem um conjunto de jovens que não tem oportunidade de estudar,



que não tem oportunidade de trabalhar, ora, ele fica em casa pensando o quê? Em sacanagem, em “arte”, em bobagem. E, aí, sai para a rua para fazer o que não deve. Então, nós precisamos provocar essa sabedoria juvenil para a gente poder construir o futuro da cidade de Governador Valadares.

Eu queria dizer para vocês que não existe milagre. O que existe é competência e vontade de criar as coisas. Nós vamos gerar muitos empregos este ano, aqui. Porque só do governo federal, só dinheiro do governo federal, do orçamento, são mais de 132 milhões para investir em urbanização de favela, para fazer coleta de esgoto e para poder fazer saneamento básico.

As pessoas, no Brasil, nunca gostaram de fazer isso. Colocar manilha embaixo da terra para carregar não dá para colocar o nome da mãe, não dá para colocar o nome do avô, da avó, não dá! Então, essas pessoas preferem fazer uma ponte. Nós decidimos que, entre o nome da mãe da gente em uma ponte e uma criança brincando descalça em uma rua, sem esgoto a céu aberto, esse *outdoor* é muito mais decente e muito mais digno para o País do que o nome de um parente da gente embaixo de uma ponte.

Portanto, veja, nós... Eu disse hoje, numa entrevista que eu fiz aqui, na rádio, eu disse na entrevista: olhe, não tem como o presidente da República pegar uma empresa e dizer “você vai para Governador Valadares”. Não tem, a não ser que seja uma empresa do governo federal. Mas o que nós podemos fazer é, dependendo do projeto, numa parceria com o governo do estado, com a prefeita e o governo federal, a gente pode induzir que haja alguma coisa de investimento aqui. Por isso, é importante vocês descobrirem as aptidões da cidade para que a gente possa, a partir daí, começar a trabalhar as possibilidades de Governador Valadares.

Para terminar, companheiros e companheiras, para terminar, eu queria dizer para vocês que vocês já estão acompanhando pela imprensa que vai começar aquele debate com gosto de “coisa mofa”, que tem aquelas “pedras-umes” já até nas palavras. Vocês estão vendo o jornal dizendo: “Porque o



governo vai fazer o Estado ficar maior, o governo vai estatizar”. Uma bobagem imensa. Esse debate é da década de 50, da década de 60, esse debate está superado.

Acontece que nós não acreditamos na ideia de Estado mínimo, e tampouco acreditamos na ideia de que o mercado resolve tudo. O mercado resolve o problema de quem tem prata no bolso, mas não resolve o problema das pessoas pobres. Se não fosse o governo, não teria o programa Luz para Todos; se não fosse o governo, não teria o programa Bolsa Família; se não fosse o governo, não teria o Pró-Jovem; se não fosse o governo, não teria... Porque quem cuida das pessoas que não têm é o governo. Veja quando deu a crise, agora, na Europa, quando deu a crise nos Estados Unidos, quem é que cuidou? Foi o Estado que salvou o banco. Quem é que tem dinheiro? É o Estado.

Então, aqui no Brasil, pelo amor de Deus, nós aceitamos sugestão, mas não aceitamos intromissão demasiada. Eu não quero o Estado administrador, eu não quero. Mas eu quero o Estado indutor e o Estado fiscalizador. Quem vai cuidar da saúde é o Estado, que tem que contratar mais médico e tem que contratar mais agente de saúde. Quem vai cuidar da educação é o Estado, que vai colocar mais professores e mais técnicos. Havia gente que achava que o mercado iria resolver o negócio da educação. Resolveria para quem pode pagar, mas a educação é um direito de todos, do mais pobre ao mais rico, e o Estado tem a obrigação de cuidar.

Então, esse é um debate passado, é um debate vencido. Agora, na crise, quem é que livrou a cara? Foi o Banco do Brasil, a Caixa Econômica Federal e o BNDES, que investiram em créditos. Veja se os bancos particulares investiram. Não investiram. Fomos nós que tivemos que comprar a Nossa Caixa lá em São Paulo, que tivemos que comprar o Banco Votorantim para garantir o crédito. Fomos nós, que com a Caixa e o Banco do Brasil, compramos carteiras de bancos pequenos que estavam quebrados. É muito



fácil falar do mercado quando a gente está bem, em um restaurante, comendo comida boa. Mas quando a gente está deitado na sarjeta, não existe mercado para cuidar dos pobres deste país, o que existe é a figura do Estado.

Portanto, companheiras e companheiros de Governador Valadares, olhem, eu quero dizer para vocês: esta companheira tem três anos pela frente. Elisa, você pode fazer a diferença nesta cidade. Agora, uma coisa eu vou te contar: esta cidade tem empresários. Não divida a cidade entre aqueles que você gosta, que são do PT, e os que são contra. Não é o papel de um prefeito. O prefeito tem que governar para todos. No exercício da nossa tarefa institucional, a gente governa para todos. O que a gente não pode esquecer é quem é que tem preferência. E aí não está escrito em livros, está escrito no coração de uma mãe. Se uma mãe tiver quatro filhos, e tiver um fraco, um fragilizado, é naquele fragilizado que ela vai fazer mais denço, que ela vai colocar no colo, que ela vai beijar, que ela vai dar um copo de coisa a mais. Não adianta, no coração de mãe, achar que por ser mais bonito ou ser mais esperto tem direito a um segundo bife. Não! Todos têm que ser tratados em igualdade de condições, e a gente tratar de forma preferencial as pessoas mais carentes.

Esta cidade ficou empobrecida. Portanto, nós temos que cuidar dos pobres da periferia de Governador Valadares, porque a gente, a gente cuidando dos pobres, a gente vai facilitar a vida da classe média, que quer mais segurança, que quer mais tranquilidade, que quer mais limpeza. A gente não pode ficar jogando um contra o outro, que é o que eles sempre tentam fazer contra nós. E você tem tudo para fazer desta cidade aqui, uma cidade extraordinária, voltar a crescer, gerar empregos e se desenvolver.

No mais, queridos, que Deus abençoe a cada um de vocês, e até junho, na inauguração do Ifet. Se prepare, Reitor, que em junho estaremos de volta.

Um abraço, gente. Até outro dia.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de posse do novo ministro da Justiça, Luiz Paulo Barreto
Centro Cultural Banco do Brasil, 10 de fevereiro de 2010**

O Tarso e o Barreto vão falar no Ministério da Justiça, na transmissão de posse que será feita lá, mais tarde.

Bem, primeiro, cumprimentar o nosso querido companheiro, presidente José Sarney, presidente do Senado,

O nosso companheiro Michel Temer, presidente da Câmara dos Deputados,

O ministro Gilmar Mendes, presidente do Supremo Tribunal Federal,

O nosso companheiro Luiz Paulo Barreto, recém-empossado ministro da Justiça,

O nosso companheiro Tarso Genro, recém-retirante ministro da Justiça,

E os companheiros ministros aqui presentes,

Companheira Dilma,

Companheiros ministros,

Eu vou ser muito breve. Este é um momento sempre difícil na vida de um governo: todas as vezes que você tem que fazer a troca de alguém. Tem momentos em que a saída de um ministro é menos sofrida, quando é ele que quer sair. Quando o ministro quer sair, ele apenas procura o presidente da República e comunica o seguinte: “Eu quero sair porque eu vou ser candidato a tal coisa, e é inevitável, porque o povo quer que eu vá ser candidato”. E você, então, não tem argumento para convencer a pessoa a ficar. Esse é o momento menos sofrível [sofrido]. O momento duro é quando cabe ao presidente querer tirar o ministro e esse ministro acha que não está na hora de ele sair ainda, que ele não conseguiu cumprir a sua tarefa.



Bem, este momento da saída do Tarso é um momento, eu diria, para nós, difícil porque o Tarso assumiu o lugar do Márcio Thomaz Bastos no Ministério da Justiça, e conseguiu... e foi assim, praticamente, em todo o governo. No segundo mandato nós conseguimos imprimir um ritmo muito mais veloz nas coisas do governo em todas as áreas, o tal do PAC que nós criamos, PAC em todas as áreas: PAC do Ministério da Justiça, PAC da Agricultura, PAC da Economia, PAC da Educação. Tudo isso mostrou que o governo tinha se preparado muito no primeiro mandato e as coisas avançaram de forma extraordinária no segundo mandato.

Eu penso que o Tarso entrega o Ministério ao companheiro Luiz Paulo Barreto - como o Márcio entregou ao companheiro Tarso Genro - numa situação, eu diria, bem mais evoluída do ponto de vista de estabilidade da própria instituição. Aqui nós temos o Jobim, que foi também ministro da Justiça...

E nós tivemos um momento no Brasil em que o Ministério da Justiça era um Ministério eminentemente político. Eu, em 1978, para quem não sabe, eu fui convidado pelo Ministério político [da Justiça] – era o Petrônio Portela -, eu era dirigente sindical dos Metalúrgicos de São Bernardo e eu fui convidado para discutir a abertura política que o Geisel queria fazer, pelo Petrônio Portela. E por aquele Ministério da Justiça passou, praticamente, todo o debate político no governo Geisel. Depois diminuiu o ímpeto de importância nas discussões políticas.

Mas tivemos outros momentos em que o Ministério não conseguia executar uma política de Ministério da Justiça, porque se trocou muita gente. Nós tivemos períodos em que tivemos nove ministros, oito ministros da Justiça. Isso cria uma instabilidade na corporação, cria uma instabilidade... você imagine a secretária do ministro, você imagine... nem ela tem estabilidade porque... se trocou muito de ministro. Eu tive a felicidade de ter dois ministros no meu mandato, ou seja, eu estou tendo um agora, mais um, por uma



situação muito especial.

Mas o dado concreto é que nós criamos uma estrutura mais profissional no Ministério, houve uma melhoria substancial na relação salarial do pessoal do Ministério. Nós, praticamente, criamos uma situação muito favorável na Polícia Federal, não apenas de reconhecimento do trabalho que a Polícia Federal faz, mas também do ponto de vista da recomposição salarial da Polícia Federal. O efetivo da Polícia Federal aumentou substancialmente, numa demonstração da importância da Polícia Federal dentro... no âmbito do Ministério da Justiça.

Então, eu penso que nós vivemos um outro momento. E, agora, com a implantação de uma nova Política de Segurança, com a criação do Pronasci, com a execução do Pronasci em vários bairros das cidades mais importantes: Rio de Janeiro, Salvador, Recife. Agora, foi instalado até na minha cidade, foi instalado um Pronasci lá em São Bernardo do Campo, numa demonstração de que as coisas estão funcionando muito bem.

Portanto, o Luiz Paulo vai herdar um Ministério, certamente, melhor do que o Márcio herdou. Certamente, o Tarso já herdou um pouco melhor do que quando o Márcio entrou. E obviamente que o Luiz Paulo vai pegar o Ministério num momento, eu diria, muito importante.

Eu queria aproveitar este momento para agradecer ao companheiro Tarso Genro. O Tarso Genro que foi ministro da Educação, o Tarso Genro que foi ministro das Relações Institucionais, que cuidou do Conselho de Desenvolvimento Econômico. Em todas as áreas que o Tarso trabalhou, o Tarso prestou um serviço, eu diria, inestimável, pela criatividade, pela impetuosidade, pela ousadia, pela modernidade da equipe que ele conseguiu montar, que é próprio dos gaúchos de Santa Maria, ou seja, impetuosos, essas coisas de ousadia.

E no Ministério da Justiça, eu acho que o Tarso marcou um ponto extremamente importante. O Bolsa Formação é uma coisa que eu sei que tem



motivado muitos policiais. A polícia nacional que nós tínhamos criado, a Força Nacional, ela já está se consolidando definitivamente. Acho que a Bolsa Olímpica que nós criamos agora, a Bolsa... tem duas Bolsas: a Bolsa Copa do Mundo e a Bolsa Olímpica, que é para preparar os policiais para esses dois megaeventos em que o Brasil estará com a sua imagem exposta publicamente para o mundo inteiro, e nós não poderemos deixar para cuidar disso no ano de 2014 ou no ano de 2016, temos que cuidar agora. Tudo isso já está mais ou menos encaminhado. Portanto, o papel do companheiro Luiz Paulo, agora, é dar sequência a esse trabalho.

Eu, todo mundo sabe, também já é público, que eu estou fazendo uma opção neste último ano de governo, ou seja, eu... vários ministros querem ser candidatos. Eu acho legítimo os ministros quererem ser candidatos, e eu, na medida do possível, vou colocar os secretários executivos que estão trabalhando hoje, para assumir o secretariado [os Ministérios]. Eu não vou inventar um novo ministro, porque trazer uma pessoa nova significa a pessoa nova querer escolher um novo chefe de gabinete, um novo secretário executivo, uma nova secretária, e aí, até ele montar o Ministério, terminou o mandato. Então, na verdade, como já há uma certa harmonia dentro do governo, as pessoas que estão hoje trabalhando, já no Ministério, irão assumindo gradativamente, porque também não quero criar nenhum embaraço para ninguém, nem para que um partido político aliado, ou o próprio PT, venha a pedir um novo cargo, e nem também para constranger uma pessoa nova, que tem que tirar os que já estão lá dentro trabalhando.

O Luiz Paulo é um companheiro que começou há muito tempo no Ministério da Justiça. Está lá, concursado, há vinte e...? Vinte e seis anos. Ou seja, conhece a máquina por dentro, trabalhou em todo o governo do Márcio Thomaz Bastos, trabalhou em todo o governo do Tarso, é amigo de todo mundo, conhece todo mundo. Então, não tem por que a gente não confiar a um homem de carreira do Ministério da Justiça a função de ser ministro da Justiça.



Quem sabe, um dia, a gente não tenha que inventar tanto e a gente aproveite a estrutura que funciona, já para assumir determinados cargos importantes.

Portanto, Tarso, hoje é apenas uma palavra de agradecimento. Você está sem prestígio junto ao Ministro do Esporte, que acaba de chegar agora, escondido, ali por trás, para você não perceber que ele chegou atrasado.

Então, agora aqui, Tarso, é apenas agradecimento. Agradecer por tudo o que você fez. Acho que a história irá registrar o trabalho que foi feito no Ministério da Justiça, a dedicação, as inovações que foram feitas. E eu só posso desejar para você que você tenha toda a sorte do mundo na empreitada que você está assumindo agora.

Ao companheiro Luiz Paulo, eu, Luiz Paulo, já convivi com você em outros momentos, tenho total confiança de que você dará conta do recado. Acho que o Ministério da Justiça é uma área importante, ou seja, quanto mais trabalho e quanto menos buchicho, todos nós ganhamos com isso. Então, eu desejo a você toda a sorte do mundo. Que você possa marcar a sua passagem pelo Ministério da Justiça com a grandeza do seu comportamento moral e ético, nesses sete anos em que nós nos conhecemos.

Portanto, um grande abraço, boa sorte. E boa sorte ao ministro Tarso Genro.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de inauguração da barragem do Ribeirão João Leite**

Goiânia-GO, 12 de fevereiro de 2010

Meu caro amigo e governador do estado de Goiás, Alcides Rodrigues, e
sua senhora, Raquel Rodrigues,

Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa
Civil,

Meu querido companheiro Geddel Vieira Lima, ministro da Integração
Nacional,

Meu querido companheiro Henrique Meirelles – na verdade, é presidente
do Banco Central e ministro ao mesmo tempo,

E companheiro Franklin Martins, ministro da Secretaria de Comunicação
Social,

Meu caro amigo Ademir Menezes, vice-governador de Goiás,

Meu caro amigo Helder Valin, presidente da Assembleia Legislativa de
Goiás,

Desembargador Paulo Teles, presidente do Tribunal de Justiça de
Goiás,

Companheiros deputados, Leandro Vilela, Marcelo Melo, Pedro Chaves,
Pedro Wilson, Roberto Balestra, Rubens Otoni e Sandro Mabel,

Meu caro companheiro Iris Rezende, prefeito da cidade de Goiânia, por
meio de quem cumprimento todos os prefeitos das cidades de Goiás que estão
aqui presentes,

Dom Washington Cruz, arcebispo metropolitano de Goiânia,

Senhor companheiro Nicomedes Domingos, presidente da Saneago,

Companheiros deputados estaduais,

Secretários estaduais,



Vereadores,

Companheiros e companheiras do meu querido estado de Goiás,

Companheiro Alcides, quando a história do Brasil for lida daqui a alguns anos, nós vamos detectar que houve um tempo neste país em que teve um conjunto de governantes tão republicanos que fez com que o Brasil desse certo. Ninguém aqui, ninguém, nenhum de vocês que faz política em Goiânia, nenhum de vocês que faz política no Brasil desconhece que a prática política do Brasil é que o presidente da República só coloca dinheiro nos estados em que seus amigos governam, os governadores só colocam dinheiro nas cidades que seus amigos prefeitos ou aliados governam, e aqueles, que por não concordarem fazem oposição ou pertencem a partido de oposição, normalmente terminam o mandato e começam o mandato a pão e água, sem receber quase que nada dos governantes.

Nós mudamos essa prática, e mudamos essa prática... Basta perguntar para os prefeitos que administraram cidades aqui neste estado antes de nós chegarmos à Presidência da República. Não precisa perguntar para prefeitos de outros estados, perguntem para os prefeitos que governaram essas cidades deste estado antes de nós chegarmos à Presidência da República, a quantidade de recursos federais que iam para as cidades. E podem perguntar a qualquer prefeito de qualquer cidade deste país, de qualquer estado, como era que os prefeitos eram tratados pelo governo federal na distribuição de verbas, como era que os governadores dos estados tratavam os prefeitos que não fossem seus apadrinhados, que não fizessem parte do curral eleitoral dos governadores. Nós mudamos essa história.

Todo mundo sabe que eu apoiei o companheiro Maguito Vilela na eleição para governador, quatro anos atrás. Conheci o Alcides, ele ia em alguma coisa substituindo o ex-governador. Pois bem, agora pergunte ao companheiro Alcides se depois que ele foi eleito governador, se pelo fato de



ele ter sido candidato contra um candidato que eu apoiei, se faltou para ele um centavo que Goiás tivesse direito e que tivesse projeto para que a gente pudesse ajudar. Aliás, deveria perguntar para o outro se quando ele era governador de um partido de oposição faltou dinheiro aqui para o estado de Goiás. Poderia perguntar para o governador de São Paulo, perguntem, perguntem ao governador de Minas Gerais, perguntem ao governador de Alagoas, perguntem à governadora do Rio Grande do Sul, todos de partido de oposição, se nós, em algum momento, deixamos de dar um centavo porque eles fazem oposição ao governo.

Não é assim que alguém que tem decência e alguém que tem noção republicana governa um país. Governar um país não é criar um grupo de amigos, governar um país é olhar para os interesses de cada um dos 190 milhões de brasileiros que moram nesses 8,5 milhões de km² e tratá-los, todos, em igualdade de condições, embora os governantes pertençam a partidos diferentes.

Não faz muito tempo, na crise econômica mundial que aconteceu, em que eu tomei a decisão de comprar a Nossa Caixa, que era o banco mais importante de São Paulo. Alguns amigos meus diziam: “Mas, Presidente, o senhor vai comprar a Nossa Caixa? O senhor vai dar R\$ 6 bilhões para o governador de São Paulo num ano de eleição?”. Eu dizia: vou, vou. E vou porque eu quero transformar o Banco do Brasil no maior banco do Brasil mesmo. Eu quero resolver o problema do crédito que os bancos particulares não estão resolvendo. E não comprei apenas a Nossa Caixa; comprei 50% do Banco Votorantim; compramos o Banco do Piauí, o Banco de Santa Catarina, o Banco do Espírito Santo. Em vez de privatizar esses bancos, nós compramos pelo Banco do Brasil.

E quem é que salvou o crédito na crise econômica? O companheiro Meirelles, presidente do Banco Central, a quem eu pedia, em toda reunião: Meirelles, eu quero que você me traga o crédito. Como é que está o crédito? E



os bancos privados pararam de emprestar dinheiro. Se não fossem os bancos públicos, a Caixa Econômica Federal, o Banco do Brasil e o BNDES, a gente tinha levado este país a uma crise tão grave quanto a crise que se abateu na Europa e nos Estados Unidos.

Mais recentemente, três estados adversários, Alcides – não foi nenhum estado aliado –, precisavam de dinheiro do Banco do Brasil, precisavam que o Banco do Brasil comprasse as folhas de pagamento. Outra vez: “Você vai dar dinheiro, Lula, para os seus adversários?” Pois vou dar, porque durante o processo de campanha, eu quero que as pessoas tenham a decência de fazer oposição, mas reconhecer que neste país, um dia, teve um torneiro mecânico que os tratou em igualdade de condições com os governadores do meu partido e os meus aliados. Não há diferenciação. E não acredito, não acredito que seja possível utilizar esse dinheiro para fazer campanha. Não acredito. E se fizerem, perderão com dinheiro ou sem dinheiro. É importante ter claro.

Bem, uma outra coisa importante que nós temos que ver o que está acontecendo no Brasil para este momento auspicioso. O governo Geddel outro dia me chamava a atenção e dizia o seguinte: “Presidente, o governo precisa tomar cuidado, porque o governo está com uma megalomania. Esse negócio de o senhor trabalhar junto com a Dilma e com a Petrobras, esse negócio dos projetos de 30 bilhões, 40 bilhões, 50 bilhões, 60 bilhões, 30 bilhões, 8 bilhões, 3 bilhões, 4 bilhões... Qualquer obra da Petrobras é mais de bilhão”. Então, vocês estão perdendo de dar importância a obras, às vezes, de 5 milhões, que têm uma importância extraordinária em uma cidade. Um, dez milhões que a gente utilize na drenagem de uma pequena cidade, às vezes tem mais importância do que uma obra de 1 bilhão, às vezes tem.

Eu também tenho consciência... e aqui, quem é engenheiro e os empresários da construção civil que estão aqui, e os donos de empresa da construção civil sabem, sabem que não há, na história do Brasil, nenhum momento em que se tenha tanto investimento em obras públicas, sobretudo em



saneamento básico, como nós temos agora no Brasil. Porque antigamente os políticos não gostavam de saneamento básico. Saneamento básico é sempre uma coisa ruim de fazer e tem que enterrar dinheiro. E, depois, não dá para a gente colocar o nome da vovó da gente em uma manilha. Ela está embaixo da terra. Então, é bom fazer viaduto, é bom fazer essas coisas, porque dá para colocar o nome dos parentes da gente.

Pois bem, acontece que nós fizemos uma opção, uma opção que, muito melhor do que uma parede de concreto para você colocar o nome de um parente, muito mais importante é a gente ver uma criança brincando descalça em uma rua, sem pisar em esgoto a céu aberto, com saúde. É muito melhor uma criança poder jogar bolinha de gude em uma rua que não tem asfalto, mas tem saneamento, tem coleta e tem tratamento.

Neste país, companheiro Alcides, cidades praianas importantes, bonitas, famosas não têm um metro de tratamento de esgoto, porque as pessoas não gostavam, e nós achamos que fazer tratamento de esgoto é a gente investir na saúde. E por isso que nós estamos fazendo muito. Não existe na história, e os empresários são testemunhas disso. E mais uma coisa: empresário, antes do nosso governo, contratava obra, não sabia se ia terminar e não sabia se ia receber. Eu faço um desafio aqui – a imprensa está aqui, estão os empresários –: se há algum momento em que se pagou aos empresários tão em dia, as obras contratadas pelo governo federal em todos os Ministérios.

Tem coisa que não está no controle da gente: o aeroporto de Goiânia. Já era para ter inaugurado esse aeroporto. Acontece que essa obra está embargada. Tem uma perícia sendo feita, um juiz determinou a perícia e nós resolvemos, já, que quando terminar essa perícia, nós vamos contratar o Exército para fazer essa obra, para ver se a gente termina essa obra.

Porque no Brasil, no Brasil... eu sou daqueles, sou daqueles que defendo muito a ideia do companheiro Paulo Bernardo de fazer uma mudança na lei de licitação, fazer uma coisa mais funcional, que possa ser



(incompreensível), mas que possa ser funcional. Uma coisa que possa mostrar toda a dureza no controle e no combate à corrupção mas, ao mesmo tempo, que crie condições para a gente fazer o projeto, licitar uma obra e terminar. Hoje, hoje você faz uma licitação, uma empresa que perde, vai para a Justiça e embarga uma obra dois ou três anos.

É preciso que a gente, então... e aí, acho que é um desafio enorme para a bancada de deputados, e não vai ser mais neste mandato, porque a cabecinha de vocês agora só está pensando em eleição, só pensam naquilo, não vão ter grandes preocupações daqui para frente. Mas, de qualquer forma, eu acho que tudo isso nós vamos preparar para que quando vier o próximo governo, ele tenha a coisa mais ou menos preparada para mudar. E não é que a gente queira diminuir as exigências. A gente quer fazer as coisas sérias.

Eu, de vez em quando, eu conto uma história. Uma foi lá no canal do sertão, eu estava com o Geddel. Uma antropóloga – é isso? – paralisou uma obra seis meses porque ela encontrou uma pedra que parecia uma machadinha indígena. Simplesmente parou uma obra, um canal, que custa R\$ 6 bilhões, foi paralisada uma parte dessa obra porque se encontrou ali uma machadinha índia. Depois de seis meses, depois de seis meses, descobriu-se que não era uma machadinha indígena coisa nenhuma, era uma pedra comum. E ninguém se responsabiliza pelo prejuízo de uma obra paralisada durante seis meses. No túnel da BR-101, lá em Osório, vindo da Argentina para cá, no Rio Grande do Sul, encontrou-se uma perereca e achou-se que a perereca estava em extinção. Por conta disso, a obra ficou paralisada seis meses, seis meses. Aí descobriu-se que a perereca não estava em extinção. Graças a Deus, porque perereca não pode se extinguir nunca.

Bem, eu estou contando essas coisas para vocês verem as dificuldades que nós precisamos arrumar. Porque é um sofrimento, é um sofrimento, e talvez não seja culpa individualmente de ninguém, é uma culpa de um conjunto de coisas que nós fomos fazendo durante uma série de anos e que, na hora



em que a gente tira a fotografia e vê o todo, a gente percebe o que acontece no País.

Por exemplo: durante 25 anos, a gente paralisou a máquina de execução nesse país. Vamos ser francos, o último governo que investiu em obras de infraestrutura para valer foi o governo Geisel. Agora, qual foi o erro? É que ele não tinha dinheiro, endividou o País, e depois os outros tiveram que começar a pagar a conta, porque os juros americanos eram quanto, Meirelles? Quatro ou 5% e os americanos, para resolver o seu problema, aumentaram para 21% e isso veio na conta de quem devia. Então, quem chegou depois do Geisel – o Figueiredo e os outros – teve que pagar o desenvolvimento feito pelo Geisel. Nós estamos fazendo de forma diferente, porque estamos fazendo com o nosso dinheiro. Não estamos pedindo dinheiro ao FMI, pelo contrário, estamos emprestando US\$ 14 bilhões para eles. Bem, então nós estamos fazendo essas obras hoje com os nossos recursos. E como o País ficou 25 anos sem investimento... E quando eu falo isso, os empreiteiros sabem o que foram esses últimos 25 anos. Ora, o que a gente percebeu? As empresas também foram sendo desmontadas, porque não tinha mais grandes obras no Brasil, ou seja, os empresários brasileiros começaram a ir para a Argentina, Uruguai, Paraguai, Venezuela, Bolívia, Equador, América Central, África, Oriente Médio, o aeroporto da Líbia está sendo feito por uma empresa brasileira. O aeroporto de Miami, é por uma empresa brasileira. Estádio de futebol, é por empresa brasileira. Saneamento básico, na maioria dos países africanos, é por empresa brasileira. E aí, quando nós começamos a investir em infraestrutura as empresas estavam, não apenas descapitalizadas, mas empresas não tinham sequer máquinas.

O Exército brasileiro, que sempre serviu como instrumento para fazer obras em lugares de mais difícil acesso, o Batalhão de Engenharia do Exército Brasileiro estava totalmente desmontado, não tinha uma máquina. Hoje, já tem tantas máquinas, que estão causando ciúmes em algumas empresas, porque



estão achando que eles estão virando uma grande empresa. E nós utilizamos eles para fazer coisas, quando nós percebemos que os empresários não se entendem e começam a brigar entre si, e nós metemos o Exército lá, até eles aprenderem a fazer as coisas sem brigar tanto, porque se não for assim, também, as coisas não funcionam.

Bom, pois bem, então depois desses 25 anos sem obras, o Brasil estava desacostumado, este é o dado concreto. Os prefeitos, o Alcides sabe, não tinham projetos, não tinham projetos. Quando a gente foi fazer o primeiro PAC, nós passamos um ano e meio construindo projetos, porque não tinha. Agora no segundo PAC está todo mundo mais esperto, porque eu digo todo santo dia, e vou dizer para vocês aqui: o que faz o dinheiro é o projeto. Não adianta um prefeito chegar: “Presidente, na minha casa, na minha cidade eu estou precisando de tal coisa”. Tem projeto? Tem licença ambiental? Tem projeto executivo pronto? Aí é possível aparecer o dinheiro. Mas se tiver só vontade, vai ficar na vontade. É preciso produzir, e nós estamos produzindo esses projetos.

Pois bem, vamos pegar um caso aqui marcante, Alcides, que você falou: a ferrovia Norte-Sul. Eu falo dela com muito orgulho, porque fui contra ela quando o Sarney lançou ela. Eu, acho que o Geddel, acho que o Geddel... Eu lembro - eu conversei muito com o ministro Jobim – quantos discursos a gente fez contra a Norte-Sul. A gente dizia que era ferrovia, que ia ligar o nada ao nada, que não sei das quantas...

Pois bem, toca eu a assumir a Presidência, para passar a fazer aquilo que os outros que eram favoráveis não fizeram. Então, nós já fizemos até agora mais que todo período do governo Sarney, que foi quem lançou a obra, depois o Collor, depois o Itamar, depois o Fernando Henrique Cardoso. Nós já fizemos nesse período, mais do que todo esses governos juntos e vamos terminar até Anápolis, são 1.023 Km... 1003 Km. A ideia nossa é inaugurar ainda este ano esse trecho. E depois nós vamos já colocar no PAC II até



Estrela d'Oeste, em São Paulo, mais 600 km, para que a gente possa fazer essa ligação do Caribe à Patagônia.

Depois nós vamos começar, ainda... talvez em março, a gente vá lançar a pedra fundamental e a gente começa a obra ainda este ano da Ferrovia Leste-Oeste, que vai pegar o Porto de Ilhéus, lá na Bahia, vai atravessar o estado da Bahia por Caetité, por Barreiras, vai chegar ao estado do Tocantins e Goiás, vai atravessar a Norte-Sul e, daí, nós queremos seguir até o Pará, outra vez, para a gente tentar interligar o Brasil inteiro por rodovia... por ferrovia.

E uma outra coisa que vai entrar no PAC II é a questão das eclusas. Até algum tempo atrás, era proibido falar em eclusa neste país. Agora virou moda falar em eclusa, então nós vamos aproveitar o potencial dos rios que nós temos, para ver se a gente consegue aumentar o potencial do transporte fluvial, dentro dos nossos rios, para baratear o custo da nossa produção agrícola e facilitar o escoamento da nossa produção. Essa vai ser uma coisa do PAC II que, se tudo der certo, nós vamos anunciar, agora, no dia 26 de março.

E por que é que a gente vai ter que anunciar? É porque quando a gente for fazer a LDO, nós já temos que colocar uma previsão. Quando a gente mandar o orçamento, em agosto, já tem que colocar dinheiro no Orçamento. E quando for discutir o Plano Plurianual, vai ter que ter as obras dos próximos quatro anos. Então, nós vamos apresentar isso para que quem vier depois possa, então, começar já a trabalhar.

Uma coisa importante que vocês estão acompanhando: Belo Monte. Belo Monte ficou 20 anos proibido de fazer o estudo. Proibido! Nós não fizemos o estudo. Como já conseguimos a licença prévia, logo, logo vai ter a licitação da construção da hidrelétrica de Belo Monte, porque as pessoas estão descobrindo que a energia mais limpa possível é a energia hídrica, e que a gente, então, vai utilizar o potencial dos rios brasileiros, levando em conta a necessidade da preservação ambiental.

E vamos também apresentar ao Brasil uma coisa chamada hidrelétrica



plataforma, que é um novo modelo de hidrelétrica em que a gente vai apenas fazer o desmatamento para construir a hidrelétrica. Depois vai fechar o desmatamento, não vai permitir a entrada de ninguém para não ter casa, não ter nada, e os trabalhadores que forem trabalhar na hidrelétrica, eles vão trabalhar como se fossem trabalhar numa plataforma da Petrobrás, em alto mar. Eles vão de helicóptero, descem lá na hidrelétrica, trabalham, ficam um certo tempo e voltam para casa, sem ter estrada, sem ter nada na hidrelétrica. Esse é um modelo que a gente vai apresentar, que eu acho que a gente vai deixar o mundo boquiaberto de conhecer o que é o nosso projeto plataforma para fazer hidrelétrica.

E aí, fazer o debate com a sociedade, fazer as audiências públicas que tiver que fazer, discutir com os nossos companheiros ambientalistas para que a gente, democraticamente, consiga convencer a sociedade brasileira de que não tem volta para o Brasil. Este país vai se transformar numa grande potência econômica nos próximos anos. É por causa do pré-sal, é por causa da Amazônia, é por causa da descoberta da biodiversidade, é pelo aproveitamento das coisas que a gente tem.

O que nós temos que ter em conta é o seguinte: nenhum povo será um povo vencedor se o general viver de cabeça baixa, achando que tudo é difícil. Pensem na desgraça de uma família se o pai ou a mãe se levantam todos os dias dizendo: “Ah, não vai dar certo. Eu não vou sair de casa porque vai chover”. E a mãe fala: “Eu não vou sair porque tem muito sol. Eu não sei se eu vou sair porque eu não tenho dinheiro, eu não tenho roupa nova. Ah, eu não comprei o batom”. Imaginem a desgraceira que causa na família se o pai e a mãe ficarem nesse “chororô” o tempo inteiro.

Imaginem um presidente da República ficar o tempo inteiro dizendo: “Não posso fazer isso porque sou pobre. Não posso fazer isso porque sou pobre”. Tinha gente que falava: “Ah, não dá para trazer as Olimpíadas para o Brasil porque o Brasil é pobre. O que é que vai fazer Olimpíadas?”. Gente que



pensa assim é gente que joga para trás o tempo inteiro, parece caranguejo. É um ser humano caranguejo. Porque as pessoas perderam a noção do que significa trazer uma Olimpíada para o País. As pessoas perderam a noção do que significa trazer uma Copa do Mundo para o País. As pessoas perderam a noção do que vai ter de investimento, do que vai ter de autoestima do povo brasileiro. Agora, eu só não posso garantir que a gente vá ganhar. Só não posso garantir a Copa, porque também seria dar muito na cara. O Tribunal de Contas viria em cima de mim e pediria uma fiscalização se eu dissesse... Não, não vamos fazer isso. Não vamos prometer que vamos ganhar. Nós vamos prometer que vamos realizar a melhor Copa do Mundo que já foi realizada.

Porque tem uma coisa, tem uma vantagem comparativa, tem uma vantagem comparativa. Você imagine a televisão brasileira mostrando um estádio. Faz de conta que, Geddel, você está em um estádio. Qual é o país europeu do mundo que pode mostrar um índio simpático como aquele, vendo uma Copa do Mundo? Vendo um negro ao lado de um branco? Ou seja, essa diversidade da raça brasileira é uma coisa tão extraordinária, e a criatividade do brasileiro é tão fantástica que eu estou convencido de que nós vamos não apenas fazer uma bela Copa do Mundo, é que nós vamos passar a vender para o resto do mundo um jeito de ser, o jeito do brasileiro, o jeito das pessoas. Por que o Brasil está respeitado lá fora? Não é porque eu sou mais bonito do que aqueles que vieram antes de mim. Não é porque eu sou mais bonito. É apenas porque eu aprendi, desde pequeno, que ninguém me respeita se eu não me respeitar. Eu respeito todo mundo, mas aprendi a não baixar a cabeça para ninguém. Aprendi a não baixar a cabeça para ninguém. Não ando de nariz empinado, mas não baixo a cabeça. É para conversar um olhando no olho do outro. Você vê, no mundo animal: se um cachorro estiver grunhindo para o outro e parar de olhar, baixar a cabeça, o outro vai em cima do pescoço dele.

Então, é preciso que a gente aprenda a gostar da gente mesmo. E, antes, nós não gostávamos, tudo dos outros era melhor. “Ah, porque os



americanos são isso”, os brasileiros iam quase que humilhados fazer as coisas lá fora... Isso acabou. Gosto de todo mundo, trato todo mundo com respeito – o Meirelles me acompanha em muitas das viagens –, mas sabe, o seguinte: o que nós queremos é ser respeitados. Não venham conversar com a gente como se a gente fosse um milímetro menor. Não somos. Nós somos iguais. Temos os mesmos direitos, e estamos falando em nome do nosso povo. Por isso que não há espaço para cabeça baixa.

O Meirelles sabe que, antes dele no Banco Central, a gente ia negociar com o FMI, até o porteiro fazia exigência para a nossa delegação. Até o porteiro. Ele sabe que a gente era humilhado lá fora. Era humilhado. O Brasil tinha fama de não cumprir palavra. Porque, também, estava cheio de brasileiro cheio de jeitinho, não é? Os caras acham que podem enganar todo mundo há muito tempo. Eu não quero enganar ninguém, mas não quero ser enganado. É essa a relação que o Brasil estabeleceu com o mundo e é por isso que o Brasil hoje é respeitado. É por isso que hoje o Brasil é importante no G-20, é importante no G-8, é importante no G-13, é importante no G-4, é importante no G-3. Crie um “G”, que o Brasil está lá dentro. Por isso, não tem país, Geddel, mais preparado para encontrar o ponto “G” do que o Brasil.

Não, é isso, é isso que...Quando a gente vai fazer as coisas gostando da gente, quando as coisas vai fazer as coisas respeitando a gente... eu fico olhando os outros presidentes, e eu fico pensando: “perai”, quem é deles que tem relação com o povo melhor do que a minha? Quem é deles que conhece a vida que eu conheço? Quem é deles que já teve que acordar à meia-noite, com água batendo no pé da cama? Levantar disputando espaço com rato, com barata, com merda? Quem é deles que já fez isso? Então, é isso que dá à gente autoridade para exigir um tratamento adequado para tratá-los adequadamente.

Por isso, inaugurar esta obra, para nós, é apenas, Alcides, o cumprimento de mais uma tarefa. Nós vamos ter eleições daqui a pouco,



vamos ter eleições. Eu, eu gostaria que todo mundo estivesse junto no mesmo barco, remando para o mesmo lado. Eu acho que é impossível. Da outra vez que eu vim aqui, eu citei o nome do Meirelles, deu um bafafá desgramado. Desta vez eu já não citei mais. Desta vez eu disse: Meirelles, fique no governo até o final, cumpra com o seu mandato comigo até o final e se você vai ser ou não candidato é uma questão do PMDB. Se vai ser o Iris eu não dou mais palpite, mas (incompreensível) aliado. Se o Alcides acha que tem que ter uma terceira candidatura, eu também não dou palpite, ou seja: vocês encontrem uma fórmula. O que vocês não podem é deixar o passado voltar da forma autoritária que se governou este estado. Mas aí a coisa é com vocês, não é comigo. Eu apenas, apenas gostaria de poder participar da campanha aqui, com os meus aliados. Como eu tenho muitos aliados, eu espero participar da campanha aqui.

Mas, está chegando o momento, muitos ministros vão se afastar para serem candidatos, eu acho que é um direito legítimo. Agora, da minha parte, é o seguinte: o governo federal não para, não para. Quem pensar que eu vou diminuir minhas viagens por causa das eleições, vai cair do cavalo, porque os ministros que ficarem, eles não sabem o que está esperando eles. Eles não sabem, porque se os atuais trabalham muito, pobres dos que vierem. Porque eu vou montar uma sala de comando em que eu mesmo vou comandar. Eu quero, eu quero, quero concluir tudo o que for possível concluir, porque se ficar no final do mandato as pessoas começam a afrouxar, começam a afrouxar. Nego já não quer mais dar tapinha nas minhas costas. Já quer dar tapinha nas costas de quem ele pensa que vai ser, então... É verdade. Nego já não quer... nego já não quer mais cumprimentar quem lhe paga o salário. Já está pensando em quem vai pagar o próximo.

E como eu tenho compromisso com o povo brasileiro de entregar as coisas, eu tenho compromisso de trabalhar até o dia 31 de dezembro de 2010, à meia-noite, quando eu vou parar para comemorar o ano, tomar um uísque,



me preparar para entregar... Um uísque ou uma caninha boa, se alguém de Goiás me der, né, pô! Porque Goiás fala, fala que produz caninha boa, mas só me dão empadão. As caninhas que eu ganho são de Minas Gerais. Então, ó... mas não precisa dar agora, não. Não precisa dar agora, não. Dê depois, senão a imprensa vai fotografar, como é que vai ficar? Uma pessoa chique, uma pessoa chique ganhando uma garrafa de cachaça é uma coisa chique. Agora, um metalúrgico ganhando é porque ele é cachaceiro. Então, guarde para dar depois.

No mais, eu estou, eu estou muito feliz, Alcides, e quero te dizer uma coisa, Alcides: eu acho que a tua eleição para Goiás foi uma compensação e uma grata surpresa na relação que você estabeleceu comigo. Eu, na verdade, muito mais do que um governador, eu tenho em você um companheiro e um amigo, isso já provado em muitos momentos.

Por isso, parabéns a você. Parabéns, Iris, pela obra que você recebe. O Geddel falou que, durante os próximos 30 anos, goiano vai ter direito a tomar banho três vezes por dia, a ficar 30 segundos embaixo do chuveiro. Não, porque uma cidade bonita como Goiânia não pode ficar sem água. E também Aparecida, né? Aparecida, porque senão o Sandro Mabel e o Maguito Vilela me matam se eu não disser: a água vai atender Goiânia e Aparecida.

Então, parabéns, parabéns. O dia de hoje é gratificante e quem não pôde vir aqui, por soberba, vai só lamentar.

Um abraço.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração da Escola Municipal Jornalista Jaime Câmara e alusiva à visita às unidades habitacionais do PAC - Pró-Moradia no Jardim do Cerrado e Jardim Mundo Novo

Goiânia-GO, 12 de fevereiro de 2010

Bem, primeiro, eu acho que como a pessoa de mais idade aqui, neste palanque, eu tenho que pedir desculpas a vocês pelo fato de nós termos chegado aqui depois das 4 horas e vocês chegaram aqui à 1 hora da tarde. E eu sei que não é fácil, vocês vieram de ônibus. Na próxima vez, eu garanto que a gente vai cumprir o horário e chegar mais cedo.

A segunda coisa é que eu queria não repetir aqui os nomes de todos que já foram citados, mas eu queria, cumprimentando o companheiro Iris Rezende, prefeito da cidade de Goiânia, e cumprimentando o governador Alcides, estar cumprimentando todas as autoridades presentes aqui, neste palanque. E cumprimentando a companheira Dilma, eu estarei cumprimentando todos os ministros que me acompanham aqui e queria devolver o meu discurso, que eu vou conversar um pouco com vocês sobre a nossa situação.

Olhem, primeiro, companheiro Iris, eu queria lhe dizer uma coisa: 2,4 mil casas é praticamente um conjunto de casas maior do que muitas cidades brasileiras que foram criadas depois da Constituição de [19]88. Isso nos obriga a ter um carinho especial com as pessoas que já receberam a chave da casa e com as pessoas que vão receber as suas chaves, porque 2,4 mil casas, se a gente não cuidar de ter uma estrutura de acompanhamento do desenvolvimento dessas casas, se a gente não começar a acompanhar quais são as perspectivas dos adolescentes que vão morar nessas casas, se a gente não cuidar para que isso se transforme em um centro de atração de lazer, de



cultura e de oportunidade, a gente pode transformar um conjunto extraordinário como esse em uma coisa de desesperança se a oportunidade de emprego, de estudar, de lazer, de cultura não vier junto com as casas que nós estamos entregando a esse povo brasileiro.

Eu, Iris, quero até fazer um compromisso. Eu quero fazer um compromisso: é que mais ou menos vocês receberam a casa, alguns há mais ou menos uns 30 dias, tem gente recebendo a casa. Eu quero assumir o compromisso aqui, na frente do Governador, na frente do Prefeito, para que a gente, daqui a uns seis meses, a gente volte a esse conjunto habitacional apenas para que a gente possa ouvir do povo quais são as coisas que faltam a gente fazer para poder isso aqui se transformar em uma coisa realmente extraordinária para o povo viver. Eu quero te dar os parabéns, ô Iris, porque eu já vi uma escola extraordinária aqui. Inclusive com o nome de um dos grandes comunicadores do estado de Goiás, o Jaime Câmara, que merece essa homenagem feita por você, dando à escola o nome dele.

A segunda coisa é que também vai ter área de lazer. Porque aqui nós precisamos ter campo de futebol para essa meninada. Aqui, nós precisamos ter várias outras opções. Tem gente que gosta de jogar basquete, gosta de jogar... Não é só... Se a gente quiser ganhar muita medalha nas Olimpíadas, a gente vai ter que escolher um lugar aqui e fazer uma piscina ou mais, para essa molecada poder se divertir.

E aí, eu quero te dizer que eu não estou te cobrando, não. É que o Governo Federal tem que, junto com você, e junto com o governo do estado, cada um dando um pouquinho, vai ser pouco para cada um, e vai ser muito para atender a essa meninada. Que se a gente não ocupar o tempo dessa meninada, essa meninada vai ter o tempo ocupado em uma coisa que não vai agradar a nenhum de nós.

Portanto, é preciso ocupar, tentar inclusive, Iris – e estou disposto aqui a falar de público para o povo – ajudar você a construir mais escolas, para que



essa meninada tenha escola em tempo integral aqui nesse conjunto habitacional. Porque isso pode, inclusive, começar a ser uma exigência do programa Minha Casa, Minha Vida, para que a gente dê aos pais a garantia de que o filho vai estar estudando, e não vai estar na rua aprendendo coisa que não presta, como habitualmente as crianças aprendem.

A segunda coisa que nós temos que fazer aqui, companheiro Iris e companheiro Alcides, é tentar ver quantos jovens estão na idade de adolescência e que a gente precisa ter escola de formação profissional, para que esses jovens, essas meninas e esses meninos, possam aprender um curso.

E eu estava vindo de carro para cá – daqui até Goiânia é um bocado longe – daqui até Goiânia, não, aqui é Goiânia. Daqui até o centro de Goiânia é uma coisa longe. Já que a cidade só tem que crescer para cá mesmo, nós vamos ter que trazer, junto com essa cidade nova... Porque o que você fez aqui, ô Iris, é uma cidade nova. Duas mil e quatrocentas casas é uma cidade nova. Eu já tinha sobrevoado outro dia, não sei se foi aqui mesmo, com quantidade de casas. Então, nós precisamos começar a trazer, junto com essas casas, estudo, educação, esporte, lazer e cultura, para a gente poder completar o ciclo de um novo modelo habitacional para este país. Porque, se a gente abandonar isso aqui, daqui a dez anos, isso aqui está quase virando uma favela. Então a gente não pode deixar abandonar.

Dilma, eu não sei se você reparou, não sei se você reparou. É preciso, se for o caso, a gente criar uma linha de financiamento para que a gente possa emprestar dinheiro a juros zero para esse povo construir um murinho em torno da sua casa. Porque é o muro que vai garantir a intimidade de cada família, é o muro que vai garantir a soberania de cada família. Porque se não tiver o muro, aí uma vizinha tem um cachorrinho, aí o cachorrinho sai da casa da vizinha, vai sujar a casa da outra vizinha, aí a outra vizinha já vai bater boca, aí não dá certo, não dá certo.



Então, eu estou te dizendo, Iris, que nós, no governo federal, através do programa Minha Casa, Minha Vida, através da Caixa Econômica Federal, estamos dispostos a partilhar com você e com o Governador o jeito de a gente completar para que isso aqui vire um centro habitacional chique, porque, ora, deixa eu contar uma coisa para vocês: eu estava comentando com o Iris Rezende. Aqui, os mais velhos se lembram que eu fiz a primeira greve dos metalúrgicos do ABC em 1978. Vocês sabem... Eu morava em uma casa, Iris, de 33 metros quadrados. A minha casa era de 33 metros quadrados e o terreno da minha casa tinha oito por 20. Eu estou sabendo que o terreno aqui tem dez por vinte e alguma coisa, portanto dá para cada um, depois, com o tempo, ir construindo mais um quarto, mais uma sala, que é assim que a gente faz, porque pobre, pobre muda para a casa apenas no tijolo, não precisa nem ter reboque. Pobre tendo um quarto e um banheiro está bom. Depois a gente vai colocando azulejo, vai colocando pastilha, porque tem uma mania de as pessoas entenderem que pobre não gosta de azulejo, não gosta de cerâmica. Pobre gosta. Pobre adora coisa boa. Só não tem coisa boa porque não pode.

Então, é importante que a gente tenha em conta que cada pessoa, se aqui tiver escola, se aqui tiver centro de lazer, se aqui tiver prática esportiva, a gente vai estar criando aqui uma nova cidade. Uma nova cidade precisa de possibilidades de emprego, precisa de cursos técnicos para os adolescentes, de curso profissional. E é isso que eu estou assumindo compromisso com o Governador e com o Prefeito para a gente fazer.

Dito isso, companheiros, dito isso... asfalto, meu amor. Asfalto, meio-fio, nós chamamos de guia, sarjeta, tudo direitinho. Eu não quero que você saia para trabalhar sujando o seu pé de barro. Eu não quero, porque eu morei em um lugar chamado Parque Bristol, em São Paulo, em que eu saía para trabalhar, colocava uma galocha no pé, chegava na padaria, tirava a galocha, embrulhava em um jornal, pegava o ônibus, chegava na fábrica, lavava a galocha, deixava ela secar, à tarde voltava dentro do ônibus, metia a galocha,



chegava na minha casa dava para fazer outra casa com a quantidade de barro que tinha na galocha.

Lógico que nós vamos ter que asfaltar a rua em que vocês moram, porque o objetivo nosso é entregar a casa com asfalto também. Sabe, esse negócio de pisar em barro quem gosta não é pobre. É preciso parar com essa mania de achar que pobre gosta de coisa de segunda classe. Nós gostamos de coisa de primeira classe, primeira, tudo de melhor.

Então, companheiros, eu estou muito feliz de estar aqui com o nosso Prefeito, eu já tinha sobrevoado aqui e quero dizer para vocês que o Programa Minha Casa, Minha Vida é o maior programa de casas já feito neste País. E, desde que foi construído o BNH – depois acabou o BNH – esse Programa Minha Casa, Minha Vida é o único desafio de tentar fazer um milhão de casas. E eu queria fazer em dois anos, acontece que as empresas brasileiras não estavam preparadas para um projeto dessa magnitude, nem os prefeitos estavam preparados, no Brasil inteiro, com projetos prontos. Mas, daqui para frente a gente vai ter que fazer o Minha Casa, Minha Vida número 2, o Minha Casa, Minha Vida número 3, aí os empresários já estão preparados, a Caixa Econômica já vai estar preparada e eu acho que nós vamos poder fazer muito mais rápido as casas que o povo precisa, para a gente acabar com o déficit habitacional existente no nosso País.

E nós, temos que cuidar para não repetir os erros da década de 70 e da década de 80, quando o BNH construía casa e depois as pessoas não iam morar na casa porque não podiam pagar, as pessoas invadiam a casa e aquilo ficava abandonado. Não, nós temos que fazer a casa, entregar a casa e cuidar de transformar aquela casa na grande realização do sonho do povo pobre deste País.

Por isso Íris, parabéns a você pelo conjunto habitacional, parabéns ao Governador e parabéns ao povo de Goiânia que merece isso e muito mais do que isso, e eu tenho certeza de que nós vamos fazer.



Um abraço e até a próxima visita se Deus quiser, até daqui a seis meses. Nós voltaremos aqui para ouvir de vocês como é que está funcionando o conjunto habitacional.

Até outro dia, gente, fiquem com Deus e bom Carnaval para vocês.

Companheiros, companheiros, eu queria dizer para vocês antes de ir embora, que eu cheguei aqui e encontrei o Túlio. E todo mundo sabe da figura especial que é o Túlio, como jogador de futebol, como vereador, como político, o coração que ele tem. Ele estava contando papo que já marcou 900 gols. Eu queria dizer para vocês - ele deve estar aí no meio – que eu, sem contar os gols que eu marquei depois que eu fiz 40 anos, eu já devo ter chegado a uns 1.300 gols na minha vida, devo ter ultrapassado. Então, ô Túlio, você vai ter que jogar muito para poder atingir a marca do Lula, jogador de futebol.

Um abraço, gente.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante sessão solene de encerramento do Seminário Novas Diretrizes para o Sistema Contábil Brasileiro

Golden Tulip Hotel – Brasília-DF, 18 de agosto de 2010

Meu caro companheiro vice-presidente da República, José Alencar,

Minha cara senadora Ideli Salvatti,

Deputados Cláudio Vignatti e Pedro Eugênio,

Meu companheiro Nelson Machado, secretário-executivo do Ministério da Fazenda e padrinho de todos os contadores e contadoras do Brasil,

Meu caro Otacílio Dantas Cartaxo, secretário da Receita Federal,

Meu caro Juarez Domingues Carneiro, presidente do Conselho Federal de Contabilidade, por meio de quem cumprimento todos os contadores presentes e contadoras,

Senhor Valdir Pietrobon, presidente da Fenacon, por meio de quem saúdo os empresários do setor contábil,

Nossa querida amiga Maria Clara Cavalcante, presidente da Academia Brasileira de Ciências Contábeis,

Meu querido companheiro Paulo Okamoto, presidente do Sebrae,

Meu querido companheiro Antoninho Trevisan, contador e presidente do Comitê Gestor do Programa Fome Zero,

Eu confesso a vocês que estou constrangido aqui, vendo tanta gente sentada em volta de uma mesa, com os pratos vazios, e vocês ouvindo a quantidade de discursos que vocês ouviram. Obviamente que é uma noite de confraternização, é uma noite de, eu diria, agradecimento de vocês ao Congresso Nacional, que fez as leis que vocês tanto se beneficiaram, ao governo, que ajudou e sancionou. Mas também é uma noite de gratidão nossa



ao trabalho que vocês têm prestado, ao longo de tantas décadas, pelo nosso querido Brasil.

Eu não vou fazer discurso – está aqui escrito, longo, 20, 33 páginas – eu, por mim, terminaria dizendo “muito obrigado”. Eu só queria dizer uma coisa para vocês, para não dizer que eu não falei: nós estamos, o Zé Alencar e eu, estamos a quatro meses e poucos dias de deixarmos o governo. Eu queria lembrar que eu pensei, há pouco tempo, em criar o Ministério da Micro e Pequena Empresa e resolvi que não era justo criar no final de mandato, que era melhor esperar que a partir de 1º de janeiro quem estiver na Presidência crie o Ministério, escolha o ministro, para as coisas começarem a andar.

Uma coisa que eu considero importante é que eu penso que o Brasil começou a dar certo porque tinha duas pessoas comandando o Brasil, possivelmente, as duas únicas pessoas que não tiveram diploma universitário que já governaram o Brasil. Pelo fato de nós termos aprendido a sobreviver em uma batalha cotidiana, dura – ele se transformar em um grande empresário e eu me transformar em um razoável fazedor de greve nos anos [19]70 e nos anos [19]80 – e, um belo dia, nós conhecermos e pelo fato de nós dois não termos uma tese pré-definida, ou seja, cada pessoa que vem conversar com a gente e que conta uma coisa para nós é sempre novidade, é sempre uma coisa a mais que a gente aprende, é sempre uma coisa a mais que a gente pode fazer, as coisas começaram a andar, porque a gente não proibia que as pessoas tivessem ideias e transformassem as suas ideias em propostas a serem adotadas pelo governo.

O Nelson, certamente, não ganhou. Ele estava falando, eu imaginava que era o Papa que estava falando, então... Não sei se vocês viram pela televisão. O Nelson, certamente, tem muito a ver com o compromisso do governo com todos vocês, em cada cidade, em cada estado, nos sindicatos de vocês, ou seja, o Nelson tem muito a ver porque o Nelson foi um batalhador e orientador de que a gente deveria ter esse comportamento para facilitar a vida



daqueles que trabalham com contabilidade no Brasil, já, possivelmente, pressionado pelo Antoninho Trevisan, que também, sabe, há algumas décadas vem brigando por isso.

O dado concreto é que talvez por conta desse jeito de ser do Zé Alencar e eu não acredito que na história da humanidade alguém teve um vice da qualidade do que eu tenho, uma pessoa da confiança, que eu poderia deixar um talão de cheques assinado em branco com ele e viajar por quanto tempo eu quisesse, que eu tenho certeza que no Brasil, tenho certeza que não ia aparecer nenhum contador para dizer que ele preencheu um cheque sem conversar comigo. Essa relação de lealdade, essa simplicidade, e eu acho que esse até antagonismo de prática de vida – ele no lado empresarial e eu no lado sindical – permitiram que a gente se juntasse. Vocês sabem que eu não conhecia o Zé Alencar até ser convidado para ir a Belo Horizonte a uma festa de homenagem aos 50 anos de vida empresarial dele. E, chegando lá, ele, gentilmente, tinha convidado muita gente, ele era muito importante, tinha muitos governadores, ele era senador da República, tinha muitos presidentes de partido, e ele lembrou de me convidar. Eu não tinha, até então, nenhuma relação com o Zé Alencar, apesar de ir a Belo Horizonte sem conhecê-lo e ficar em um hotel que ele tinha lá, que era Hotel Wembley. Um hotel de três estrelas, mas com tratamento de dez estrelas, sobretudo quando decidiu não cobrar minha conta. Era maravilhosa a quantidade de estrelas que aquele hotel tinha.

Bem, então eu ouvi um discurso do Zé Alencar, depois de falar muita gente, eu não quis falar, ele pediu se eu queria falar, e eu ouvi o discurso do Zé Alencar. E o discurso do Zé Alencar era ele contando a história dele: como ele saiu de casa, como ele virou empresário, como é que ele... E eu, naquela hora, bateu uma intuição que eu falei: encontrei meu vice. Mas como eu não tinha muita intimidade com o Zé Alencar, eu vou esperar uns dias. Passaram uns



dias, eu vim a Brasília e convidei o Zé Alencar para ser o meu vice-presidente da República.

Bem, acho que muitas vezes as pessoas, Antoninho Trevisan, não percebem que a história contada com a sinceridade em que ela deve ser contada foi capaz de fazer com que eu escolhesse uma pessoa que eu não conhecia para ser candidato a vice, o que não é uma coisa de pouca confiança, porque pode acontecer um acidente. O Tancredo morreu no dia de tomar posse (incompreensível), ou seja, isso pode acontecer. E eu estava entregando a um companheiro que eu conhecia a pouco tempo a responsabilidade de assumir o Brasil caso eu faltasse. E eu sou grato pelo comportamento do Zé Alencar nesses oito anos. Eu, sinceramente, não sei se ele fosse um irmão meu se a gente teria a relação de amizade e de confiança que a gente tem um pelo outro e a relação de carinho. E nós vamos sair do Brasil... da Presidência do Brasil nos próximos meses e vamos descer a rampa juntos como subimos; mais alegres e menos nervosos do que quando subimos; um pouco com a consciência tranquila de dever cumprido; imaginando o legado que a gente vai deixar neste país, sabendo que ainda falta muita coisa para fazer; sabendo que séculos de descaso que o nosso país teve com uma grande parcela da sociedade não se conserta nem em oito, nem em 15, nem em 20 anos. É preciso, quem sabe, algumas décadas para que a gente possa consertar e nivelar o Brasil em um patamar em que todos sejam, se não iguais, mas mais ou menos iguais, porque a diferença faz bem.

Eu fico imaginando, Zé... ontem eu estive em Pernambuco, em Salgueiro, e participei de três eventos muito diferentes. Em um eu fui ter uma reunião com mais de 3 mil trabalhadores que estavam fazendo a Transnordestina e estava a maior fábrica de dormentes do mundo, produzindo 4,8 mil dormentes por dia, e fui depois visitar uma usina de brita, depois eu fui visitar... inaugurar uma escola técnica, depois eu fui inaugurar a Universidade



do Vale do São Francisco do lado pernambucano e do lado da Bahia, que já estava pronta uma parte.

E cada vez que eu vou inaugurar uma coisa, eu fico imaginando o que aconteceu no Brasil nesses últimos oito anos. Possivelmente, eu e o Zé Alencar tenhamos muita sorte e mereçamos ter sorte, porque nós dois acreditamos em Deus, temos muita fé. Eu, se fosse presidente de um time não contraria para goleiro nenhum goleiro que não tivesse sorte. Eu quero um goleiro que tenha sorte e caia sempre do lado que o batedor de pênalti vai bater o pênalti, para ele pegar o pênalti. Azarado é para outros, e não para nós. E nós vamos deixar um Brasil com um paradigma muito superior ao paradigma que nós (incompreensível). Eu... As palavras de elogios ao governo são sempre gratificantes, a gente gosta. E, depois, a gente também não gosta quando as pessoas dizem que ainda falta alguma coisa.

Reforma tributária: eu, sinceramente, daqui para a frente, quando alguém quiser debater reforma tributária comigo, vai ter que se preparar muito, porque eu acreditava que era verdade que as pessoas queriam reforma tributária, eu acreditava que as pessoas queriam, porque teve um tempo em que só se falava em reforma tributária.

É importante lembrar que nós tomamos posse no dia 1º de janeiro de 2003 e em abril de 2003 eu fui ao Congresso Nacional, com 27 governadores, indicar uma proposta de reforma tributária, entregar no Congresso Nacional. Ela votou uma parte das coisas que diz respeito à arrecadação federal, e parou de votar porque não havia interesse, porque cada estado quer ter a sua arrecadação, o seu jeito de arrecadar e por aí afora.

Não contentes com isso, o ministro Guido Mantega, o Nelson Machado e o pessoal da Fazenda passaram meses preparando uma proposta de política tributária, que essa eu pensei que era consensual, porque participaram, primeiro, todos os segmentos empresariais, participou o Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, participaram toda as centrais sindicais,



participaram todos os partidos e todos os líderes, e construímos a proposta que eu achei: “Essa vai ser aprovada por unanimidade, no dia em que chegar no Congresso Nacional”. Eu estava até com cuidado para ela não ser aprovada a toque de caixa. Conclusão: vou terminar o meu mandato e ela não foi aprovada. Deve ter algum inimigo oculto, como diria o Jânio Quadros, que embora concorde de fora que era preciso a política tributária, por dentro trabalha para ela não sair. Porque na cabeça de cada setor tem a sua política tributária, na cabeça de cada empresário tem a sua política tributária, na cabeça de cada trabalhador tem a sua política tributária, na cabeça de cada deputado e de cada senador. Então, é uma coisa que não andou, porque ninguém quer perder absolutamente nada, ninguém quer perder absolutamente nada, ninguém abre mão de um centavo daquilo que já tem.

E agora estamos começando a ver outra guerra fiscal, Nelson, neste país. Nós temos alguns estados que estão reduzindo o ICMS a quase zero para importar, ou seja, tornando a guerra que a gente pensava que tinha acabado, em uma guerra fratricida entre os estados, coisa que a gente queria acabar, para ter uma normatização federal, respeitando a diversidade, mas garantindo a todos a oportunidade. Você já sabe a guerra que está acontecendo nos estados.

Pois bem, ao mesmo tempo, nós conseguimos vencer aquele discurso frágil, porque no Brasil, de vez em quando, se cria doutrina, se vende doutrina e começa a trabalhar a doutrina de que o Estado tinha que ser mínimo, de que o Estado não tinha que estar em lugar nenhum. E, agora, muita gente que pensava assim percebeu que o Estado tem um papel importante, porque quando aconteceu a crise nos Estados Unidos e a crise na Alemanha, em 2008, pelo fato de os Estados não terem sistema de segurança, alguns, muito mais fragilizados do que o Brasil, porque tínhamos um sistema financeiro preparado, que era o Banco do Brasil, BNDES e Caixa Econômica Federal, nós conseguimos segurar o “tranco” da crise, lá eles não conseguiram segurar.



Enquanto aqui, no ano pior da crise, nós criamos quase um milhão de empregos com carteira profissional assinada, lá houve praticamente 16 milhões de pessoas que perderam seus postos de trabalho. E nós percebemos que mesmo lá, onde nasceu a doutrina do Consenso de Washington de que o Estado não valia nada, se não fosse o Estado a economia tinha quebrado, porque o Estado descobriu que ele tem um papel importante, não o papel de ser o Estado empresário, mas ser o Estado indutor e o Estado regulador, porque se não tiver regulação, nada funciona no mundo.

Então, nós vamos sair da Presidência da República com alguns aprendizados importantes. Eu, por exemplo, Zé Alencar, tenho conversado muito com os companheiros de outros países e tenho percebido que há uma contradição, uma contradição maluca no mundo, que eu queria, quem sabe, Antoninho Trevisan, que um contador pudesse me esclarecer, porque há uma coisa... todos os países que têm forte política social e que os trabalhadores têm todos os dentes na boca, almoçam, jantam, tomam café, que tem ônibus de qualidade, carro de qualidade, salário de qualidade, em todos esses países a carga tributária é uma carga tributária que eu não sei se é alta ou baixa, o que eu sei é que é uma carga tributária elevada, mais do que a nossa. E em todos os países pobres do mundo, seja no continente africano ou na América Latina, a carga tributária é muito baixa. Tem Estado com a carga tributária, Zé Alencar, de 9%; tem Estado de carga tributária de 11%; tem estado de carga tributária de 10% e no Estado que tem uma carga tributária só de 9% não tem Estado. Me desculpem, mas o Estado não pode fazer absolutamente nada, em nenhuma área, muito menos ter política social.

Então, eu acho que... espero que no próximo período, Antoninho, a gente consiga discutir, em vez de ficar discutindo se é baixa ou se é alta, que a gente consiga discutir a justa, aquela que permita que o Estado continue exercendo o papel do Estado e aquela que permita que os nossos empresários e o povo como um todo possa sobreviver sem o constrangimento de algo



pesado em seu orçamento no final do ano. Se vamos conseguir eu não sei, mas eu acho que é uma meta a ser perseguida. Vocês lutaram quantos anos para essa lei, e ela chegou? Eu acho que se a gente perseguir a gente pode conquistar.

E, por último, dizer para vocês que eu fiz duas coisas no governo, Zé Alencar, que eu não tinha muita certeza se era importante fazer. A primeira foi no auge da crise, em 2008, quando a imprensa inteira anunciava o desastre da humanidade, que o povo não ia comprar porque ia perder o emprego. Eu, no dia 22 de dezembro de 2008, fui à televisão fazer apologia do consumo, pedir para o povo consumir, porque se ele não consumisse, a empresa não ia produzir, o comércio não ia vender, e aí, sim, que ele ia perder o emprego. Eu, que durante muito tempo fiz apologia contra o consumismo, eu tive que fazer isso.

E a outra coisa importante é, Zé, nós, você e eu, você um pouco mais à esquerda do que eu, que somos os primeiros governantes socialistas deste país, que fizemos este país se transformar em um país capitalista. Porque este país, Antoninho, quando eu cheguei aqui, no dia 1º de março de 2003, todo o crédito disponibilizado para Brasil inteiro era de apenas R\$ 380 bilhões. Como é que um país pode ser um país de economia capitalista se não tem capital? Não tem capital de giro, não tem capital para financiamento, não tem capital para crédito, não tem nada, como é que poderia ser, Antoninho?

Ou seja, hoje, Antoninho, passados oito anos, nós vamos entregar o governo, Zé Alencar, com R\$ 1 trilhão e 600 bilhões de crédito disponibilizado para a sociedade brasileira. Nós vamos entregar um BNDES, nós vamos entregar o BNDES que, quando emprestava muito, emprestava 39 bilhões, emprestando, no ano passado, 140 bilhões. Uma Caixa Econômica, que financiava 5 bilhões de casas com o dinheiro do Fundo de Garantia, financiando 60 bilhões este ano e 47 bilhões no ano passado. Um Banco do Brasil que hoje, sozinho, tem a mesma quantidade de crédito que tinha o Brasil



inteiro, em 2003.

Então, nós vamos entregar um país, Zé, que é um paradigma diferente: os contadores mais felizes, mais garantidos, com a sua lei desejada, aprovada, mais empregos, mais micro e pequenos empresários para vocês ajudarem na contabilidade e legalizar as pessoas. Ou seja, eu penso que quando eu e o Zé Alencar descermos a rampa, quem subir vai pegar um país mais organizado, um pouco melhor do que o país que nós recebemos, mas ainda sabedor de que nós precisamos trabalhar muito, mas muito mesmo, para que a gente possa fazer um processo de reparação de desmandos de séculos que foram feitos no nosso querido país.

O que é importante é que quando eu e o Zé Alencar deixarmos o Palácio do Planalto, nós vamos tomar um “golo”, uma cachaça fabricada por ele, chamada “Maria da Cruz”, sem nenhuma preocupação se a imprensa vai fotografar, sem o Stuckinha ficar gritando: “Cuidado, cuidado, Lula, que a imprensa está aí”, ou seja, nós vamos lá, vamos fazer um brinde, e se alguém quiser tirar fotografia que tirem, se não quiserem tirar, não tirem, porque nós não estaremos mais preocupados com foto ou sem foto. Nós não estaremos mais preocupados com isso, até porque eu também sei que político, quando deixa o mandato, presidente e vice-presidente, nem vento bate nas nossas costas, Zé. Nem vento, ou seja, eu acho... Mas o que é importante, que é importante é que eu e você vamos deitar, no dia 1º à noite, na nossa casa, porque nós temos que dar posse aqui e “chispar”, você pode tratar de desocupar o Jaburu e eu desocupar o Alvorada, e aí nós vamos voltar para a nossa casinha. Não sei se você vai para São Paulo ou para Minas Gerais. Se quiser ir tomar um “golo” comigo no avião, nós podemos ir juntos. E aí, e aí, Zé, nós vamos contar as histórias daquilo que nós fizemos e daquilo que nós não fizemos.

E eu quero dizer para vocês que eu sou grato, grato ao povo brasileiro, grato às pessoas que acreditaram em momentos difíceis, grato às pessoas que



souberam fazer críticas pela frente, mas que souberam reconhecer, também, pela frente. Grato a todos vocês que um dia acreditaram que era possível fazer com que este país recuperasse a autoestima e não aceitasse mais que fôssemos tratados como se fôssemos uns vira-latas de segunda categoria.

Nós não devemos nada a ninguém. Até o FMI é que deve para nós, hoje, que eu vou mandar uns contadores lá, saber se eles estão fazendo as coisas corretas.

Eu não vou poder ficar para o jantar com vocês, quero pedir desculpas antecipadas. O Nelson e o Paulo Okamoto comem por mim. Não sei se o Zé Alencar vai ficar, então repartam por três o meu prato. Eu vou embora mas quero, de coração, dizer a todos vocês: eu penso que o que nós fizemos foi apenas dizer para vocês “é possível, briguem, lutem, persistam, persistam que as conquistas virão”. Foi assim a minha vida inteira. Foi assim que vocês conquistaram o estágio tão importante que vocês estão hoje, mas, certamente, vocês ainda terão muita coisa para conquistar, e o povo brasileiro idem.

Portanto, meus parabéns a vocês. E nos encontraremos, porque eu preciso sempre de alguém para fazer a minha contabilidade. E, quem sabe, Paulo Okamoto, você não é contador, você não pode mais fazer, vai ser o Antoninho Trevisan que vai ser o meu contador. Como ex-presidente e ex-vice não têm nada para contabilizar, a não ser história, muito obrigado, que Deus abençoe a todos vocês, e boa janta para vocês.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia alusiva à visita às instalações da fábrica de celulose branqueada de eucalipto da Fibria/Votorantim e da fábrica da International Paper do Brasil

Três Lagoas-MS, 19 de fevereiro de 2010

Meu caro governador do estado do Mato Grosso do Sul, André Puccinelli,

Meu querido companheiro ministro da Secretaria de Comunicação Social, Franklin Martins,

Meu caro companheiro Zeca do PT, ex-governador do estado do Mato Grosso do Sul,

Meu caro companheiro senador Delcídio Amaral,

Companheiros deputados federais Antônio Carlos Biffi, Dagoberto, Geraldo Resende e Vander Loubet,

Meu caro companheiro Ivan Ramalho, secretário executivo do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio,

Meu caro prefeito de Campo Grande, Nelson Trad,

Querida prefeita Simone Nassar Tebet, prefeita de Três Lagoas, por intermédio de quem eu quero cumprimentar todos os prefeitos aqui presentes,

Meu caro Carlos Ermírio de Moraes, presidente do Conselho da Votorantim,

Meu caro Carlos Augusto Lira Aguiar, diretor-presidente da Fibria,

Meu caro Jean-Michel Ribieras, presidente da International Paper para a América Latina,

E meu caro José Carvalho Gomes Viana, por meio de quem cumprimento todos os trabalhadores aqui presentes,

Minhas amigas e meus amigos,



Primeiro, dizer para vocês da minha alegria de estar aqui em Três Lagoas, não para inaugurar esta fábrica, mas para fazer uma visita a um projeto que era um sonho três anos e meio atrás e que virou realidade muito rapidamente.

Eu lembro o dia em que o companheiro Zeca do PT, então governador do estado do Mato Grosso do Sul, mais um grupo de deputados do estado do Mato Grosso do Sul e o senador Ramez Tebet estiveram na minha sala para dizer que iam trazer para Três Lagoas uma fábrica chamada International Paper.

Eu achei muita petulância do Governador do Mato Grosso do Sul achar que poderia trazer uma fábrica chamada International Paper para o Mato Grosso do Sul. Mas, de qualquer forma, a gente só realiza os sonhos quando a gente vai atrás. Eu acho que era 2005 ainda, quando eles me anunciaram que iam aos Estados Unidos conversar com a direção da empresa, para ver se a fábrica viria se implantar aqui em Três Lagoas.

Feita aquela conversa, eles foram embora e eu, depois, só tive notícia quando, já em dezembro de 2007, o Puccinelli, então já eleito governador do estado, e o Zeca no final do mandato, vieram lançar a pedra fundamental aqui em Três Lagoas.

E agora nós estamos aqui. Era para ter vindo na inauguração, não foi possível vir na inauguração. Mas eu diria que é muito mais importante visitar esta fábrica em franca produção, para a gente ter noção das mudanças que estão acontecendo na região, da qualificação a que os trabalhadores foram submetidos e o que significa isso para o desenvolvimento do estado do Mato Grosso [do Sul] e para o desenvolvimento de Três Lagoas e região.

Mas, Prefeita, você sabe que eu guardei uma caneta para tomar posse, desde 1989. Eu ganhei uma caneta, uma Mont Blanc bonita e eu falei: Essa caneta vai ser a caneta da minha posse. Só que eu perdi em [19]89, e a caneta



ficou guardada. Em [19]94, eu disputei outra vez, a canetinha guardada, perdi as eleições. Em [19]98, eu disputei outra vez, perdi as eleições, a canetinha guardada. Eu até comecei a pensar que a tinta já tinha endurecido e que não ia mais escrever, a caneta.

Finalmente, em 2002, eu ganho as eleições, vou tomar posse, qual não é a minha surpresa, eu esqueci minha caneta. A caneta que esperou 12 anos, eu esqueci! E para tomar posse, eu assinei a minha posse com uma caneta que o então presidente do Senado, Ramez Tebet, me deu, e que está no arquivo presidencial, porque foi a caneta que surgiu para que eu pudesse assinar a minha posse.

Eu penso que essa história é importante, porque eu vim aqui, no velório e no enterro do seu pai. Muitas vezes, uma pessoa projeta uma obra, projeta a construção de uma coisa e nem todo mundo consegue prever e assistir à concretização daquele sonho.

O Ramez Tebet não está aqui. Mas sabe o Puccinelli, sabe o Zeca, sabem os deputados, que se ele estivesse aqui ele estaria tão feliz quanto qualquer menina ou menino destes que estão aqui, e estão felizes e alegres porque é o estado do Mato Grosso, é Três Lagoas e é o Brasil que conseguiu construir uma fábrica moderna, competitiva e que não deve nada a nenhuma outra fábrica do mundo, nem do ponto de vista tecnológico e nem do ponto de vista da nossa mão de obra.

Aliás, Governador e diretores da empresa, já virou moda toda empresa multinacional instalada no Brasil dizer que o trabalhador brasileiro é o mais versátil, é o mais inteligente e é o mais criativo. O que faltava para os brasileiros era oportunidade. Na hora em que eles têm oportunidade, eles não têm medo de americano, de chinês, de francês, de javanês ou de quem quer que seja, porque as pessoas têm competência e criatividade.

Mas eu queria... Eu dispensei o meu discurso, porque o meu discurso era sobre a fábrica. E como falaram todos os diretores da fábrica, não seria eu,



um estranho no ninho, a falar de uma matéria que eles conhecem mais do que eu.

Eu queria falar um pouco do momento que o nosso país está vivendo, porque a construção de uma nação depende de uma série de fatores. E o Brasil está vivendo um momento em que uma série de fatores está permitindo que este país saia do atraso a que ele esteve submetido durante décadas, e que este país volte a crescer, porque ficou praticamente 26 anos sem crescimento econômico. Este país tem uma geração e meia que ficou assistindo a economia ficar atrofiada. Quando a gente vê um jovem na cadeia, de 25 anos de idade ou 28 anos, a gente, ao culpabilizá-lo, a gente tem que lembrar que ele é resultado de um momento que este país viveu, em que não se gerava emprego, não se formava profissionalmente, não se dava oportunidade de estudar para milhões de jovens que durante todo os anos 80 e os anos 90 ficaram com a expectativa de que o País lhes desse a oportunidade que eles precisavam.

Então, o Brasil está vivendo hoje um outro momento. Um momento em que nós ainda não atingimos aquilo que é preciso atingir, mas um momento em que nós chegamos a perceber, com muita nitidez, que o Brasil não voltará mais a ser aquele país pequeno, aquele país que pensava pequeno, aquele país maltratado no exterior, aquele país desrespeitado no exterior. O Brasil ganhou grandeza, respeito e dimensão. E só ganhou isso porque nos momentos mais difíceis da história deste país o povo brasileiro soube erguer a sua cabeça e soube mostrar que tem autoestima.

Eu queria contar para vocês porque na crise econômica, que aconteceu no ano passado, porque na crise econômica de 2008 o Brasil não teve o mesmo atrofiamento que teve a Europa, que teve os Estados Unidos, que teve o Japão. Por que, antes, a qualquer crise econômica o Brasil quebrava e, desta vez, o Brasil era o país mais preparado para enfrentar a crise?

Essas coisas nós não aprendemos apenas na escola. Essas coisas são



atitudes políticas que você toma, ou individualmente ou em conjunto, dentro de um governo ou com outros setores da sociedade, para fazer com que as decisões sejam as mais acertadas possíveis.

E por que o Brasil teve essa situação? O mês de janeiro agora, meus caros companheiros, é um mês atípico na geração de empregos. Normalmente, dezembro é um mês que tem muita dispensa e janeiro é o mês que ainda tem rescaldo da dispensa de dezembro. Este mês de janeiro, ao fecharmos o Caged no dia 17, o Brasil gerou 181 mil novos postos de trabalho. É o maior número de empregos desde a medição do Caged, em 1992.

Eu falo aqui, meu caro Carlos Ermírio, sem nenhuma presunção: este ano vai ser um ano recorde de geração de empregos na história deste país. Eu queria que vocês acompanhassem mês a mês, para que a gente pudesse ir vendo o que vai acontecer: o que vai acontecer na agricultura brasileira, o que vai acontecer na construção civil brasileira, o que vai acontecer na indústria de máquinas neste país, o que vai acontecer na indústria do álcool e do açúcar, o que vai acontecer nas mais diferentes atividades econômicas do País este ano.

Primeiro, porque nós fomos os últimos a entrar na crise e o primeiro a sair da crise. Segundo, porque nós criamos uma espécie de colchão – aquele colchão que quando vocês virem um atleta, nas Olimpíadas, pular aquele pulo na vara e que tem um colchão para ele não se machucar –, nós criamos um colchão para a economia brasileira, e um colchão muito volumoso, um colchão com muita pena de ganso ou... não é de capim, é uma coisa mais chique do que capim. Porque este colchão hoje significa que o Brasil que antes, todo ano, tinha que correr ao Fundo Monetário Internacional para pedir dinheiro para poder fechar o caixa no final do ano, o Brasil, além de ter US\$ 240 bilhões em reservas guardados, o Brasil ainda emprestou US\$ 14 bilhões para o FMI, para que eles saibam que o Brasil hoje é uma coisa muito diferente daquilo que nós éramos dez anos atrás, quando a qualquer crise econômica, o primeiro a quebrar era o Brasil.



Se o Brasil de hoje fosse o Brasil dos anos 90, essa crise da Grécia já tinha quebrado o Brasil. Qualquer crise, em qualquer lugar do mundo, quebrava países como o Brasil, como o México, como a Argentina. E essa crise da Grécia, nós podemos olhar para o nosso presidente da International Paper e dizer: Você, que é francês, essa crise é mais sua do que nossa, porque o Brasil está muito tranquilo para enfrentar essa e outras crises.

E, aí, tem uma coisa mais importante que cabe aos empresários, que cabe aos trabalhadores, que cabe à classe política brasileira, que é a autoestima deste país e do povo brasileiro. Acabou o tempo em que brasileiro andava no mundo de cabeça baixa, se achando cidadão de segunda categoria. Acabou. Acabou o tempo em que a gente andava no mundo de cabeça baixa, pedindo favor para entrar nos lugares, pedindo licença, e muita gente pisoteando o Brasil.

Isso eu não aprendi na escola. Isso eu aprendi na minha sobrevivência diária: respeito a gente só recebe quando a gente próprio se respeita, e quando a gente dá respeito. Eu aprendi a me respeitar e gosto que os outros me respeitem, porque eu gosto de respeitar os outros. É assim que nós nos confrontamos neste mundo. É assim que nós conversamos com os americanos, com os franceses, com os chineses, com os japoneses, com os indianos. Eu não quero ser maior e melhor do que ninguém, mas também não quero ser tratado de forma inferior a nenhum deles. Quero tratar olho no olho, dizer que eu tenho deveres e que eu tenho direitos, e que eles também têm deveres e têm direitos. Se cada um cumprir a sua parte, nós todos estaremos muito mais felizes.

Eu sou daqueles que trabalho e acredito que este país, até 2016, estará entre a 5ª economia nacional, estará entre as cinco maiores economias do mundo, porque foi um século inteiro a gente dizendo que o Brasil seria o país do futuro, o país do futuro, e cada vez que a gente olhava, a gente estava virando mais um país do passado. Agora, o futuro, como disse a Prefeita, não é



amanhã, o futuro foi ontem, o futuro é hoje e o futuro será amanhã, se a gente andar de cabeça erguida neste país.

Eu dizia aos empresários ali, há pouco, uma novidade que aconteceu no Brasil, porque tem muita gente que fica dizendo que o Brasil deu certo porque eu tenho sorte. Graças a Deus eu tenho sorte, porque um time que tem um goleiro que não tem sorte não ganha campeonato. Eu tenho muita sorte, tenho muita fé em Deus, e trabalho muito para as coisas acontecerem.

Quando eu entrei para presidente deste país, em março de 2003 a Caixa Econômica Federal só emprestava, no Brasil inteiro, R\$ 5 bilhões. No ano passado ela fechou emprestando R\$ 45 bilhões, nove vezes mais. Em março de 2003, o Brasil inteiro tinha R\$ 380 bilhões de crédito para 191 milhões de brasileiros. Hoje, o Brasil tem 1 trilhão e 410 bilhões de crédito. Só o Banco do Brasil, hoje, tem todo o crédito que o Brasil tinha, inteiro, em 2003. Só o crédito consignado hoje representa R\$ 105 bilhões na mão do povo mais pobre, consumindo alguma coisa neste país. Nós éramos um país capitalista em que o povo nem tinha capital, nem tinha crédito e nem tinha capacidade de consumo. Então, era um país que produzia para exportar ou para vender migalhas aqui dentro. Agora, não. Agora, nós aprendemos que este país só será grande se a gente acreditar, primeiro, na alma dos brasileiros; segundo, se a gente fizer os investimentos necessários na educação.

E, aí, outra coisa que me deixa com motivo de orgulho, e eu quero dizer para vocês. Eu e o Zé Alencar somos os dois únicos presidente e vice-presidente da República que não tivemos a sorte de ter um diploma universitário. Na história do Brasil é a primeira vez que o presidente e o vice-presidente não têm diploma universitário. Mas vejam a ironia do destino: eu vou terminar o meu mandato como o presidente da República que mais fez universidade no Brasil e que mais fez escolas técnicas neste país. Nós, ao terminarmos oito anos de governo, nós vamos ter feito, de escolas técnicas, uma vez e meia aquilo que foi feito em um século. Tudo o que foi feito em um



século, nós fizemos uma vez e meia a mais. Ou seja, em um século foram feitas 140, nós vamos fazer, em oito anos, 214 escolas técnicas neste país.

A criação do ProUni, nós vamos chegar a 720 mil alunos pobres, da periferia deste país, cursando uma universidade, coisa que era impensável. E 40% desses meninos e meninas são negros da periferia, oriundos de escolas públicas deste país.

É por isso que eu acho que o Brasil mudou de patamar, e vai mudar de patamar. É por isso que eu acho que o Brasil aprendeu a crescer e não vai parar de crescer; aprendeu a gerar empregos e não vai parar de gerar empregos; aprendeu a aumentar salário e não vai deixar de aumentar salário. Porque também os empresários brasileiros precisam compreender que o trabalhador tem que ganhar, no mínimo, o suficiente para comprar os produtos que ele fabrica na fábrica do seu empresário. Nós não queremos produzir carro para exportar, nós queremos consumir; nós não queremos exportar [produzir] geladeira para exportar, queremos para consumir; nós não queremos que vocês façam fábrica de cimento para exportar, nós queremos é usar aqui dentro, nós queremos utilizar o papel aqui dentro. E isso só vai ser possível se o povo ganhar o suficiente para viver uma vida digna.

É por isso que na crise econômica, de repente, a indústria automobilística brasileira era a indústria que mais vendia carro. Porque tem gente que acha que pobre não pode ter carro, tem gente acha que: “carro só pode ter quem troca o carro a cada dois anos”. O pessoal não percebe que, muitas vezes, a gente, com um carrinho cinco, seis, sete, oito anos na mão da gente, só o prazer de a gente colocar ele para fora da garagem e ficar lavando ele no sábado, para as pessoas perceberem que a gente tem carro, já valeu a pena. As pessoas, muitas vezes... eu lembro quando nós fomos reduzir o imposto do material de construção civil, Puccinelli e Zeca, teve um companheiro que falou assim para mim: “Ah, mas o senhor quer baixar o preço do azulejo, o senhor quer reduzir o preço do imposto da cerâmica, isso é coisa



de rico”. E eu fiquei pensando: esse cara não sabe o que é um pobre nesse país, porque quem gosta de azulejo até o teto é pobre, se puder faz até um estuque de azulejo, quanto mais bonito, melhor. As pessoas passaram a entender, a perceber que pobre gosta de ganhar pouco, gosta de morar mal, gosta de comer mal, olha que loucura! Nós gostamos é de coisa boa, do melhor que for possível, só não temos se o dinheiro não der. E é por isso que hoje existe uma nova mentalidade na medida em que vocês estão se formando, estão se qualificando e estão virando profissionais que passam a ter um valor. Vocês não sabem o valor que dou à formação de uma menina, o valor que eu dou à formação de um menino.

Eu dizia ao companheiro que fez uso da palavra, que veio aqui todo pomposo e falou que estudou no Senai, e eu disse para ele: meu filho, o Senai fez esse presidente da República aqui, pode fazer você ou tantos aqui quanto quiserem [ser] presidentes da República. Porque uma coisa é que antigamente o trabalhador achava que ele só podia ir para o palanque para ficar em baixo batendo palma e ele achava que só podia ser candidato quem fosse grã-fino, e nós descobrimos, como diria o Obama, que nós podemos. Nós podemos, queremos e devemos. Muitas vezes governar a nossa cidade, o nosso estado, o nosso país, para a gente poder provar que nós temos competência de fazer coisas que muitas vezes apenas a escola não ensina. Porque tem coisa da alma, tem coisa da consciência, tem coisa do coração, tem a sensibilidade, que essas coisas, lamentavelmente, a gente não aprende, é tomada de decisão na hora. E é por isso que o Brasil está vivendo esse momento extraordinário que está vivendo.

Eu fico feliz quando eu vejo uma moça, meus companheiros da Fibria e da International Paper, trabalhando e formada profissionalmente. Porque eu fico imaginando o quanto a mulher, historicamente, foi submissa dentro de casa exatamente pela dependência financeira. Uma mulher que não tem uma profissão, que não tem um salário e que faz apenas o trabalho doméstico é



uma desgraça tão grande, que ela tem que lavar roupa para quatro filhos, arrumar a cama, fazer comida, preparar para dormir, cuidar de tudo, e ainda perguntam: “Você trabalha?” Ela fala: “Não”. Criou-se o conceito de que esse trabalho pesado de dentro de casa não é trabalho: limpar cocô de criança, lavar fraldas, fazer comida, lavar pratos. Aí perguntam: “A senhora trabalha?”. “Não, eu fico em casa.” Você veja o que é a conceituação de uma coisa equivocada. Agora, quando a mulher... e muitas vezes essa mulher tem medo do marido, porque ela não tem salário, o feijão é colocado pelo marido dentro de casa. E eu acho que o Brasil só será um país justo, primeiro, quando o homem compreender que ele não casa com a mulher para judiar dela ou para bater nela. Ele casa para viver com ela em harmonia e constituir família. Segundo, a mulher saber que ela está morando com um homem porque ela quer e porque ela gosta dele, e não porque ela precisa do prato de feijão que ele leva para dentro de casa ou o prato de arroz, como a gente foi educado neste país a acreditar, e na Humanidade, praticamente.

Então, uma fábrica dessa, criada no interior do Mato Grosso do Sul, nessa cidade à beira desse rio extraordinário, Três Lagoas, e que a gente vê o potencial de formação profissional da quantidade de gente... porque eu encontrei gente aqui de vários lugares, já. A maioria é de Três Lagoas, mas tem companheiros já da Bahia, tem companheiros de Minas Gerais, tem companheiros de São Paulo, tem companheiros de Mogi das Cruzes, deve ter companheiros de vários lugares já se instalando aqui. Logo, logo, essa cidade, que era uma cidade pequena do interior, estará virando uma metrópole na fronteira do Mato Grosso com São Paulo. Isso é motivo de orgulho e eu não poderia deixar de vir aqui.

Meu querido governador Puccinelli e companheiros... o Puccinelli falou da fábrica de fertilizantes. Eu poderia dizer: Puccinelli, você ligue para o Paulo Hartung, que é do PMDB e é governador do Espírito Santo, que quer uma audiência comigo para falar da fábrica de fertilizantes. Minas Gerais quer falar



da fábrica de fertilizantes. Obviamente que você conhece a Petrobras. O critério para a escolha da implantação de uma fábrica nunca será o critério político, será o critério técnico, será o critério que permita que, do ponto de vista logístico, seja mais interessante para a empresa. E aí eu quero dizer para vocês que o presidente da República não terá incidência. Se a Petrobras disser: “Tal lugar é tecnicamente mais importante, porque a logística de tal lugar é mais importante”, pode ficar tranquila que este Presidente da República não dará palpite, porque a gente não acha que a política deva interferir nos interesses particulares de uma empresa multinacional, como é a nossa querida Petrobras.

Eu acho que o Mato Grosso do Sul tem características próprias. Esta região aqui, todo o Centro-Oeste do Brasil produz hoje a maior parte dos grãos que nós consumimos e que exportamos. Portanto, é uma região que vai consumir os fertilizantes aqui produzidos e, portanto, tem razões técnicas e tem razões de logística para que a fábrica de fertilizantes seja no estado do Mato Grosso do Sul e aqui em Três Lagoas. Eu só posso dizer isso aos companheiros, sem assumir um compromisso aqui mais contundente de que eu vou bancar que seja aqui, porque eu não faria isso e não faria essa promessa.

Uma vez, em [19]89, Prefeita, eu fui a Santarém. Em Santarém, o pessoal me levou a um marco zero que tinha lá, era o ponto zero da cidade, e me levaram para prometer que eu ia construir a Cuiabá-Santarém. Eu não prometi, não prometi porque eu não conhecia o projeto, não prometi porque eu não conhecia a viabilidade econômica. E eu, que não prometi, estou fazendo a estrada que os outros prometeram e não fizeram. Então, eu prefiro fazer as coisas sem prometer, do que prometer e depois não fazer, me encontrar vocês daqui a cinco ou seis anos e vocês me cobrarem: “Ô Lula, cadê, cadê, cadê, meu? Prometeu em um ano eleitoral e não cumpriu.” Então, eu não vou fazer promessa. Eu só posso dizer que, estrategicamente, este estado tem



condições favoráveis para receber esta e outras fábricas, porque a implantação destas duas fábricas aqui, de papel e celulose, é um cartão postal para que outras empresas venham conhecer o potencial deste estado, desta cidade e desta região.

Por isso, Prefeita, parabéns. Por isso, Governador, parabéns. Por isso, trabalhadores e trabalhadoras do Mato Grosso do Sul e de Três Lagoas, que Deus abençoe e que permita que vocês continuem com essa cara bonita de esperança no futuro. Eu espero que vocês possam, a partir de uma empresa como esta, construir a vida de vocês nesta cidade extraordinária chamada Três Lagoas.

Que Deus abençoe a todos vocês, e obrigada aos empresários pela confiança do investimento aqui feito.

(\$211A)



Discurso do presidente da República em exercício, José Alencar, no lançamento da pedra fundamental das futuras instalações do Centro de Instrução e Adaptação da Aeronáutica (Ciaar)

Belo Horizonte-MG, 23 de fevereiro de 2010

Excelentíssimo senhor desembargador Sérgio Resende, ilustre presidente do Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais,

Excelentíssimo senhor senador Eduardo Azeredo, em nome de quem saúdo os demais parlamentares presentes,

Deputados federais, deputados estaduais, vereadores,

Quero também cumprimentar o nosso Antônio Roberto, Jorge Hilton,

Quero cumprimentar Jô Moraes, Leonardo Quintão,

Excelentíssimo senhor tenente-brigadeiro-do ar, Juniti Saito, ilustre comandante da Força Aérea Brasileira,

Excelentíssimo senhor Rogério Avelar, prefeito municipal de Lagoa Santa,

Excelentíssimo senhor brigadeiro-do-ar, José Geraldo Ferreira Malta, comandante do Centro de Instrução e Adaptação da Aeronáutica,

Demais autoridades aqui presentes, representativas do Executivo, Legislativo, Judiciário,

Profissionais de imprensa,

Minhas senhoras e meus senhores,

É realmente excepcional a honra que me cabe neste instante, estando aqui para marcarmos o início das obras desta escola de excelência da Força Aérea Brasileira. Isso é muito bom, que eu tivesse tido essa oportunidade, porque isso acontece em Minas Gerais, que é o estado, meu estado natal. Representa, portanto, um grande melhoramento não só para Lagoa Santa, como para Minas e para o Brasil. Nós, que nos habituamos com a Aeronáutica,



no meu caso, em particular, porque fui ministro da Defesa, com muita honra, aprendi a conviver de perto e a admirar a Força Aérea Brasileira.

Vocês sabem que a Força Aérea, das três Forças, é a única que tem, de certa forma, dois nomes brasileiros como patronos. Tem o Santos Dumont, que é mineiro, e tem o brigadeiro Eduardo Gomes, a partir de [19]41. E é a partir de [19]41 que é Força Aérea Brasileira, porque antes era apenas Aeronáutica. Então, a gente não sabe bem como fala, se se refere à Aeronáutica ou à Força Aérea Brasileira.

Mas é claro que o trabalho que é realizado por esta Força tem sido realmente objeto de admiração nossa. Todos os que se habituaram a utilizar-se dos trabalhos de transporte da Força Aérea, e nós que estamos no governo temos feito, a gente pode sentir o padrão de qualidade com que se dedicam todos os comandantes que nos servem. Eles são preparados mesmo e de forma excepcional, porque eles são a mesma coisa. A gente às vezes pensa até que voou com um outro, e não era. Mas esse... Você fez o mesmo pouso, você fez o mesmo trajeto, você fugiu das nuvens pesadas, da mesma forma que o seu colega! O certo é que... e o pouso, que pouso maravilhoso que você fez, ainda que o tempo estivesse difícil e que a aterrissagem foi feita via instrumento. Meus parabéns! É uma beleza, é a Força Aérea Brasileira.

A Força Aérea Brasileira, que hoje traz para Minas Gerais esse melhoramento gigantesco, que é um investimento de 216 milhões já definido, em uma área de 700 mil m², com área coberta de cerca de 60 mil m², em uma escola modelar. Somente... terá por exemplo, um auditório aqui em Lagoa Santa, um auditório para mil pessoas. Pode não ser mil, mas são 980, eu estou botando alguns de pé.

Então, meus amigos, é realmente um motivo de grande honra para mim coincidir, a pedra fundamental, o início das obras desta grande escola brasileira, coincidir com um período meu na interinidade. Isso, para mim, é um dos momentos em que o homem público recebe o retorno pelo trabalho que



exerce. É o retorno não material – que é o único que vale – o retorno não material que o homem público recebe em determinadas ocasiões.

E isso, eu me permito, comandante Saito, eu me permito dizer que esta homenagem não é apenas a Minas Gerais, a Lagoa Santa, à região onde está sendo construída esta fábrica [escola]. Esta... Eu também me permito dizer que é uma homenagem ao vice-presidente da República, José Alencar, mineiro – ainda que não daqui, mas da Zona da Mata, da Zona da Mata...

Você vê o pessoal, o pessoal bateu palma, deve ser algum colega da Zona da Mata. Porque nós estamos tão esquecidos lá que precisamos, de vez em quando, nos lembrarmos de que ali foi celeiro no passado, e tem condições excepcionais para continuar desenvolvendo um trabalho admirável na área da agricultura, da pecuária, especialmente em regiões mais desfavorecidas, do ponto de vista de precipitação pluviométrica irregular e também a nossa topografia muito acidentada, impedindo que a máquina trabalhe a agricultura.

Mas há outras coisas que nós podemos fazer lá na Zona da Mata como, por exemplo, a agricultura ligada a animais de pequeno porte, a hortifrutigranjeiros e etc, assim como madeira de lei. Já se inicia, em Ubá, que tem um grande polo moveleiro, já se inicia o plantio de árvores para fornecimento de madeira de lei para a indústria de móveis, em uma integração vertical, uma coisa extraordinária. Me perdoa, comandante Saito, ter saído. Mas é aquele amor à Zona da Mata, e aquela vontade de que a região reaja.

Volto à escola da Força Aérea. Parabéns a todos vocês. Cumprimento todos os oficiais-generais da Força Aérea aqui presentes e o nosso querido amigo comandante Saito pela realização desta obra em Minas Gerais, que irá engrandecer ainda mais a Força Aérea Brasileira.

Obrigado.

(\$22A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a sessão de encerramento da XXI Cúpula do Grupo do Rio e da II Cúpula da América Latina e do Caribe (CALC)

Cancún - México, 23 de fevereiro de 2010

Todos nós estamos aos poucos descobrindo que a única saída que nós temos é trabalhar fortemente a nossa integração. E trabalhar a nossa integração significa nós nos confrontarmos com as instituições multilaterais existentes hoje e que não funcionam adequadamente.

Ora, vejamos a nossa atitude, aqui, em solidariedade à Argentina, no caso das Malvinas. Qual é a explicação geográfica, política, econômica de a Inglaterra estar nas Malvinas? Qual é a explicação política das Nações Unidas já não terem tomado uma decisão e dizer: “Não é possível. Não é possível que a Argentina não seja dona das Malvinas, e seja um país que está a 14 mil quilômetros de distância o dono das Malvinas”. Ora, será que é o fato de a Inglaterra participar do membro... como membro permanente do Conselho de Segurança das Nações Unidas, que a eles pode tudo e aos outros não pode nada?

Eu... a companheira Cristina já foi embora, mas eu penso que é importante dizer aqui o seguinte, ou seja, é preciso que a gente comece a instigar para que o Secretário-Geral das Nações Unidas reabra esse debate com muita força, dentro das Nações Unidas. O momento político é exatamente esse. Já que nós temos temas, eu queria fazer um apelo aos presidentes da América Latina e do Caribe: muitas vezes, nós evitamos discutir determinados assuntos porque nós temos divergências com outros países, mas é inexorável que a gente discuta o papel do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Não é possível que as Nações Unidas continuem com um Conselho de Segurança representado pelos interesses geopolíticos da Segunda Guerra



Mundial e não leve em conta todas as mudanças que aconteceram no mundo. Ora, por que a gente não muda? Ah, porque a Itália não quer a Alemanha, porque a China não quer o Japão, porque o México não quer o Brasil ou o Brasil não quer o México, porque na África não se entendem.

Ora, meu Deus do Céu. Ora, se nós formos pequenos e não tivermos coragem de enfrentar esse debate e que a gente esteja representado regionalmente, a ONU vai continuar a funcionar sem representatividade e os conflitos do Oriente Médio vão ficar por conta dos interesses eminentemente norte-americanos, quando, na verdade, era a ONU que deveria assumir a responsabilidade de estar negociando a paz no Oriente Médio. Era a ONU que deveria estar negociando as discussões com o Irã. Por que a ONU se afasta e os países individualmente tratam desses assuntos? É porque a ONU perdeu representatividade e porque muitos dos países que participam do Conselho de Segurança preferem a ONU frágil para que eles possam desobedecer às decisões da ONU e fazer do seu comportamento enquanto nação a grande personalidade de governança mundial.

Então esse é um assunto que eu espero que em alguma reunião seja colocado na pauta para a gente discutir com muita força e com muita vontade.

Nós percebemos uma coisa importante que aconteceu em Copenhague por ocasião da questão do clima. Certamente nem a União Europeia, nem o Japão, nem os Estados Unidos levaram em conta a existência do continente africano e dos seus interesses na questão climática. Não levaram em conta a questão de vários países da América do Sul, da América Latina que estavam lá representados. Havia um determinado momento em Copenhague em que a grande culpada era a China, ou seja, tudo era feito para que se negasse o Protocolo de Quioto, para que tirasse dos europeus a responsabilidade com as metas e com os financiamentos e que jogasse nas costas da China a responsabilidade pelo fracasso da questão... da questão do clima. Aqui, a Colômbia e a Argentina participaram de uma reunião às 3 horas da manhã, 4



horas da manhã, em que eu fiz questão de dizer que nem no tempo de sindicalista eu fiz uma reunião tão desorganizada como aquela em que estavam presentes os presidentes da França, da Alemanha, da Itália, da Suécia, da Holanda e de tantos outros países importantes, inclusive com representação dos Estados Unidos. Leonel, você não tem dimensão da pobreza de espírito, não tem dimensão. Presidentes de países importantes discutindo parágrafos, discutindo artigos, para ver se se colocavam de acordo para questionar a China no dia seguinte.

Nós... Eu penso que os países que estiveram lá, dos que fizeram uso da palavra, da América do Sul, se posicionaram corretamente bem. Eu ouvi falar o Uribe, eu ouvi falar o Chávez, eu ouvi falar o Evo Morales, e eu penso que nós temos demonstração, companheiro Raúl, no final, quando nós fizemos uma reunião na China, da África do Sul, da Índia e do Brasil em que o Obama pediu para participar da reunião, eu acho que nós demos ali o tom de que é possível no México, este ano, a gente encontrar uma fórmula de ter um acordo levando em conta as responsabilidades diferenciadas. Porque não é possível que os países ricos se proponham a dar uma quantia em dinheiro muito pequena e falam como se estivessem dando uma quantia em dinheiro muito grande. Eles agem, Leonel, como se estivessem prestando um favor, quando, na verdade, nesses 200 anos foram eles que poluíram o planeta e que, portanto, não existe favor, é pagamento de dívida, é uma reparação que eles estão fazendo. E eu estou convencido de que com o espírito revolucionário do povo mexicano nós vamos aqui conseguir firmar ao acordo que não conseguimos fazer em Copenhague.

E eu fiz questão de dizer no meu discurso que Copenhague não deu certo porque não tinha organização e não tinha coordenação. Não tinha conversa, esse é o fato concreto e objetivo.

Bem, aqui... eu penso que foi muito rica a discussão sobre o Haiti. Eu trago um apreço pela história do Haiti, primeiro país negro do nosso continente



a conquistar a sua independência, mas também um país condenado ora por embargo, ora por invasões, ora por ocupações, ora por governantes ladrões, ditadores. O dado concreto é que o Haiti já estava em uma miséria muito grande antes do terremoto. O terremoto veio apenas agravar a situação do Haiti e sensibilizar a todos nós. No caso do Brasil, além das quase 300 mil mortes que disse o companheiro Préval, nós perdemos pessoas muito queridas nossas – além dos 18 soldados, perdemos uma grande mulher chamada Zilda Arns e o nosso representante nas Nações Unidas.

Bom, qualquer dinheiro que o Brasil der, qualquer coisa vai ajudar o Haiti, mas não vai recuperar a vida das pessoas que morreram. Entretanto, eu tenho a convicção de que as pessoas que estavam lá, sobretudo, (incompreensível) sabiam que estavam lá para correr qualquer risco, e a morte é um dos riscos que nós nos subordinamos quando estamos em uma luta como aquela de restabelecer a paz no Haiti.

De forma que eu penso que as decisões tiradas aqui com o Haiti são pouco diante do que a gente precisa fazer. O Haiti nós temos que pensar em longo prazo. Não existe possibilidade de se recuperar o estrago feito pelas centenas de governantes irresponsáveis que teve o Haiti, o estrago feito pelo terremoto, o estrago feito por tudo o que é da história do Haiti em poucos anos. O que é necessário é que haja determinação nossa de cada vez mais sermos solidários com os companheiros do Haiti, sempre levando em conta que nós precisamos todo santo dia dizer que é necessário fortalecer o governo eleito democraticamente no Haiti. E que grande parte dos recursos que a gente tiver que dar, tem que passar pela orientação do governo do Haiti. Isso precisa ficar muito claro porque senão, daqui a pouco, está todo mundo governando o Haiti menos o presidente eleito democraticamente e o primeiro-ministro. Então é preciso que a gente sempre tenha cuidado com isso.

Por último, dizer aos companheiros que eu fico muito gratificado. Eu não sou... não sou pessimista, o que, muitas vezes, alguns companheiros são nos



nossos encontros internacionais. Eu não sou pessimista, ou seja, mesmo tendo 50 anos de bloqueio a Cuba, eu sempre trabalho com a expectativa de que não estará longe o dia em que apareça um governo e diga: “Olha, não tem mais nenhuma razão de continuar bloqueando... É preciso...”. E isso vai acontecer na medida em que a gente em cada reunião se manifeste, em cada reunião aprove um gesto de solidariedade, em cada conversa como os governantes americanos a gente discuta isso. Isso não pode ser um assunto para uma reunião a cada dois anos, isso tem que fazer parte do nosso cotidiano.

Eu sou daqueles que acredito que nós só teremos chance de nos desenvolvermos, de crescermos economicamente, de fazer distribuição de renda, de fazer a reparação da dívida social que nós temos em nosso continente com a parte pobre se a gente estiver em paz e tiver tranquilidade.

Por isso essa criação da Comunidade Latino-Americana e Caribenha é uma coisa que se eu não tivesse participado de outra coisa a nível internacional, eu penso que teria valido a pena a gente ter convocado a primeira e a segunda reunião.

De forma, companheiro Calderón, que eu quero dizer para vocês que é gratificante viver esse dia no México. Eu não esperava que nós chegássemos tão rápido a criar a Comunidade, eu não esperava. Mas eu penso que isso me motiva a dizer a todos vocês: não há nenhuma razão para nós sermos pessimistas. Nenhuma razão.

E eu digo sempre o seguinte: quanto mais angustiados nós estivermos, nós temos que olhar o que era o nosso continente, há dez anos, há 12 anos, há 15 anos, há 20 anos, para a gente dizer: “Avançamos de forma extraordinária. Não resolvemos ainda todos os problemas sociais, mas estamos consolidando a democracia como em nenhum outro momento desses 200 anos lutando pela independência”. E isso fica demonstrado em uma maioria aqui... que não está presente Honduras aqui. E não está presente por uma razão muito simples: é porque mesmo tendo eleições lá, sabe... sabe que aquelas eleições foram



convocadas de forma equivocada, que se trancou um mandato de um homem eleito democraticamente pelo voto e a gente não pode aceitar nem por brincadeira que essa experiência de juntas militares de Honduras prevaleça em outros países da América Latina e do Caribe. Porque daqui a pouco eles resolvem entender que qualquer um de nós é demais, e portanto, nos afastam para que eles coloquem a ordem. E a ordem em Honduras era o Zelaya ter terminado o seu mandato, ter convocado um processo eleitoral, e ter passado o mandato para quem tivesse sido democraticamente eleito.

Eu penso que o comportamento de todos nós... De vez em quando recebem crítica de algum setor da imprensa, mas eu tenho a convicção de que o comportamento do Grupo do Rio, o comportamento da OEA na condenação foi a coisa mais justa e mais democrática que nós fizemos. Por isso eu queria reconhecer e dar os parabéns a todos os companheiros. E aqui todos nós aprendemos uma coisa fantástica, aqui todos nós já aprendemos, ou seja, numa reunião como essa não existe gente de direita ou gente de esquerda apenas, porque quando nós sentamos aqui nós somos chefes de Estado. E chefes de Estado sem abrir mão das suas convicções ideológicas são obrigados a fazer os tratados e acordos que são possíveis serem feitos e a questão ideológica, muitas vezes, não é colocada como prioridade, mas é a relação entre os Estados que muitas vezes leva em conta.

Portanto, parabéns companheiro Calderón pela condução dessa reunião e parabéns aos companheiros pela criação da Comunidade Latino-Americana e Caribenha (incompreensível).

(211B)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Intervenção do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante encontro com empresários brasileiros e mexicanos no contexto do Foro Estratégico Empresarial

Cancún- México, 23 de fevereiro de 2010

Presidente: Eu iria na abertura da Copa do Mundo, na África. Eu disse: não, não vou na abertura, eu vou na final da Copa do Mundo.

_____ -:

Presidente: Mas eu vou, eu vou na final porque o Brasil realiza a Copa de 2014. Mas eu quero reiterar aqui o desafio para os nossos empresários: da parte do governo, nós estamos dispostos a trabalhar juntos – Ivan, preste atenção aqui –, de fazer ainda este ano um grande encontro de empresários, ou, primeiro, de brasileiros no México, ou um grande encontro de empresários mexicanos no Brasil. Ou seja, eu estou falando (incompreensível) de 300, 400 empresários, para que durante dois ou três dias possam visitar, possam discutir. E ainda este ano fazemos os dois encontros. Eu me comprometo a participar no Brasil e me comprometo vir ao México, e o Calderón vai ao Brasil.

Presidente do México: Eu vou, eu vou também ao Brasil.

Presidente: Por que eu acho que a hora é agora. Nós não temos muito tempo a perder. Portanto, Calderón...

(\$211B)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Declaração à imprensa do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em conjunto com o presidente do Haiti, René Préval

Porto Príncipe-Haiti, 25 de fevereiro de 2010

Presidente René Préval:

Presidente: Meu querido companheiro, presidente Préval. Meus caros ministros do Haiti...

Eu vou ser muito breve. Primeiro, cumprimentar o meu querido... Primeiro, cumprimentar o nosso querido companheiro Préval, presidente do Haiti,

Cumprimentar os ministros do Haiti que estão aqui, os ministros brasileiros,

E nosso querido amigo, presidente do senado do Haiti,

Os representantes da Minustah, das Forças Armadas Brasileiras,

A imprensa brasileira e a imprensa do Haiti.

A primeira coisa que é importante afirmar para vocês é que eu tive a oportunidade de participar segunda e terça-feira, no México, de duas cúpulas: uma Cúpula América Latina e Caribe; a outra Cúpula Grupo do Rio; e ainda fizemos uma reunião extra, da Unasul.

O presidente Préval estava participando em uma parte dessa reunião, e eu posso dizer ao povo do Haiti que poucas vezes eu vi tamanha disposição de fazer solidariedade, como eu vi nessa Cúpula. Todos os países, dos maiores aos menores, todos estão dispostos a fazer todo e qualquer sacrifício para ajudar o Haiti. Esse é o primeiro passo importante.

O segundo passo importante é que a minha vinda hoje aqui é porque é preciso ver com os olhos aquilo que a gente vê na televisão ou vê nas



fotografias e reafirmar ao companheiro Préval que o governo brasileiro estará disposto a fazer tudo o que estiver ao nosso alcance. E mais importante: fazer junto com o governo do Haiti. Porque é importante, neste momento, que a gente fortaleça o governo do Haiti, porque é através do governo que a gente precisa fazer a política de solidariedade.

Por isso discutimos na Unasul uma doação de U\$S 100 milhões ao Haiti, e uma parte desse dinheiro vir pelo orçamento para que o governo do Haiti saiba o que fazer. Terceira coisa, é que nós nos subordinaremos à orientação do governo do Haiti. É o Haiti que tem que dizer o que quer que a gente faça, onde quer que a gente faça e como a gente faça. Ou seja, não é sair do Brasil, chegar aqui e fazer as coisas do jeito que nós quisermos fazer. Este país... Este país tem governo legitimamente eleito pelo voto popular e toda a ajuda do Brasil será, sim, ao governo do Haiti.

Detectamos agora duas coisas importantes que o presidente Préval falou. A primeira delas é que uma das prioridades agora é recolher os escombros do terremoto, de preferência pelas vilas onde aconteceu, na perspectiva de outro município retirar os escombros e já fazer acampamento ali. E a ideia do companheiro Préval é correta, de fazer pequenos acampamentos para que não haja possibilidade de tumulto ou de qualquer coisa (incompreensível) também.

Bem, e aí tem um problema que precisa ser resolvido, que a coordenação do Haiti mais a coordenação da Minustah, portanto, das Nações Unidas, vão fazer um levantamento de que tipo e de quantas máquinas nós precisamos para começar a fazer esse trabalho. É um trabalho de curto, de médio e de longo prazo. Todo o povo do Haiti sabe que vai, na verdade, demorar, porque é quase que refazer um país e fazer de forma mais segura, mais estável e com mais segurança do que era feito antes.

Uma outra coisa que eu disse ao presidente Préval é que nós agora precisamos fazer gestão junto a todos os credores do mundo no Haiti: ao



Banco Mundial, ao FMI. Ou seja, o Haiti tem uma dívida de US\$ 1 bilhão e 300 milhões e que é preciso que, agora, o mundo dê uma demonstração de que quer ajudar o Haiti de verdade, anistando essa dívida do Haiti.

Ora, a anistia da dívida, ou o perdão da dívida, não vai resolver a necessidade imediata que o Haiti tem de recursos, mas vai permitir que o Haiti esteja credenciado para começar a estabelecer novas linhas de crédito junto ao sistema financeiro internacional.

Quero dizer aos companheiros Préval e aos membros de seu governo que se o Brasil já tem feito uma política de solidariedade muito forte, depois de ver com os meus próprios olhos o que está acontecendo no Haiti, companheiro Préval, esteja certo que, sob a sua orientação, nós iremos fazer muito mais do que vínhamos fazendo até agora, porque as coisas no Haiti são muito mais graves do que a gente imaginava.

Portanto, toda a solidariedade. E pedir [dizer] ao povo do Haiti que é sempre muito difícil, mas neste momento de dor, neste momento de desespero é que a gente precisa levantar a cabeça e acreditar que o Haiti sairá mais forte dessa crise do que antes da crise. Porque um povo que já fez a luta que fez o povo do Haiti, este país que foi o primeiro país do continente a conquistar a sua independência, não vai se curvar diante de mais um revés, diante de mais uma adversidade.

Eu estou convencido que os homens e as mulheres do Haiti saberão, de cabeça erguida e com muito mais força, e com a solidariedade que estão recebendo do mundo inteiro, construir um Haiti muito mais justo para o próprio povo do Haiti.

Parabéns pelo trabalho de vocês.

(\$211B)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de formatura das tropas brasileiras da Missão da ONU (Minustah)

Porto Príncipe-Haiti, 25 de fevereiro de 2010

Brasileiros em missão no Haiti,
Meus amigos,
Minhas amigas,
Embaixador brasileiro no Haiti,
Oficiais-generais aqui presentes,

Vim ao Haiti para expressar a solidariedade brasileira com esse sofrido povo irmão. Quero reafirmar nosso compromisso em ajudar na reconstrução deste país, que tem dado provas de grande coragem e muita vontade de viver.

Mais do que nunca, essa é a missão do Brasil no Haiti: ajudar o país a reencontrar o caminho do desenvolvimento. Esse é o sentido da nossa presença à frente da Minustah. É por essa razão que estou aqui no Brabatt, o orgulhoso batalhão brasileiro.

Quero homenagear todos os brasileiros que perderam sua vida na causa da paz. Deram um testemunho de solidariedade que continuará a inspirar a generosidade da sociedade brasileira. Entre os civis, perdemos a fundadora da Pastoral da Criança, doutora Zilda Arns, e o representante-adjunto da ONU para o Haiti, Luiz Carlos da Costa.

Dezoito jovens militares brasileiros tampouco morreram em vão. Deixaram um exemplo de dedicação e profissionalismo. Contribuíram para o reconhecimento de que as Forças Armadas brasileiras hoje gozam por sua presença no Haiti. Seus nomes sempre serão lembrados por uma pátria comovida e eternamente grata.



A Minustah vinha dando um exemplo extraordinário de como é possível garantir segurança sem esquecer as aspirações ao bem-estar e à dignidade deste povo. As tropas brasileiras são universalmente reconhecidas por sua capacidade de estabelecer laços de confiança e solidariedade seja onde estiverem. Seu êxito em levar paz e tranquilidade aos bairros pobres de Porto Príncipe é reconhecido, admirado e copiado.

Com o terremoto, o país sofreu um grave retrocesso. Grande parte da infraestrutura física foi destruída ou seriamente danificada. Um povo que vivia em condições materiais precárias agora enfrenta o desafio da sobrevivência. Confiamos na determinação do povo haitiano em retomar a caminhada da reconstrução da maior estabilidade política, da participação democrática.

É o que nos garantem as incontáveis demonstrações de heroísmo e de solidariedade nos dias e semanas que se seguiram ao terremoto. Compartimos a dor e o sofrimento daqueles que perderam familiares e bens. Vamos ajudar a reconstruir vidas, moradias e infraestrutura. O Brasil e a Minustah vão perseverar, pois sabemos que os haitianos não desistirão. Nisso nos inspiramos pela vontade indomável de viver daqueles que sobreviveram dias e semanas debaixo de escombros. Nunca deixaram de acreditar no resgate, assim como aqueles que escavaram, sem pausa, com as próprias mãos. É com esse mesmo sentido de urgência e dedicação que aviões da FAB estão levando diariamente assistência humanitária ao Haiti e estão na linha de frente da presença brasileira. O navio Almirante Saboia está levando... está trazendo 180, ou melhor, 80 toneladas de alimentos, 100 toneladas de medicamentos e 16 toneladas de água. Sessenta e três médicos do Exército brasileiro, junto com 11 civis voluntários, além de dois helicópteros foram enviados ou foram trazidos para o Haiti.

Esse é um esforço nacional. A sociedade civil e empresas brasileiras também estão mobilizadas para ajudar. Só as ONGs já arrecadaram centenas de milhares de reais.



No entanto, passada a atual emergência, o Haiti continuará confrontado com o desafio de gerar capacidade produtiva que dê sustentação econômica ao País. Precisamos buscar respostas de longo prazo para ajudar o Haiti a encontrar novas vocações econômicas. Só assim poderá superar uma longa história de opressão, pobreza e desesperança.

O compromisso brasileiro com o Haiti é de longo prazo. Prova maior disso é nossa determinação em viabilizar a hidrelétrica de Artibonite, que fornecerá água e energia para a reconstrução do Haiti. Na Conferência para Reconstrução do Haiti, em março, vamos aproveitar a renovada mobilização e solidariedade internacional. Para enfrentar esse novo desafio, a Minustah vai crescer. Estamos dobrando o seu contingente que será reforçado com mais 750 militares e 150 policiais do Exército.

Sei que o Brasil poderá contar com vocês nesse novo desafio. E eu queria, Comandante, dizer aqui que embora vocês não precisem de medalhas, eu poderia dizer que poucas vezes na história do Brasil as Forças Armadas foram motivo de tamanho orgulho para o povo brasileiro como as Forças Armadas têm sido pelo seu comportamento no trabalho à frente da Minustah.

Parabéns, e que continuem sendo motivo de orgulho para o povo brasileiro. Um abraço e boa sorte.

(\$211B)



Mensagem do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, publicada no jornal La Diaria, do Uruguai, por ocasião da posse do presidente José Mujica

Publicada em 25 de fevereiro de 2010

A posse do amigo José Mujica na Presidência da República é uma fonte de alegria e inspiração para toda a América Latina. Sua eleição representa o aprofundamento de uma experiência ímpar na história do Uruguai. E agrega um capítulo especial à história do nosso continente, rumo a um desenvolvimento verdadeiramente democrático, que não se deixe ninguém para trás.

Como outros líderes, o companheiro Mujica traz para o governo a rica experiência de um homem que dedicou sua vida à emancipação dos trabalhadores e de amplos setores da sociedade. Com a eleição de Tabaré Vázquez, a Frente Ampla chegou ao poder há cinco anos, quando iniciou um processo de importantes transformações. Caberá a Mujica continuar e aprofundar esse processo. Como meu partido no Brasil, a Frente Ampla teve paciência. Paciência que foi recompensada. Mostramos que é possível governar para todos, aprofundando a democracia política e construindo a democracia econômica e social.

Além da coerência de suas posições políticas, Pepe Mujica leva à Presidência o entusiasmo, a maturidade e a simplicidade de hábitos que marcaram toda sua trajetória.

Nossos países vêm fortalecendo, nos últimos anos, uma sociedade baseada na solidariedade e em realizações concretas.

Intercambiamos energia em caráter emergencial, implementamos acordos que fomentarão a indústria, as exportações e a criação de emprego. Com muitos investimentos e tecnologia, queremos aprofundar a integração das cadeias produtivas voltadas para o pujante mercado que se consolida no MERCOSUL. Estamos determinados a fazer da Unasul um instrumento da vontade coletiva do nosso continente, para a realização de seu vasto potencial.

Respondemos à grave crise financeira que abalou tantas economias no mundo aumentando as exportações uruguaias para o Brasil. Somos o principal parceiro comercial do Uruguai. Em Montevideú, reabrimos o escritório do Banco do Brasil e instalamos a primeira representação do BNDES no exterior. Fizemos de nossa fronteira comum um modelo de coexistência e cooperação. Este é uma aposta irreversível.

Mas podemos fazer mais. O presidente Mujica pode ter certeza de que terá todo o meu empenho para que consolidemos o muito que Uruguai e Brasil alcançaram durante o governo do presidente Tabaré Vázquez. Tenho confiança em que legaremos, para as próximas gerações, realizações à altura de nossa amizade.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Mensagem do Presidente da República**

Em nome dos brasileiros e no meu próprio, desejo todo o sucesso ao companheiro e felicidade a todo o povo uruguaio.

(\$212)



Declaração à imprensa do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita a El Salvador

San Salvador-El Salvador, 26 de fevereiro de 2010

Sabe que quando nós ganhamos as eleições, tanto o Maurício aqui em El Salvador quanto eu no Brasil, a gente, ao tomar posse como Presidente, a gente pensa que manda alguma coisa. Aí, depois que a gente toma posse, aparece um tal de cerimonial, que não foi eleito mas escolhe até a cadeira que a gente senta. E, depois, aparece a nossa *seguridad*, que determina cada passo que a gente tem que dar. Ou seja, nós mesmos, que ganhamos as eleições, ficamos sem o poder que imaginávamos que íamos ter, quando disputamos as eleições.

Eu quero, nesse momento, cumprimentar o meu amigo presidente da República de El Salvador, companheiro Maurício Funes, e a sua esposa Vanda Pignato,

Cumprimentar o Vice-Presidente de El Salvador,

Cumprimentar todos os ministros salvadorenhos aqui presentes,

Os ministros brasileiros,

Os embaixadores,

Os empresários,

E a imprensa.

Dizer para vocês que é motivo de muita alegria ser recebido aqui pelo companheiro Maurício, pela companheira Vanda, pelo filho dos dois, pelo pai da Vanda, pela mãe da Vanda. E é sempre um motivo de alegria, ou seja, quando venho a El Salvador, eu não vejo El Salvador como uma visita de um chefe de Estado, mas eu vejo a minha visita aqui como a visita de um companheiro visitando outro companheiro, sem esquecer dos nossos



compromissos como chefes de Estado.

Tivemos uma boa reunião com os empresários brasileiros e os empresários de El Salvador. E eu penso que essa reunião que fizemos pela manhã vai permitir que nos próximos meses e nos próximos anos cresça muito a relação comercial entre os dois países. E também eu quero que cresçam muito os investimentos e a construção de parcerias entre empresários salvadorenhos e empresários brasileiros.

Bem, nós viemos aqui para, mais uma vez, darmos uma demonstração do carinho que temos por El Salvador, pelo seu governo.

Eu não esqueço nunca, Maurício, eu não sei se você já tinha nascido, mas eu tive a honra e a alegria de no dia 19 de julho de 1980 participar do primeiro aniversário da Revolução Sandinista, na Nicarágua. E, lá na Nicarágua, eu tinha duas expectativas: uma era, pela primeira vez, conhecer Fidel, e a outra era, pela primeira vez, conhecer o Arafat. Era um ato que tinha, aproximadamente, umas 500 mil pessoas. Conheci o Fidel, mas não conheci o Arafat. Porque, naquele tempo, eu vi 500 mil pessoas gritando: “Se Nicarágua venceu, El Salvador vencerá”. Porque, nos idos dos anos 80, se imaginava que depois da vitória da Frente Sandinista, em Nicarágua, a Frente Farabundo Martí venceria aqui em El Salvador.

Quis o destino que em El Salvador se construísse um processo democrático diferente, que se encontrasse uma saída negociada. E, sempre que a gente faz uma saída negociada, é mais difícil, demora mais. Mas, certamente, ela é muito mais sólida para a construção do futuro de um país. E, depois de tantas negociações, chegou-se a um acordo de paz, chegou-se a eleições livres e diretas em El Salvador, mas demorou muito tempo para que um homem com os compromissos com a democracia e com o povo mais pobre do país pudesse chegar à Presidência da República.

Eu acho que essa experiência, Maurício, da sua eleição em El Salvador, é uma homenagem que essa pátria de Farabundo Martí e de Oscar Romero e



de tantos heróis anônimos faz ao povo deste país, às mulheres e homens de El Salvador que, embora sendo cidadãos livres, ainda não conheceram o gosto da cidadania porque a eles não chegou a escola, porque a eles não chegou o direito de tomar café de manhã, almoçar e jantar, e porque a eles, muitas vezes, não chegou o direito sequer de um trabalho ou de uma moradia digna.

O seu papel é o de construir, mesmo com sacrifício, a esperança desse povo. E provar aqui, em El Salvador, como nós provamos no Brasil, que é plenamente possível você trabalhar para o crescimento econômico do país e concomitantemente você fazer política de distribuição de renda. Até porque a experiência brasileira demonstra que no auge da crise econômica, causada pelos países ricos, se não fosse os pobres terem tido acesso a dinheiro, a gente não teria tido o mercado interno para dar a resposta que os investidores brasileiros necessitavam. Foram os pobres das classes D e E, nas regiões mais pobres do Brasil, que consumiram mais e que permitiram que a roda gigante da economia continuasse girando, apesar do crédito do sistema financeiro ter desaparecido, apesar de muitos empresários terem freado a produção das suas indústrias, recebendo orientações das suas matrizes no exterior.

Foi exatamente a parte que, durante séculos, esteve excluída no meu país que, ao ter acesso ao mínimo necessário, conseguiu fazer a economia funcionar. Foram mais de 30 milhões de pobres que ascenderam à classe média no meu país. Foram milhões de jovens da periferia, que não tinham sequer oportunidade de estudar, que entraram na universidade com garantia de financiamento do governo federal.

Hoje, no Brasil, nós temos um êxodo rural ao contrário: não é mais o pobre do campo que vai para a cidade, é gente da cidade que está voltando para o campo. Porque nós levamos luz elétrica, porque nós levamos crédito, porque levamos garantia de comprar os produtos que eles produziam e,



portanto, com a segurança que o interior oferece, muita gente está regressando.

Eu sonho, Maurício, que você vai criar esse mundo aqui, em El Salvador, eu sonho... que você também vai passar momentos difíceis. Porque tem gente que não gosta de esperar, tem gente que acha que a gente pode fazer as coisas do dia para a noite; tem gente que não tem paciência; tem gente que acha que as coisas têm que acontecer no tempo que ele quer. E as coisas não acontecem no tempo que a gente quer. As coisas acontecem no tempo que pode acontecer, no tempo em que a sociedade está madura para compreender. A maturidade do conservador, daquele que teve medo da sua eleição; daquele que achava que você iria destruir El Salvador... Haverá um tempo em que ele estará tão maduro, que ele perceberá que você foi um bem para este país. Mas também daquele companheiro que se achava muito à esquerda, que achava que tudo se resolve com um grito ou com um discurso, que tudo se resolve com uma passeata, ou com uma manifestação, ele vai perceber que tem um tempo para as coisas acontecerem.

E, no Brasil, nós vivemos momentos difíceis. Tivemos momentos em que de um lado nós tínhamos a desconfiança dos setores conservadores, mas do outro lado tinha desconfiança de setores da esquerda do meu próprio partido. E foi com muita paciência, com muita discussão, com muito exercício da democracia que nós conseguimos construir o Brasil que estamos vivendo hoje. Alguns, numa subida de 16 degraus, não conseguiram chegar ao 16º degrau. Alguns pararam no 1º degrau, a esses vamos desejar boa sorte. Outros pararam no 5º degrau, vamos continuar desejando boa sorte. E aqueles que chegaram conosco até o último degrau, estes sim poderão contar no futuro a história de que eles participaram de um processo de transformação por inteiro que o Brasil está vivendo.

Quando eu vim a El Salvador a primeira vez, eu sempre ficava pensando: o que eu posso fazer para ajudar o companheiro Maurício? O que é



possível fazer? Porque eu acompanhei a campanha de El Salvador, e aqui eu via gente fazer discurso tentando dizer: “Como é que o Maurício vai governar? E o Maurício – e te agradeço por isso – fazia questão de dizer que no modelo dele governar ele iria olhar muito o que estava acontecendo no Brasil. Iria tentar colocar em prática aqui um pouco das experiências que ele acompanhou no Brasil. E eu posso te dizer uma coisa, companheiro Maurício: o que justifica o acerto do Brasil é o fato de nós termos exercitado a democracia na sua plenitude. Nunca demonstramos ódio para quem quer que seja e nunca nos negamos a atender quem quer que seja ou conversar com quem quer que seja. Para nós, uma hora a mais de reunião não nos cansava, por que era importante que daquela reunião saísse o estabelecimento de um consenso em que a gente pudesse colocar em prática.

O Brasil é hoje uma economia sólida. O Brasil ainda não aprendeu que é um país grande. O Brasil não é mais um país receptor, é um país doador. E, por conta disso, o Brasil precisa aprender – e é isso que estamos tentando fazer aqui – que uma economia pujante como a brasileira tem que ser generosa, tem que ter flexibilidade, para que a gente facilite o crédito aos países menores para dar a eles a chance de se desenvolverem.

E não queremos apenas vender para El Salvador. Queremos financiar indústria brasileira em El Salvador, em parceria com empresários de El Salvador, para que esses empresários possam exportar para o Brasil o excedente e a gente possa ter uma balança comercial equilibrada, em que não haja apenas o superávit da economia mais rica contra o déficit da economia mais pobre.

É por tudo isso, meu companheiro, que eu vim aqui. Para dizer a você e para dizer ao povo de El Salvador que a verdade é que aquele grito que eu ouvi em 1980 prevaleceu. El Salvador venceu. A democracia está reinando neste país. A esperança está espalhada em cada pessoa que a gente vê aqui em El Salvador.



E eu sei do peso das suas costas, eu sei da quantidade de carga que você tem nas suas costas para governar este país, eu sei da pressão que você sofre. Agora, Maurício, uma coisa vai te fazer ter o mesmo sucesso que nós tivemos no Brasil: primeiro, nunca perca a paciência. Nunca tome nenhuma atitude precipitada. Se puder, conte até dez; se não der certo, conte outra vez; e, aí, tome a sua decisão.

Segundo, você não pode ouvir apenas os amigos que, muitas vezes, até para te agradar, te dizem coisas boas. De vez em quando é importante a gente ouvir pessoas que não pensam como a gente, pessoas que discordam da gente, pessoas que fazem crítica. Porque, entre aquele que fala bem da gente e aquele que fala mal, a sua sabedoria permitirá a você tirar a conclusão correta e fazer um denominador comum que vai te permitir ser um grande presidente desse país.

Eu estou convencido, companheiros, que, pela índole desse homem, pela formação desse homem, eu penso que El Salvador vai contar a sua história antes e depois do presidente Maurício Funes. Porque tu tens a grandeza de uma pessoa que está governando para servir ao povo e não para se servir do povo.

Portanto, companheiros, não se preocupem porque El Salvador é pequeno. Um país não é medido pela sua grandeza territorial; um país não é medido pelo seu PIB; um país não é medido pela quantidade de gente. Um país é medido pela qualidade, pela consciência política do seu povo. E aqui, em El Salvador, vocês já provaram, ao longo da história, que aprenderam a andar de cabeça erguida e que nunca mais vão baixar a cabeça para quem quer que seja, porque a liberdade que vocês conquistaram tem um valor incomensurável, que não há dinheiro do mundo que cobre.

Eu queria terminar aqui, dizendo uma frase bonita e carinhosa para El Salvador, da grande poeta chilena Gabriela Mistral, que um dia chamou carinhosamente El Salvador de “o pequeno polegar das Américas”.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

Portanto, querido companheiro Maurício, saio daqui com a convicção de que esses poucos acordos que nós firmamos aqui são apenas o começo de uma trajetória. E não fique preocupado porque o Lula vai deixar a Presidência dia 1º de janeiro, porque o acordo que estamos fazendo é um acordo do Estado brasileiro com o Estado salvadorenho. E quem vier depois de mim – pode escrever – será melhor do que eu, e vai fazer muito mais por El Salvador.

Um grande abraço, queridos, e boa sorte, Maurício.

(\$211B)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante encontro com empresários salvadorenhos

San Salvador-El Salvador, 26 de fevereiro de 2010

Bem, primeiro, meu querido companheiro Ivan Ramalho, o carinho e o prazer de poder participar de uma reunião em que fica demonstrado o aumento da percepção entre os empresários brasileiros e os empresários de El Salvador, que nós temos que construir uma longa estrada para que possamos atender aos interesses econômicos do Brasil e aos interesses econômicos de El Salvador.

Segunda coisa, dizer ao companheiro Maurício Funes que um dos sucessos que nós tivemos no Brasil na relação com o empresariado é que nós sempre estivemos muito abertos em toda as discussões que fizemos com os empresários. O governo nunca se comportou como se fosse o dono da verdade, nunca permitimos que os nossos ministros deixassem de conversar as políticas setoriais. Sobretudo no auge das crises, nós envolvemos muitos empresários para nos ajudar a encontrar a saída para a crise econômica. E grande parte das coisas que nós fizemos no Brasil foi construída junto: governo, empresários e trabalhadores. Aqui tem empresários que participam do meu Conselho de Desenvolvimento Social. E lá sentam grandes empresários, grandes dirigentes sindicais, gente da igreja católica, gente da igreja evangélica, gente dos sem-terra, ou seja, ali, naquele Conselho está representada a cara da sociedade brasileira e o resultado, que no começo parecia assustador, o resultado tem sido extraordinário. Portanto, se você ainda não tem um Conselho de Desenvolvimento, crie, porque ajuda de forma extraordinária a encontrar soluções.

Bem, dizer aos empresários de El Salvador que a relação do Estado brasileiro com a relação... com El Salvador é uma relação extremamente



respeitosa, independentemente de quem seja presidente da República de El Salvador. Mas, certamente, que tendo El Salvador, na Presidência da República, um companheiro que era meu companheiro antes de ser presidente da República, facilita e motiva com que a gente trabalhe com muito mais disposição e com muito mais carinho. Porque eu desejo para o companheiro Maurício o mesmo que eu desejo para mim.

Quando eu assumi a presidência do Brasil – e não estou falando nenhuma novidade para os empresários brasileiros – eu tinha que provar a cada dia que eu ia ter competência para governar o Brasil. Era quase que a necessidade de adotar todo dia a política da sobrevivência, para poder provar que nós íamos governar bem o Brasil. E eu tinha clareza de que não podia errar, ou seja, nós tínhamos que dar certo, porque se nós errássemos ia demorar muito tempo para que um trabalhador pudesse governar o Brasil outra vez.

E eu vejo o mesmo para você, Maurício. Eu vejo o mesmo. Esse país aqui é um país que teve durante muito tempo uma conturbação política muito séria. Foram anos de guerra civil, de disputa. Muitas vezes esse país aqui também governado apenas por um segmento da sociedade, por um segmento político. E você, depois de muitas décadas, é a primeira... é a primeira pessoa que não é de origem dos quadros políticos antigos da (incompreensível) Salvador, nem da esquerda e nem da direita, que governa este país. Portanto eu acho que a chance que você tem, Maurício, é uma chance excepcional de fazer esse país, que tem uma base estruturada, intelectual, de mão de obra qualificada... a chance que você tem é de fazer com que esse país dê um salto de qualidade extraordinário nesses próximos quatro anos, já que você já está completando um ano de mandato, ou seja, em junho já completa um ano de mandato, portanto, passa a faltar apenas quatro anos.



E quero dizer aqui aos empresários de El Salvador e aos empresários brasileiros que o Brasil fará todo e qualquer esforço necessário para contribuir com o salto de qualidade que El Salvador tem que ter nesse próximo período.

E aí, Maurício, eu me pergunto sempre, e pergunto aos meus companheiros, qual o papel que um país do tamanho do Brasil tem que ter na relação com um país menor, como El Salvador?

Ora, eu tenho dito aos meus ministros de que uma relação produtiva, uma relação sadia, não é aquela em que o país detentor de mais tecnologia, detentor de mais recursos, queira apenas vender os seus produtos para o país menor. Essa é uma parte da nossa relação. Mas a parte sadia é: ao mesmo tempo em que um país maior quer vender, ele tem que criar as condições para comprar, para que haja um equilíbrio no fluxo da balança comercial entre os dois países. Que não haja um superávit, quase que uma supremacia, de uma nação sobre a outra na balança comercial.

E uma das coisas que nós temos tomado como decisão no Brasil é criar as condições de financiamento de indústrias brasileiras nos países menores, para que essa indústria brasileira possa gerar os empregos necessários no país e ao mesmo tempo exportar parte do produto fabricado no país para equilibrar a balança comercial. Essa tem sido, um pouco, a lógica da nossa relação comercial com os países menores. E nós sabemos que isso leva um tempo. Entre você pensar um projeto, financiar esse projeto, fazer uma fábrica e começar a produzir leva, às vezes, o tempo de um mandato de um presidente da República.

Mas estejam certos de que o governo brasileiro e os meus ministros têm a orientação e a determinação de que o equilíbrio bom e o comércio bom é aquele que seja uma via de duas mãos. Ou seja, que seja equilibrado, para que ninguém se sinta prejudicado na relação comercial. E, inclusive, não criar animosidade entre setores de investidores contra empresas de outros países ou multinacionais que queiram ocupar o espaço. Nós não queremos ocupar



espaço. Nós não queremos que as empresas brasileiras venham aqui e comprem todas as empresas de El Salvador. O que nós queremos é que as empresas brasileiras construam parcerias com as empresas de El Salvador. Na produção de biocombustíveis, por exemplo, onde nós temos uma extraordinária tecnologia, na produção de combustíveis de segunda e terceira geração, onde o Brasil tem tecnologia avançada, na produção de energia do bagaço de cana, da casca de cana onde o Brasil tem tecnologia avançada. O que nós queremos é construir parcerias com as empresas de El Salvador para que possamos crescer juntos e fazer com que os países se desenvolvam juntos.

Nós entendemos que, para que isso aconteça é preciso fazer algumas coisas: a primeira coisa que nós tomamos decisão, Maurício, no Brasil, foi crédito e financiamento. Eu dizia sempre o seguinte: o Brasil era um país capitalista de economia capitalista que não tinha nem crédito, nem financiamento. Então, não era possível você imaginar, sabe, um país governado a vida inteira por capitalista, precisou eleger um metalúrgico, que se dizia socialista, para compreender que não era possível um país capitalista ficar pobre e muito menos um país capitalista sem crédito e financiamento. Se não tiver circulação de moeda, não tem emprego, não tem renda, não tem desenvolvimento e não tem investimento. Essa era uma lógica primária que qualquer imbecil deveria saber. Mas a verdade é que não era assim. Eu vou dar um exemplo para vocês: quando em março de 2003, o Brasil inteiro, de 190 milhões de habitantes, tinha apenas R\$ 380 bilhões de crédito. Todo o crédito disponibilizado no Brasil era de apenas R\$ 380 bilhões. Sete anos depois, nós temos R\$ 1 trilhão 410 bilhões de crédito. O BNDES não conseguia financiar mais de R\$ 40 bilhões. No ano passado terminamos o ano com um financiamento de R\$ 139 bilhões. A Caixa Econômica Federal, que financia habitação, financiou, em março de 2003, R\$ 5 bilhões. Este ano, financiou R\$ 45 bilhões, ou seja, nove vezes mais.



Ora, então qual foi o milagre da economia brasileira? Por que nós enfrentamos a crise melhor do que os outros? Por que no ano passado, enquanto o mundo desenvolvido, tanto Estados Unidos quanto Europa, amargaram, cada um, mais de 7 milhões de desempregos, o Brasil gerou 950 milhões de novos postos de trabalho? Mil, não milhões. Por que esse mês de janeiro agora, enquanto ainda o mundo desenvolvido não recuperou, o Brasil já gerou, no mês de janeiro, 185 mil novos postos de trabalho? Ou seja, é a melhor geração de emprego de todos os janeiros da história do Brasil.

Ora, porque nós fizemos aquilo que nós achamos a coisa primária. Política tem uma coisa importante. Política tem uma coisa importante: política, tudo que é simples, e tudo que é normal de fazer, tudo que é aquilo quase que obrigação de fazer é o que dá resultado. A política complica quando você começa a inventar; a política complica quando você começa a teorizar coisas que são práticas.

O que nós fizemos no Brasil de milagre, Maurício? Nós colocamos dinheiro na mão do povo pobre. Primeiro criamos uma coisa chamada crédito consignado, ou seja, um crédito para uma parte da sociedade que não tinha crédito, e que esse crédito, o trabalhador dava como garantia o seu salário. E ele tomava o dinheiro emprestado e só podia comprometer, no máximo, 30% do seu salário. Aqui, parece que você fala *crédito em nómima*. Lá, é crédito dando como garantia o contracheque do trabalhador no final do mês, o salário dele. Ou seja, nós colocamos, em três anos, R\$ 105 bilhões no mercado, financiando pessoas que, habitualmente, nem entravam em banco.

Cada vez que nós aumentamos o salário mínimo, nós colocamos R\$ 20 bilhões a mais no mercado. Quando nós resolvemos dar R\$ 80,00 para o Bolsa Família, nós colocamos R\$ 12 bilhões no mercado. Essa somatória de dinheiro no mercado teria que resultar em alguma coisa. Nós saímos de R\$ 2 bilhões de financiamento da agricultura familiar para R\$ 15 bilhões. Ou seja, esse montante de dinheiro um dia começou a gerar consumo e, de repente, os



pesquisadores brasileiros começaram a descobrir que as classes D e E estavam consumindo mais do que as classes A e B – materiais de higiene, materiais de limpeza e comida. E os pesquisadores passaram a perceber que nas regiões mais pobres do País, onde os benefícios de transferência de renda eram mais fortes, o consumo estava maior do que nas regiões Sul e Sudeste do Brasil. Na verdade, esse foi o milagre brasileiro. As pessoas terem, por mais pobres que fossem, um pouquinho de recurso para comprar alguma coisa, comprar o essencial para sobreviver.

Bem, além de outros programas que nós fizemos de transferência de renda, que são muitos, eu posso dizer para os senhores que nunca houve no Brasil tanto crédito para o pequeno empresário, para o micro empresário e para o grande empresário como há hoje. Nunca houve tanto crédito disponível em nosso país. Porque prevaleceu a lógica de que a economia só pode funcionar se tiver crédito para financiar a própria economia.

Pouco tempo atrás, no Brasil, para você pegar algum dinheiro emprestado no banco, você levava três, quatro anos para ouvir dizer “não”. Porque se dissessem “não” em uma semana, você procuraria um outro banco. Mas levavam três anos para dizer “não”.

Bem, no Brasil nós tivemos uma vantagem: é que nós temos bancos públicos fortes. Nós temos uma rede de bancos públicos muito, muito forte. O banco que financia habitação e saneamento básico é um banco público – que é a Caixa Econômica Federal –, que é muito sólido. E ela trabalha com dinheiro do trabalhador, que é o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço. Depois alguém explica para vocês o que é o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço.

Nós temos o Banco do Brasil, que financia praticamente toda a agricultura brasileira – a pequena e a grande – e que financia crédito.

Quando veio a crise econômica, Maurício, quando veio a crise econômica o mercado de carro usado desapareceu. Ninguém queria financiar carro usado. Imediatamente, nós tomamos a atitude de comprar um banco que



financiava carro usado e que não tinha crédito. Compramos esse banco porque o Banco do Brasil não tinha *expertise* em financiamento de carro usado. E nós, então, compramos um banco privado... compramos não, fizemos uma sociedade meio a meio, 50 por cento para cada um. Em um ano o banco privado tem a presidência, no outro ano é o Banco do Brasil que tem a presidência.

Tivemos problemas com o Banco de São Paulo, compramos um grande banco em São Paulo. Compramos todas as carteiras de bancos pequenos que tinham dificuldade. Porque a verdade é essa, é que os bancos privados, os bancos privados brasileiros se acovardaram com a crise. Se acovardaram. Desapareceu o crédito. Nenhum grande empresário brasileiro, mesmo aquele que era cliente de um banco há 40 anos, conseguia crédito em um banco privado no Brasil, porque eles ficaram com medo. E quem apareceu para salvar? Foi o banco público que nós fortalecemos – o BNDES, que é o banco de desenvolvimento - que hoje é muito mais forte do que o Banco Mundial - a Caixa Econômica Federal e o Banco do Brasil.

Esse foi o milagre da multiplicação dos pães. E ao mesmo tempo incentivar... Esses empresários aqui, Maurício, sabem o quanto eu cobro deles, todo dia, investimento no exterior. Não é investimento nos Estados Unidos ou na Alemanha, não. Porque esses países já são grandes demais. Mas são investimentos onde a gente pode espriar distribuição de riqueza e fortalecimento do nosso continente, que é no Brasil, na América Latina, na América Central, na África, em países que nós temos uma supremacia tecnológica.

Pois bem, essa coisa toda que nós fizemos de crédito... eu não tenho nenhuma preocupação em dizer para vocês que foi o que fez o Brasil enfrentar a crise com mais soberania do que todos os outros países do mundo.

Bem, e, também, a tomada de decisões de um governo, Maurício, é uma coisa sagrada, Maurício. Às vezes a gente tem que fazer aquilo que parece



impossível de fazer. Os empresários brasileiros da área da construção civil, quando eu chamei para discutir o projeto Minha Casa, Minha Vida, os empresários disseram para mim: “nós só podemos assumir o compromisso de construir 200 mil casas”. Eu falei: 200 mil casas não é um grande programa. Eu quero um grande programa. “Ah, 500 mil casas”. 500 mil casas não é um grande programa, eu quero um grande programa. Anunciamos um milhão de casas.

Isso aqui eu acho importante que os nossos empresários conversem com os empresários de El Salvador, porque nós tivemos problema sério no banco: a quantidade de taxas de interesses que o banco cobrava... Era seguro disso, seguro daquilo, taxa disso, taxa daquilo... Nós tiramos praticamente tudo, e assumimos o compromisso que, para fazer casa popular, tem que ter subsídio do Estado, sim! A gente não tem que ter medo de dizer a palavra “subsídio” para resolver um problema crônico, que é o problema habitacional dos países de toda a América Latina.

E esse é um programa exitoso. Já temos mais de 330 mil casas em construção, já temos mais de 730 mil casas com projetos aprovados na Caixa Econômica Federal, e agora estou anunciando um próximo PAC, e vamos anunciar mais um milhão de casas no próximo período, que é para não parar mais.

Então, eu acho que tudo isso, Maurício, você pode construir junto com os empresários. Tem divergência? Tem. Chama de lado, conversa a divergência... Porque muitas vezes, também, muitas vezes, também, houve falta de conversa entre o setor empresarial e os governantes. Mesmo aqueles governantes que pareciam receber apoio dos empresários, não tinham diálogo. Não existia debate, discutir de projetos do País.

E o Brasil quer fazer isso. Queremos fazer isso abertamente, como fizemos com vocês aqui. E o Brasil quer apresentar projetos no setor energético, no setor de transporte, no setor do etanol, no setor da energia



elétrica. Ou seja, estamos dispostos a apresentar projetos, e construindo juntos. Nós já temos uma câmara de comércio El Salvador – Brasil, que eu vim falar aqui. Essa câmara tem que ser a indutora dessas reuniões. Ou seja, a cada semestre, vocês precisam se reunir para tomar um café, tomar um uísque, tomar uma cerveja, mas conversem meia hora pelo menos.

Quero dar parabéns à Taca, que está fazendo essa incursão pelo Brasil. Porque esse é um desafio que o Brasil tem de obrigar as empresas brasileiras a voarem para a América do Sul. Eu já cheguei até a ameaçá-los de tirar uma empresa pública de avião para cobrir a América do Sul e a África, já cheguei até a ameaçá-los. Mas como agora você está fazendo isso, como você está fazendo isso e eu só tenho onze meses de governo, nós vamos dar oportunidade para que a iniciativa privada... porque é engraçado, não tem voo. Se alguém quisesse vir para El Salvador, alguém tinha que ir para Miami. Ora, se eu for para Miami para fazer negócio em El Salvador, eu já faço o negócio em Miami. Por que eu vou vir aqui? Eu tenho dito aos empresários brasileiros: pelo amor de Deus, se a gente quiser fazer negócio com a África, não vamos a Londres, não vamos a Paris, vamos direto para a África. É lá que está o nosso comprador, o nosso parceiro. Porque é muito difícil o Brasil vender uma máquina sofisticada para a Alemanha, porque a Alemanha tem máquina mais sofisticada do que o Brasil. A tendência é a gente ir lá vender e ter que comprar uma. Mas na África, não.

Então, é essa lógica que eu acho que nós temos que construir entre o Brasil e El Salvador: a lógica da parceria, a lógica da... E podem, aqui, os companheiros de El Salvador contar comigo. Os meus companheiros brasileiros sabem que eu defendo esta tese, os meus ministros sabem que... uma coisa é os meus ministros da área social virem aqui a El Salvador ajudar o companheiro Maurício e ajudar o povo de El Salvador. Que leva tempo, demora, porque tem uma burocracia, porque tem toda uma série de coisas. A outra é investimento. O que conta na verdade para o desenvolvimento de um



país é investimento. E investimento significa que tem que ter crédito. E é por isso que o BNDES tomou a decisão de financiar empresas brasileiras no exterior, de financiar venda de caminhões e de máquinas agrícolas financiadas pelo mesmo sistema do Finame, no Brasil, que é para poder a gente não apenas ajudar mas também como faz a Marcopolo, montar empresas em outros países, montar empresas montadoras em outros países. Porque é isso que vai gerando confiança entre nós.

E eu acho que o século XXI tem que ser o século da América Latina. Aqui todo mundo, Maurício, todo mundo aqui tem experiência. Tanto brasileiro como el salvadoreño [salvadorenho]. Nós passamos a vida inteira achando que eram os Estados Unidos que iriam salvar os nossos países. Depois passamos mais um outro tempo achando que era a Europa que ia salvar os nossos países. Depois, agora, passamos um tempo achando que a China que ia salvar. Ninguém vai salvar ninguém. Cada um quer vender para nós. Os chineses, se puderem, eles vendem tudo o que quiserem para nós, até a gente ficar devendo o que não tem para eles, sabe?

Então, nós temos que construir entre nós, aproveitar as nossas similaridades e construir alguma coisa que não permita... Eu acho o mercado americano extraordinário para o Brasil e, certamente, extraordinário para El Salvador. Sabe, é extraordinário. Mas é importante que a gente não fique dependendo só de um outro país. Essa crise agora mostrou: quanto mais diversificada você tiver a sua relação comercial, mais chance você tem de não ser vítima de uma crise mundial em que o crédito desapareceu no mundo.

Então, eu queria que vocês, empresários de El Salvador e empresários brasileiros, tivessem a certeza de que da nossa parte nós queremos fazer coisas diferentes do que fizemos no século XX. E trabalhar, Maurício, para ver se a gente faz um acordo (incompreensível) e Mercosul. Ou seja, é uma desgraça o medo que nós temos de nós mesmos.

Na América Central, na América Latina, os empresários, no século XX,



tinham medo dos empresários brasileiros e não tinham medo dos empresários americanos. Era fantástico. Era fantástico, os empresários brasileiros eram vendidos como se fossem o demônio, Calderón fala isso toda vez. Ou seja, como é que pode os empresários mexicanos terem medo dos empresários brasileiros e não terem medo dos americanos, que estão ali, do lado deles?

Agora parece que as coisas começam a mudar. As pessoas estão compreendendo que ninguém precisa ter medo de ninguém. O que nós precisamos é construir parcerias entre nós, acordos que deem chance aos empresários dos dois países sobreviverem. E eu acho que é essa a novidade que nós poderemos construir com vocês.

Por isso, parabéns aos empresários brasileiros que vieram aqui. Parabéns aos empresários salvadorenhos. E parabéns, companheiro Maurício, pelos seus primeiros meses de governo. Um abraço.

(\$211B)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita à cripta do Monsenhor Oscar Romero

San Salvador-El Salvador, 26 de fevereiro de 2010

Bom, a luta de dom Oscar Romero tem muito a ver com a minha trajetória política. Exatamente nos anos 70 é que aconteceram grandes coisas nas mudanças políticas do Brasil. Nos anos 70, eu virei presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, em [19]78 fizemos as primeiras greves no Brasil, e em [19]79... Em 1980 criamos o Partido dos Trabalhadores. E tudo isso estava muito ligado a uma coisa chamada “Teologia da Libertação”. Ao que nós chamávamos de “igreja progressista” no Brasil, liderada por dom Paulo Evaristo Arns, por dom Cláudio Humes e por tantos outros bispos importantes da Igreja Católica brasileira. Dom Hélder Câmara...

Bem, e nessa história da igreja progressista tinha um homem aqui, em El Salvador, dom Oscar Romero, que era um símbolo da luta da Igreja na América Central. E quando foi anunciada a morte de dom Oscar Romero, ou seja, houve um grande baque em todos aqueles que lutaram por liberdade democrática no mundo.

Uma coisa que é sagrada e que os assassinos não percebem é que nós, cristãos, acreditamos num outro mundo, em uma outra vida, certamente melhor do que na Terra. E quando eles nos matam, assassinam apenas o nosso corpo. As nossas ideias continuam andando os continentes, passeando na mente das pessoas. E, certamente, quem foi responsável pela morte de dom Oscar Romero não teve a tranquilidade em vida que dom Oscar teve em morte.

E o que é mais profundo é que as ideias de dom Oscar Romero persistem até hoje. Em todo lugar do mundo que tem alguém que luta por liberdade, alguém que tenha uma ação política preferencial pelos pobres, dom Oscar Romero é lembrado, e, certamente, os assassinos dele não são



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

lembrados nem dentro de casa. Esse é o nosso conforto: de que vale a pena lutar por um mundo mais justo, como lutou dom Oscar Romero.

Gracias, companheiro Maurício. E gracias monsenhor por me permitir esses poucos momentos aqui, na Catedral de San Salvador.

(

(\$211B)